

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GALERA, A GENTE VAI BOMBAR!

Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE

RICARDO CRUZ MACEDO

Campina Grande-PB,
Fevereiro de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS



GALERA, A GENTE VAI BOMBAR!

Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE

Ricardo Cruz Macedo

Orientador: Prof. Dr. Jesus Izquierdo

Campina Grande-PB,

Fevereiro de 2016

RICARDO CRUZ MACEDO

GALERA, A GENTE VAI BOMBAR!

Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Jesus Izquierdo

Campina Grande-PB,

Fevereiro de 2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M141g Macedo, Ricardo Cruz.
Galera, a gente vai bombar! sociabilidades juvenis nas
quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte - CE / Ricardo Cruz
Macedo. – Campina Grande, 2016.
133 f. : il. color

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota."
Referências.

1. Quadrilhas Juninas. 2. Juventudes. 3. Sociabilidades.
4. Protagonismos. 5. Vida Urbana. I. Villota, José Maria de
Jesus Izquierdo. II. Título.

CDU 394.3(043)

RICARDO CRUZ MACEDO

GALERA, A GENTE VAI BOMBAR!

Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE

Dissertação apresentada em 25-02-2016 a banca composta pelos seguintes professores:

Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota (Orientador)

Dr. Vanderlan Francisco da Silva (Avaliador interno)

Dra. Tereza Correia da Nóbrega Queiróz (Avaliadora externa)

Dedico a João Lucas, meu primeiro sobrinho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um desafio quando temos a certeza de que as palavras são insuficientes para nos expressar. Como reconhecimento e gratidão, dedico estas linhas àqueles que deixaram meus dias mais tranquilos e inspirados não apenas durante a elaboração deste trabalho que encerra um ciclo de grandes aprendizagens em minha vida, mas também, durante todo o período do meu mestrado.

Primeiramente, a Deus por me fazer perseverar na fé e na força para que tudo desse certo. Por me permitir enxergar a doçura na vida mesmo nos momentos que pareciam difíceis. Sempre tive a confiança que estava comigo, me amparando e fazendo seguir com muita vontade de doar o melhor de mim.

Sou grato aos meus amados pais, Francisco e Mariana, que me ensinaram a valorizar a educação. Dificuldades minhas foram sempre compartilhadas com vocês que me instruíam com tanto zelo e carinho, fazendo com que eu acreditasse em mim mesmo. Aos meus familiares, especialmente aos meus irmãos, João Paulo, Artur, Henrique, Marina e Karolina, e aos meus queridos avós, Vicência e José, obrigado pelas palavras de conforto, pela preocupação e cuidado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jesus Izquierdo, pelo incentivo desde a minha chegada a Campina Grande, por me acompanhar na produção desta pesquisa de forma tão preciosa e apurada. Não tenho dúvidas do quanto me foram e serão importantes seus ensinamentos. Obrigado aos professores Dr. Vanderlan Francisco e Dra. Tereza Correia, tão presentes e disponíveis desde as ideias iniciais para o projeto de pesquisa e a qualificação, oferecendo valiosas contribuições a minha formação. Também reconheço o quanto foram instigantes as aulas que tive com os demais professores do PPGCS/UFCG.

A minha noiva, Apoliana, pelos longos e muitos momentos que me fez ter serenidade e sabedoria nas palavras, nos gestos e na vida. Por sua cumplicidade, apoio, companheirismo e amor, por ter tornado meus dias cheios de alegria, me fazendo ser sempre alguém melhor.

Aos jovens da Agremiação Junina Cariri, que me permitiram viver consigo tantas histórias. Por me ensinar sobre um São João tão contente, por me confiar seus segredos, anseios, sonhos e dificuldades. Saibam que este texto é tanto meu quanto de vocês. Obrigado por ter me motivado a tantas ideias quando provocavam minha percepção, por ter me ajudado a crescer como profissional, mas, sobretudo, como pessoa.

Aos amigos em Campina Grande, que dividiram a sala de aula e o cotidiano comigo, por ter feito dos encontros momentos tão agradáveis, compartilhando o que os havia de melhor.

Enfim, a estes e a tantos outros, presentes ou não aqui, só posso dizê-los, obrigado por ter contribuído nesta experiência extremamente gratificante e transformadora do meu ser.

RESUMO

Tomando como caso de observação as experiências e práticas juvenis vividas no universo das festas e quadrilhas juninas, objetivo neste estudo elaborar uma compreensão sobre as sociabilidades e protagonismos onde os jovens são os atores centrais. Interessa ainda refletir como tais grupos são apropriados pelos jovens em termos de modos de pertencas e de maneiras de identificação, podendo, ou não, constituir estilos de vida por eles mediados nos espaços urbanos. Para tanto, específico a Agremiação Junina Cariri, na cidade de Juazeiro do Norte-CE, como espaço de pesquisa empírica. O referido grupo é constituído por cerca de cinquenta jovens, entre os quais, trinta e dois são *brincantes*. Residentes em bairros diversos da cidade mencionada, o perfil etário dos sujeitos de pesquisa varia entre 15 e 30 anos de idade. Ofereço uma análise sobre a categoria juventude e a articulação juvenil para fazer com que a quadrilha junina promova suas apresentações e seja socialmente reconhecida. Discuto as festas juninas através dos festivais institucionalizados na cidade e como possibilidade de construção de espaços de visibilidades aos jovens a partir das apresentações. As quadrilhas, por sua vez, são *lócus* de extremo convívio entre os jovens, ultrapassando os momentos do ciclo junino entre os meses de junho e julho. A pesquisa de caráter qualitativo tem como base metodológica a etnografia, sobretudo, a observação participante, e ainda, entrevistas e questionários. O texto está estruturado em quatro capítulos, nos quais, problematizo os aspectos metodológicos, bem como tenciono as categorias festas juninas na cidade, jovens, juventudes, sujeitos juvenis, sociabilidades e protagonismos.

Palavras chaves: Juventudes. Quadrilhas juninas. Sociabilidades. Protagonismos. Vida urbana.

ABSTRACT

Taking as a case of watching the youthful experiences and practices experienced in the world of parties and bonfire gangs aim of this study develop an understanding of the sociability and protagonisms where young people are the central actors. It is also important to reflect on how such groups are appropriate for young people in terms of belonging modes and means of identification, but who do not constitute lifestyles they mediated in urban areas. To this end, specific to Agremiação Junina Cariri in the city of Juazeiro do Norte - CE, as empirical research space. This group consists of about fifty young people, including thirty-two are *brincantes*. Residents in several neighborhoods of that city, the age profile of research subjects varies between 15 and 30 years old. I offer an analysis on youth and juvenile joint to make the June gang promote their presentations and be socially recognized. Discuss the June festivals through the institutionalized festivals in the city and how the possibility of building visibility spaces for young people from the presentations. Gangs, in turn, are locus of extreme living among young people, surpassing the june cycle times between the months of June and July. The qualitative research is methodological basis ethnography, especially the participant observation, and also interviews and questionnaires. The text is divided into four chapters, where and questioning the methodological aspects and intend the June festivities categories in the city, youth, youth subjects, sociability and protagonists.

Key Words: Youths. Gangs bonfire. Sociability. Protagonisms. Urban life.

LISTA DE SIGLAS

AJC (Agremiação Junina Cariri)

FEJUC (Federação dos Eventos Juninos e Culturais)

FEQUAJUCE (Federação de Quadrilhas Juninas do Ceará)

SECRM (Secretaria de Cultura e Romaria de Juazeiro do Norte)

SESC (Serviço Social do Comércio)

URCA (Universidade Regional do Cariri)

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Quantidade de jovens por idade.....	29
Tabela 02: Quantidade de jovens com/sem atividade remunerada.....	29
Tabela 03: Quantidade de jovens por grau de escolaridade.....	30
Tabela 04: Composição do grupo familiar dos jovens.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

Capítulo I

DILEMAS DE CAMPO E AS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA	22
1.1- Objeto de estudo: Os sujeitos e a estruturação deste universo.....	27
1.2- Estratégias de aproximação.....	40
1.3- Definições da metodologia utilizada.....	44

Capítulo II

FESTAS JUNINAS: Alguns fundamentos discursivos e significativos	51
2.1- A espetacularização da festa e a ‘ <i>produção cultural</i> ’ quadrilheira.....	57
2.2- O que dizem os jovens sobre as festas e quadrilhas juninas?.....	64
2.3- Festivais juninos em Juazeiro do Norte e Cariri cearense.....	68

Capítulo III

JUVENTUDES: A demarcação dos sujeitos nas práticas e experiências	74
3.1- Juventudes, jovens e sujeitos juvenis enquanto categorias de análise social.....	80
3.2-As distinções grupais e o jogo de reafirmações de pertença à quadrilha junina.....	86
3.3- “ <i>Vai caçar o que fazer menino!</i> ” As questões de conflitos.....	92

Capítulo IV

“ISSO AQUI É UMA DIVERSÃO COM RESPONSABILIDADE”: Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas	99
4.1- “ <i>A galera da quadrilha é uma família pra mim</i> ” Usos do tempo na sede, ensaios e cotidiano.....	106
4.2- “ <i>A gente se vira</i> ” Pedágios e outras estratégias de arrecadação financeira.....	112
4.3- Hoje é dia de festival: As quadrilhas juninas e as apropriações do urbano.....	116
4.4- “ <i>A alegria do povo é nossa recompensa</i> ” As performances grupais e os processos de reconhecimento social.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....127

ANEXOS.....132

INTRODUÇÃO

Tecendo a análise de categorias como práticas culturais, sociabilidades e protagonismos, e tendo a cidade como espaço de experiências, proponho no presente estudo, uma compreensão das juventudes a partir de diversas vivências em grupos culturais¹, mais especificamente, as quadrilhas juninas de Juazeiro do Norte - CE. Tais grupos são tratados como locais de apropriações pelos jovens, os quais estabelecem dispositivos de circulação, pertencimento e articulação entre si nos espaços em que vivem, construindo formas de adesão e identificação, e redes de sociabilidade na referida cidade. Ao evidenciar as práticas e experiências nas quais os jovens estão imersos, problematizo os modos como tais sujeitos se relacionam e significam suas vidas nos espaços sociais. Reflito os modos como essas experiências juvenis se expressam coletivamente, construindo estilos de vida manifestados simbolicamente através de determinados elementos materiais e imateriais escolhidos como símbolos de identidade dos grupos que caracterizam as diversas práticas culturais juvenis.

Como temática de compreensão social, as juventudes têm sido encaradas nas Ciências Sociais como um campo sinalizador de distintas dinâmicas da vida social. Aqui, as concebo a partir de relações estabelecidas e reafirmadas nas quadrilhas juninas, verificando como tais sujeitos assim designados são construídos socialmente como jovens através da idade, do consumo do tempo em determinadas práticas sociabilidades, das “exigências” sociais, entre outros marcadores. De tal maneira entendo como Juarez Dayrell (2003, p.03) que a juventude seja construída socialmente, elaborada sobre atributos para além daqueles biológicos e etários.

No debate sociológico que trata a juventude, o que se verifica é que há modos diversos da tarefa de definição do conceito de jovem, juventude e indivíduos juvenis. A partir de leituras elaboradas, constatei que não há um único caminho que possa abraçar a polissemia dessa categoria, sendo encontradas diferentes juventudes e diferentes maneiras de olhar essas juventudes, às quais correspondem diferentes teorias.

Corroborando a questão, Pierre Bourdieu (1983, p.02) sugere que a compreensão juvenil não deve ser pensada encarando a juventude como um dado em si mesmo, mas, uma construção social a partir das lutas entre o ser jovem e ser velho. Para Juarez

¹ No capítulo III, clareio a maneira como agencio a categoria *grupo cultural*. Importa dizer aqui que me refiro aos termos *agremiação*, *quadrilhas juninas* e *grupos* como sinônimos. Eles expressam, nesse caso, o coletivo juvenil em torno das práticas do ciclo junino.

Dayrell (2010, p.03), a categoria juventude é dinâmica e marcada pela diversidade², transformando-se na medida das mutações sociais que ocorrem ao longo da história. Na realidade, o que há são jovens enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo os mais determinados contextos socioculturais onde se inserem.

Delimito o sentido de ser jovem para trabalho a partir das tensões geracionais, marcado não apenas pela idade, mas por práticas que socialmente caracterizam os ciclos biológicos da vida, tais como: consumo do tempo em experiências de lazer e sociabilidade, como que as descritas nas quadrilhas juninas. Tal modelo de prática permite visualizar certas “caracterizações” na socialização juvenil e, logo, um tipo de ser jovem. De outro modo, na medida em que a própria juventude é uma categoria explorada diversamente, o tempo dedicado pelos jovens aos grupos juninos serve de base para entender um tipo de sujeito na discussão desta categoria. Em contrapartida, as vivências grupais dos jovens se dão em conflitos com outros grupos sociais, como a família, que projeta marcadores sociais como o ingresso nos estudos e/ou nas formas de trabalho remunerado.

A abordagem sobre os jovens nos grupos culturais é elaborada aqui a partir da observação das práticas aos festejos juninos, singularmente, pelo acompanhamento realizado às quadrilhas juninas. Seguindo a proposta de Lúcia Rangel (2008, p.15), este ciclo festivo exerce significativa representatividade cultural no calendário das comemorações no Brasil, onde o dia de São João, segundo a tradição, juntamente com o Natal e a Páscoa, é considerado uma das maiores festas, sobretudo, no nordeste do país.

As festas juninas marcam um período de celebrações e práticas sociais que, para além das especificidades locais e regionais, atravessam diversos espaços, indo desde o marcante traço da ruralidade tradicionalizada, até as versões mais prolíferas e agregadoras de apropriações significativas, como os festivais de quadrilhas juninas nos espaços urbanos. Conforme Hayesca Barroso (2013), uma compreensão sobre as práticas sociais que envolvem as festas juninas na atualidade implica considerar seus aspectos religiosos de celebrações aos santos, suas características ligadas às tradições do campo e das colheitas, mas, enfaticamente, as transformações pelas quais elas passaram nos últimos tempos. Dessa forma, algumas cidades tornaram-se o espaço por excelência da gestação de mudanças nas comemorações dos festejos juninos ao corroborar para a institucionalização dos festivais de quadrilhas juninas. Avalia-se com jurados técnicos

² Para além deste autor, esta proposição vai ser o solo epistemológico de outros teóricos da juventude, como Machado Pais (2003) e Romero Maia (2008).

as performances dos grupos através de quesitos, tais como: casal de noivos, repertório musical, harmonia, tema abordado, entre outros, oferecendo prêmios aos mais bem produzidos.

Tal processo de transformações colaborou para a construção de maneiras distintas de experiências e significações dos festejos juninos, revestindo-os em um conjunto discursivo, quer seja no âmbito da academia, quer, especialmente, fora dela. São João, principal expoente, tem uma noite quente e acesa pelas chamas das fogueiras e fogos, marcadas pelas danças de quadrilhas juninas e pelas fartas comidas típicas. Nesta perspectiva, Elizabeth Lima (2010, p.57) encara que antes de quaisquer outros sentidos, estas festas são um importante acontecimento, um folguedo que significa entretenimento, instrumento de fomentação à socialização.

Para esta análise, acompanhei um grupo de brincantes por um período de tempo maior que o das apresentações no mês de junho, o “mês de São João”, entendendo que a extensão temporal dos festejos juninos ultrapassa o referido mês. O tempo de preparo dos brincantes se alarga por um longo período do ano, contribuindo para uma série de encontros ocasionais, ensaios coreográficos e reuniões, onde os jovens pesquisados estabelecem e reafirmam uma rede de pertencas pelo cotidiano na cidade. Entre outros aspectos, destaco a importância sociológica dos encontros dos brincantes, os quais fazem das quadrilhas um espaço privilegiado de socialização.

Em tais encontros, as relações de sociabilidades são (re) elaboradas na proporção em que o grupo se torna local de referência para ver e conviver com os pares, se alegrar, manter confiabilidades, estabelecer planos juntos e associação/dissociação na urbanidade. É também na afirmação das pertencas que se estabelecem interna e, sobretudo, externamente, às quadrilhas juninas, determinados conflitos e disputas pela representatividade e visibilidade através das diversas apresentações.

Com base no aspecto grupal em que são produzidas as quadrilhas juninas, as experiências e práticas dos jovens nestes espaços na cidade tornam-se ferramentas que auxiliam a formular uma compreensão destes sujeitos a partir de suas próprias relações e das representações sociais que são construídas sobre eles. Se as sociabilidades nos convidam a adentrar em um mosaico de relacionamentos vividos pelos jovens nos seus espaços, corroboro Lúcia Rangel (2008, p.22) quando afirma que elas servem ainda de características para compreensão de práticas sociais que envolvem os festejos juninos nas suas distintas dimensões na sociedade brasileira.

Nos diversos encontros ao longo do ano, os jovens instituem linguagens próprias nos espaços das quadrilhas juninas as quais pertencem. A presença, a participação e o cumprimento de uns aos outros se evidenciam como mecanismos de reafirmação do jovem como parte do grupo e como brincante, ou quadrilheiro³ junino. Diversos assuntos, conversas, significados, subjetividades, corporificam uma sociabilidade do tipo amigável, gerando satisfação pelas presenças em estar entre pares jovens e compartilhar as experiências que delas podem ocorrer, onde o lúdico se torna um traço seminal.

A sociabilidade juvenil se traduz em diferentes maneiras de consumo do tempo e na apropriação dos espaços urbanos. Nesse sentido, o grupo cultural da quadrilha junina assume-se como um dos espaços sociais que fornece aos agentes que dele participam, referenciais de pensamento, ação e sentimento que podem ser úteis no processo de construção de sua identidade, no sentido em que o grupo assegura a possibilidade de que cada um de seus membros projete sua identidade (Dayrell, 2010, p.05). Nas quadrilhas, os jovens almejam reconhecimento. Para satisfazer esse desejo, onde muitos deles são “invisíveis” perante a coletividade, os jovens brincantes se apresentam enquanto artistas através do “amor” ao São João. Eles querem também ter um lugar de visibilidade e ser notados socialmente pelo que fazem.

A construção da quadrilha junina pelos próprios jovens, indicada na confecção de figurinos, cenários, na negociação de espaços para ensaios coreográficos, de recursos econômicos necessários, reverbera o que aqui defendo como protagonismo. O conjunto destas e de outras ações singularizam as apresentações, onde, a partir da localização no grupo, o jovem intui que tenha a possibilidade de se expressar, de ser ele mesmo e causar impacto no corpo social, de poder “bombar”. O sentido de protagonismo juvenil ganha conotação como construção e agência de performances dos/nos próprios espaços de relações entre, e para os jovens. São esses próprios sujeitos os responsáveis durante o ano pelas condições necessárias que possibilitam legitimar os seus grupos como distintos e representativos no universo das manifestações culturais do período junino em que concorrem.

³ A Lei Federal nº 12.390, de 03 de março de 2011, institui o dia 27 de junho como o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino e o define como o profissional que utiliza meio de expressão artística cantada, dançada ou falada, transmitido por tradição popular nas festas juninas. Utilizo o termo *brincante* como homólogo a *quadrilheiro junino*, aludindo não ao sentido profissional, mas, ao conjunto de significados elaborados pelos jovens pesquisados como o de dançante e representante das festas juninas.

As quadrilhas juninas têm uma estrutura organizacional com caráter hierarquizado. As funções mais representativas denotam o poder que dispõe o agente que as executa. Em outras palavras, o exercício do poder está relacionado com os papéis desempenhados na sua organização. A realização de atividades como criação temática, texto do teatro envolvido, repertório musical, coreografias, figurinos, dança, entre outras ações, possibilitam maior ou menor brilho dos agentes sociais. Neste contexto, inclui-se a disposição das falas representativas sobre o grupo, onde se percebe a ligeira eleição dos jovens líderes para as emissões de opiniões no arranjo das ideias com que se quer anunciar o coletivo. Contudo, é no engajamento dos sujeitos e na harmonia do exercício de suas funções onde o sentido de grupo, de vida coletiva, tem relevância, revelando as singularidades e diferenciações nas formas de organização. Delineio a categoria protagonismo como a maneira de compreender a produção dada pelos próprios jovens do grupo através de uma visualidade e expressividade que elege ritmo musical e coreográfico, tema e texto teatral, e figurino, como aspectos centrais para que se tenha visibilidade a partir das performances nos festivais.

A cidade aparece como um espaço sublime para as apresentações das quadrilhas juninas ao fomentar as ocorrências dos festivais institucionalizados. Ela expõe-se como o centro de práticas e possibilidades onde as quadrilhas se apresentam aos públicos através de processos que incluem discursos e práticas tradicionalizadas como justificativas as suas performances e, ao mesmo tempo, reconfigurações e reapropriações significativas do seu imaginário cultural.

Sublinho como preocupação central de estudo, compreender a construção das práticas de sociabilidades e protagonismos nas quadrilhas juninas e como estas são apropriadas pelos jovens em termos de modos de pertencças e de maneiras de identificação, podendo, ou não, constituir estilos de vida por elas mediadas nos espaços urbanos. Parto de hipóteses nas quais o envolvimento juvenil em tais grupos possa expressá-los como locais de uma formação de laços pessoais de afetividades bem como que permitem aos jovens articulados, se expressarem, buscarem visibilidade e manifestarem-se na vida social cidadina através das práticas grupais nas quadrilhas juninas. Além destas, entendo que estes grupos culturais tornam-se pontos de referência para ocupação do tempo e identificação dos jovens, conferindo-se como espaços de práticas férteis para compreensão de um modelo de protagonismo juvenil, estruturado sobre a articulação de relações próprias entre tais sujeitos.

Tomando como caso de pesquisa a quadrilha Agremiação Junina Cariri, de Juazeiro do Norte-CE, objetivo formular uma compreensão sobre sociabilidades e protagonismos através das práticas e experiências juvenis vividas nestes espaços. Busco ainda analisar a categoria geracional juventude através dos agentes que compõem o universo empírico de pesquisa. Entre outros, foram os seguintes questionamentos que direcionaram o percurso de pesquisa: Quais as implicações sociais sobre os jovens pelo fato de participarem de quadrilhas juninas? Como os modos de pertencimentos aos referidos grupos se constituem em maneiras de identificação e de estilos de vida? Como se organizam na cidade para produzir e apresentar o grupo?

Destas perspectivas anunciadas, acredito que o objeto, da forma como aqui é demarcado, tem relevância não apenas do ponto de vista acadêmico, mas, como investida que abre perspectivas de compreensão da vida social a partir do mergulho no universo das práticas juvenis. De tal modo, a pesquisa sociológica é traçada por uma objetividade relativa na qual o envolvimento aprofundado com os sujeitos no campo, mesmo orientado metodologicamente, torna, em muitos casos, inevitável uma relação de aproximação que se deseja sólida.

Para as Ciências Sociais, as categorias que envolvem este estudo têm se mostrado pertinentes ao debate. Perspectivas como sociabilidades e protagonismos, vida urbana, práticas culturais e dinâmicas em grupos, pensadas a partir das experiências juvenis, fundamentam a construção da análise. A problematização que teço torna-se uma possibilidade de conhecimento e compreensão sobre a diversidade de práticas sociais e culturais presentes nos espaços urbanos. As quadrilhas juninas deixam de ser percebidas apenas por seus traços culturais, mas, como *lócus* de importantes vínculos sociais, de sociabilidades, de afetividades e conflitualidades em meio aos contextos da cidade.

Estruturei o texto em quatro capítulos. No primeiro, *Dilemas de campo e as trajetórias de pesquisa*, destaco as experiências vivenciadas em campo e a construção do meu olhar orientado pelas Ciências Sociais. Descrevo o objeto social de estudo, revelando dados sobre os seus membros brincantes e lideranças. Em seguida, desnudo estratégias utilizadas no processo de produção dos dados, esclarecendo reações e impressões entre os envolvidos no processo. Encerro o capítulo abordando a metodologia utilizada na pesquisa.

No segundo, *Festas Juninas: Alguns fundamentos discursivos e significativos*, abordo os festejos juninos e a configuração social que adquiriu no espaço cultural brasileiro através do seu caráter lúdico e de estreitamento de laços sociais, assumindo-

se, em certa medida, como marcador discursivo sobre a região nordeste do país. Encarando a espetacularização das festas juninas como processo construído na cidade, elaboro uma reflexão sobre a quadrilha enquanto “produto cultural” a partir dos efeitos de estilização e ressignificação nas suas estéticas. A partir do objeto empírico estudado, verifiquei que estes processos de transformação na qual tem se apresentado as festas juninas tornam-se motes justificadores do agenciamento que aproxima e envolve os jovens a estas práticas. Ênfase apropriações significativas atribuídas pelos sujeitos estudados sobre as festas e quadrilhas juninas, e discuto os festivais juninos a partir da cidade de Juazeiro do Norte e da região do Cariri cearense.

O terceiro capítulo, *Juventudes: A demarcação dos sujeitos nas práticas e experiências*, é dedicado a uma reflexão sobre a categoria transversal no estudo, jovens/juventudes. A escrita é tencionada pelas abordagens de teóricos da Sociologia das juventudes e dos próprios jovens por eles mesmos a partir das experiências e práticas em torno dos festejos e quadrilhas juninas. Procuo observar nos discursos de tais sujeitos a elaboração de distinções em relação a outros grupos e a (re) afirmação dos laços sociais como mecanismos de pertencimento que reverberam conflitos entre os grupos juninos. Ressalto ainda conflitos vividos no interior do grupo e na relação dos jovens com outras gerações, acentuando, em particular, o caso da família.

No quarto e último capítulo, *“Isso aqui é uma diversão com responsabilidade”*: *Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas*, trabalho as categorias sociabilidades e protagonismos nas dimensões dos distintos encontros do grupo especificado e das apresentações públicas. Ofereço o registro dos dados coletados em minhas vivências da observação participante. O mês de junho representa apenas a síntese, a apoteose de todo o trabalho criado nas constantes repetições das músicas dançadas, nas construções dos passos coreográficos, no estabelecimento dos objetivos para culminar nas visibilidades diante dos públicos. A partir da noção que os jovens projetam a quadrilha junina como um espaço familiar, esboço uma reflexão sobre os usos do tempo no grupo. Contextualizo ainda os mecanismos de arrecadação financeira, acentuando o caso dos pedágios nos semáforos. Problematizo estratégias de apropriação dos espaços urbanos nos dias de festivais como um modo de olhar os jovens através das suas circulações pela cidade e, por fim, as performances grupais nos processos de reconhecimento social.

Capítulo I

DILEMAS DE CAMPO E AS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA

A construção de um objeto não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato inaugural. É um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções e emendas.

Pierre Bourdieu

A pesquisa empírica é mais do que a permanente presença no espaço daqueles com os quais nos relacionamos como pesquisadores. Ela é fortemente atravessada por um conjunto de sensações que envolvem negociações, escutas, cobranças, prestezas, clarezas e observações recíprocas. No sentido de me posicionar epistemologicamente com os campos de relações estabelecidas (Alves, 2011, p.21), apresento neste capítulo as experiências percorridas na pesquisa, expondo traços seminais na construção do estudo.

O exercício de olhar perto e de dentro, de compreender os jovens nos seus espaços e tempo tornou-se indispensável. Esse processo me favoreceu desnudar as relações rotineiras, esclarecer as formas de acesso ao grupo, os conflitos internos e externos, os modos de significação das práticas desenvolvidas. Nesse interim, foi necessário enxergar de modo profundo questões próprias ao espaço de pesquisa.

Paralelamente, exigia-se atenção ao caráter relacional com que devia tratar o grupo dentro das dinâmicas em que se inscrevia. Os sujeitos de pesquisa se descortinavam passo a passo dentro de seus significados e relações sociais. Isso demandou considerar para além da quadrilha junina especificada com a qual passaria a produzir os dados de pesquisa, outros grupos envolvidos no universo junino, a saber, as famílias dos jovens e as instituições⁴ promotoras dos festivais. De tal modo, pensar nas atividades desenvolvidas pelos jovens a partir das suas relações com outros grupos e instituições auxiliou a problematizar como a própria quadrilha junina, mesmo diante de suas singularidades, construía suas performances, tema, repertório musical, figurinos, em atenção às lógicas compartilhadas e modeladas pelos festivais. Refiro-me aos editais normativos, aos quesitos de pontuação, aos temas abordados, aos passos coreografados em harmonia, entre outras questões.

⁴ Destaco as instituições SESC e SECROM como os agentes produtores dos festivais de quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte.

Os contatos que estabeleci com os sujeitos no espaço de pesquisa, a Agremiação Junina Cariri, foram resultantes de circulações e análises⁵ desenvolvidas anteriormente em Juazeiro do Norte. Em tais estudos, os jovens foram focalizados sobre outras perspectivas e questões que não as da temática dos festejos juninos. Tal mudança de ângulo me solicitou reorientar o olhar através de uma abordagem bibliográfica e metodológica específica na relação com a problemática sociológica e com os novos sujeitos de pesquisa.

Favorecido por esta mediação, também foi um aspecto justificativo da aproximação com o grupo demarcado a sua singular composição juvenil, demonstrando-se como um espaço fértil de relações entre jovens que vinham de bairros diversos da cidade, levando a encará-lo como profícuo a produção do estudo. Para além destas questões, os festejos juninos, como tema de pesquisa, têm sido para mim academicamente instigante. A compreensão dos significados das práticas envolvidas em sua composição, as nuances das interações sociais que nele se tecem, torna-se um fio confiável para seguir as práticas culturais que se realizam no nordeste brasileiro e, conseqüentemente, para compreensão dos modos de vida que se desdobram em um cenário social específico no qual me situo. Desde o começo da pesquisa, acreditava saber que me defrontaria a um universo que fazia parte de minha própria socialização, entendendo, porém, que ele estava além do que já tinha vivido entre as muitas fogueiras e quadrilhas de rua que presenciei e participei.

Os primeiros contatos para a pesquisa ocorreram no dia 16 de julho de 2014. Como uma fase exploratória, a intenção era manter aproximação para a entrada posteriormente definitiva. Este momento se constituiu em um primeiro reconhecimento com os jovens, sobretudo os líderes/coordenadores.

No dia 29 de janeiro de 2015, passei para uma fase mais próxima e intensa de acompanhamentos. A partir deste momento, frequentei continuamente os diversos encontros nos quais os jovens mantinham atividades na quadrilha junina. Essa atitude viabilizou verificar as diretrizes que aos poucos iam modelando o grupo enquanto quadrilha junina a partir das ações de criação temática, negociação dos locais adequados para os ensaios coreográficos, primeiros encontros, dentre outras.

⁵ A análise citada compôs a monografia intitulada *Lembranças juvenis: Relações geracionais e espaços de sociabilidades em Juazeiro do Norte* (Macedo, 2013), apresentada ao curso de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri-URCA.

O período de produção dos dados em campo compreende-se do final de janeiro até meados de julho de 2015, tendo o final do mês de junho como momento ápice dos festejos juninos. De antemão, imaginava que para desenvolver a pesquisa tornava-se indispensável partir para as experiências das trocas e interações, nas quais, o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever* passariam a constituir a base da captura etnográfica a ser desenvolvida. As imersões, contatos e experiências vividas me permitiram uma análise sociológica aonde ia sendo convocado a estar consciente de mim mesmo como sujeito entre outros sujeitos, como propõe Norbert Elias (2005, p.16) para entender do que trata a Sociologia. Neste mesmo sentido, confirmava o quanto à experiência de pesquisa nas Ciências Sociais é vivida dentro de suas particularidades específicas para a produção do conhecimento científico, onde o pesquisador atua com conceitos adequados a compreensão das singularidades sociais (*Idem*, p.18).

Foi sendo necessário não apenas ocupar o lugar de pesquisador, pois, enquanto tal, o acesso a códigos compartilhados, aos instantes de conversas atravessados pelas lógicas próprias aos sujeitos do grupo, poderiam não ter a “eficácia” desejada. Mesmo não sendo o nativo, como lembra Clifford Geertz (2008, p.10), no sentido de não me identificar como brincante, inúmeras vezes fui convidado a dançar no grupo, a ouvir as reuniões, a entrar nos círculos de orações⁶ que marcam o encerramento dos encontros nas diversas atividades. Certamente, estas sensações permeiam e traduzem formas de impressões nas quais os jovens foram construindo para que pudessem me identificar em seus meios.

Tornou-se evidente que a presença não meramente física, mas, ativa, se constituía numa moeda de troca nas relações com os jovens. Estratégias de pesquisa ou não, a aproximação empírica é uma ténue e complicada linha de interação, pois, enquanto pesquisador, tive, em muitas vezes, a percepção de que a objetividade na pesquisa requeria como parte na construção de si, uma subjetividade nas relações, o que exigiu buscar se aproximar da forma mais clara, agradável e “próxima” possível no processo de construção dos dados. A seguir, destaco dois trechos extraídos de diários de campo em que a interação de pesquisa demonstra como os jovens concebem meu papel e presença entre eles. Este primeiro é referente ao início das atividades para o ano de 2015.

⁶ O círculo das orações representa o momento dos agradecimentos pela realização das atividades. Serve ainda como instante integrador entre os jovens uma vez que todos os presentes, brincantes e lideranças, ou não, são convidados a participar. Essa ação do grupo pode vir a contribuir como marcador social das práticas religiosas dos jovens ao proferirem-se orações católicas, como o Pai Nosso e a Ave Maria.

Tarde do dia 16 de fevereiro, recebo uma ligação de Paulo⁷. Distante do espaço de pesquisa, em um momento que não ocorriam atividades da quadrilha, sua voz soava aflita. Paulo me comunicava que a Agremiação Junina Cariri não realizaria mais seu projeto junino para 2015. Explicou-me que Alexandre, principal líder do grupo, estava atravessando problemas pessoais, tendo avisado aos demais líderes que os deixaria. Pensei na importância que Alexandre tem e como é centralizada em si a direção do grupo. Paulo, para minha surpresa, pediu desculpas, pois considera que a pesquisa já em andamento é importante para mim e que seria eu o mais prejudicado com o fim da quadrilha. Agradei sua atenção, demonstrando tristeza pelo grupo, mas disse que eles sim sofreriam mais. Em seguida, Paulo me convida para uma reunião na próxima data marcada para atividades, a quarta feira seguinte, onde ele e os demais líderes definiriam a situação da quadrilha junina (Trecho extraído de Diário de campo, 16-02-2015).

Este outro trecho se refere a uma situação na qual os jovens estão prestes a iniciar as apresentações nos festivais do ciclo junino, em meados do mês de junho, onde presencie uma reunião dirigida por Alexandre.

Nesta reunião, em meio a descrições pessoais proferidas pelo líder a cada um dos jovens do grupo, fui caracterizado da seguinte maneira pelo mesmo; “o cara que chegou como pesquisador, mas, que nos ajuda, comprando uma rifa, escutando, muitas vezes, as coisas que a gente diz, anotando num caderninho pequeno, sendo paciente. Se tornou o pesquisador que ficou de verdade. Esse cara já colocou meu nome ai numa revista. As pessoas nem sabem quem sou, mas, meu nome está lá, no trabalho dele.” (Trecho extraído do Diário de campo, 19-06-2015).

Os trechos acima citados demonstram não apenas momentos e comportamentos fixados pelo olhar de pesquisa sobre os significados compartilhados em determinadas situações pelos jovens e que são estruturantes para o grupo. Eles indicam com evidência como os sujeitos pesquisados, e nesse caso, os jovens, também são avaliadores da presença do pesquisador no meio deles, afirmando reações existentes durante o processo de pesquisa.

Para além da experiência empírica, imergi desde a construção do projeto de pesquisa em 2014 nas discussões teóricas. Recorrendo a Clifford Geertz (2008, p.18), esta fundamentação amplia os olhares na medida em que os estudos são construídos sobre outros estudos, não no sentido de apenas retomá-los, mas que, melhor informados e conceitualizados, eles vão mais profundamente às mesmas questões. A dimensão

⁷ Utilizo nomes fictícios para identificação dos jovens estudados. Tomar esta postura justifica-se como via de preservação dos informantes e de suas informações fornecidas. Ao considerar importante uma abordagem sociológica sobre as tensões, conflitos, choques de opiniões observadas no interior do grupo estudado bem como nas referências as suas relações com os demais em Juazeiro do Norte, busco, assim, não expor aqueles com quem interagi. O único nome real é o da quadrilha Agremiação Junina Cariri, em respeito às expectativas dos próprios jovens pesquisados.

teórica tem um papel preponderante na estruturação dos discursos sistematizados sobre a realidade (Alves, 2011). Tão logo, a pesquisa bibliográfica se constitui como importante ferramenta de problematização analítica, sendo fundamental e indispensável ao trabalho de caráter científico.

Este exercício de ver e rever os conceitos e as práticas de pesquisa auxiliou-me a apreender as formas de saber sobre o social com as quais passaria a refletir os dados, permitindo relacionar com as variações e os agrupamentos. Por outro lado, e nesta mesma direção, provocou a preocupação para a importância da experiência empírica na construção do saber científico das Ciências Sociais. Assim, me auxilie de teorias concentradas, sobretudo, nas dimensões das categorias juventudes, quadrilhas juninas, sociabilidades e protagonismos. Além destas, há aquelas que discutem as questões que envolvem a pesquisa qualitativa, com foco na etnografia e observação participante.

Na constante fricção entre as teorias e a empiria, foi necessário desnudar o olhar sobre o objeto de estudo e a realidade social pesquisada. Como lembra Clifford Geertz (2008), isso é justificável porque a prática da etnografia envolve o estabelecimento de relações, a seleção de informantes, a transcrição de textos, um diário de impressões, e assim por diante, onde o fazer etnográfico representa um risco elaborado, uma descrição densa, caracterizada pelo esforço intelectual.

Estes aspectos e perspectivas consideradas margeiam e adensam a presente análise. Deles, as tensões que vivenciei do ponto de vista pesquisador e pesquisados, mesmo não sendo diluídas por inteiro nas relações, foram aos poucos sendo amenizadas, tornadas mais claras. Viabilizam um tipo de experiência que não é nem aquela do visitante estranho aos nativos, como me pareceu em momentos iniciais da pesquisa, nem aquela do jovem brincante - nativo -, significador das próprias situações, sentimentos e representações sobre a quadrilha junina e o grupo de pares, mas, que me fora dada a permissão de se inteirar da maneira mais próxima possível como recompensa a uma presença lida como assídua. Como lembra Helena Martins (2004, p.294), em qualquer tipo de pesquisa, seja em qual modalidade ocorrer, é sempre necessário que o pesquisador seja aceito pelo outro, por um grupo, pela comunidade, para que se coloque na condição ora de partícipe, ora de observador.

Na imersão orientada metodológica e reflexivamente, foi sendo essencial buscar compreender não as respostas que, como pesquisador, procurava para as perguntas que ia elaborando. Pelo contrário, ressaltou essencialmente as respostas pelas quais os próprios jovens na quadrilha junina construía para as suas questões, significando as

relações vividas. A partir dos diversos contextos e das posições experienciadas junto ao grupo, intento problematizar a polifonia dos sujeitos de pesquisa através das inter-relações estabelecidas com as diferentes subjetividades no campo (Alves, 2011, p.31), expressas não somente pelos jovens entre si no ambiente da quadrilha junina, mas, com outras esferas da vida social em que se relacionam.

1.1- Objeto de estudo: Os sujeitos e a estruturação deste universo

O objeto social deste estudo é a Agremiação Junina Cariri, da cidade de Juazeiro do Norte. De acordo com o projeto⁸ base da referida quadrilha, apresentado pelo líder e coordenador Alexandre, “o grupo junino foi fundado em meados do ano de 2013 através das ideias coletivas de jovens que projetaram um espaço onde pudessem assumir a coordenação das próprias ações no universo junino. Procura manter uma relação entre movimento junino e sociedade a partir de atividades no âmbito da arte, se firmando na fraternidade e na busca em interligar as quadrilhas juninas as mais diferentes manifestações artísticas nos ambientes sociais. Atribui o significado de Agremiação a reunião de diferentes pessoas vindas de distintos espaços de Juazeiro do Norte e até mesmo da região do Cariri cearense”.

Tornou-se parte do discurso de distinção grupal em relação aos demais de Juazeiro do Norte o sentido de ‘*modernização das práticas juninas*’, encabeçadas, sobretudo, por Alexandre, que destacou:

“Eu já tinha participado muito de São João, quando eu saí um tempo do grupo onde eu estava por ele ter acabado e eu queria criar um grupo com minha cara. Um São João mais moderno e mais atual, mas, sem perder o que eu tinha aprendido no movimento junino. Então, como muita gente tinha saído do mesmo grupo que eu participava e a gente já se conhecia, eu tinha que ter algo que atraísse e que essas pessoas (os jovens) gostassem da ideia. E eu mesmo sempre fui moderno por causa das minhas influências. Eu até participei de grupos bem tradicionais, mas, nunca me deixei fugir das influências alternativas, como o Rock Hall, por exemplo. Então, isso é modernizar. Quem pensa São João com Rock Hall? Ou alguém pensou e teve medo de viajar nesse mundo. Eu tenho influências não só da dança folclórica, porque a quadrilha é isso, uma dança folclórica, mas, eu tenho influências do contemporâneo, do balé, da didática, da literatura. Aí muita gente me pergunta o porquê que eu não utilizo

⁸ O projeto é o histórico disposto por cada quadrilha junina, elaborado pelos próprios membros. Tem caráter descritivo, declarando o momento de criação, a quantidade de sujeitos envolvidos, as normas e diretrizes que as regem, etc.. Para participar dos festivais juninos, cada grupo apresenta seu projeto que deve conter o tema a ser abordado, os atos teatrais da apresentação, uma prestação de contas com as atividades elaboradas no ano corrente, entre outros aspectos.

tanto das rimas nos textos da quadrilha para voltar à coisa da raiz, que aí você vai ver que boa parte (das quadrilhas) é só rima e eu não gosto disso. Então eu diria que a identidade do meu grupo está aí. No ser diferente e alternativo. Aqui nós reunimos quem nós queremos, desde que conciliemos o tradicional, o folclore, eu não tô dizendo que nós vamos perder, porque se não, não teria sentido, mas, de uma forma alternativa. E a modernidade vem nisso. Vem nos arranjos que nós usamos, vem nos textos que minha quadrilha leva pra população, vem na maneira de dançar, vem nas técnicas. Então, eu acho que o moderno aqui dentro é muito presente” (Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2015).

Em contrapartida a esta perspectiva “modernizada” como traço tradutor da identidade do grupo, encontrei a existência de um aparente paradoxo com o lema que o rege, quando a nativa categoria *grito de guerra*, anuncia o seguinte discurso: Agremiação Junina Cariri-Somos São João de raiz. Nas observações participantes, quando interrogava os jovens sobre o que distingue o grupo em relação aos demais em Juazeiro do Norte, esta dimensão expositiva foi constantemente acionada. Isso auxiliou a perceber que estas proposições e formas de significação do espaço de relações, ao serem ditas pelos jovens, não são tomadas como antagônicas, porém, conexas e entremeadas ao conjugar o moderno e tradicional.

Para além da notoriedade a partir do seu “caráter alternativo”, como mencionado acima, os jovens tornaram como mecanismo para anunciarem-se a referência aos títulos conquistados no ciclo dos festivais local, regional e estadual no Ceará. Dados do projeto base afirmam que em 2014 o grupo esteve entre as cinco melhores quadrilhas juninas em todas as competições que concorreu. Obteve prêmios individuais de melhor noiva por duas vezes, melhor noivo, melhor repertório musical, os quais proporcionaram a classificação como décima sexta melhor no ranking do Estado do Ceará no referido ano. Estas experiências constituíram-se em motivos impulsionadores aos jovens do grupo que passariam a concorrer nos festivais com quadrilhas juninas já consolidadas neste universo na cidade de Juazeiro do Norte e no Estado. No decorrer do tempo junto ao espaço de pesquisa, estas premiações foram sendo aspectos bastante ativados pelos jovens, soando como via demonstrativa do trabalho realizado.

O número de *brincantes*, como são chamados os dançarinos, consta-se de trinta e dois jovens, compondo dezesseis casais. Há ainda as lideranças/coordenadores e outros simpatizantes envolvidos que compõem a chamada equipe de apoio. A equipe de apoio tem relevância na dinâmica grupal durante o período das apresentações nos festivais, entre os meses de junho e julho ao colaborar no transporte e produção dos cenários temáticos abordados. Concentro a atenção, sobretudo, nos dois primeiros conjuntos de

sujeitos - brincantes e lideranças -, uma vez que representam as partes de extrema inter-relação no decorrer do ano.

Auxiliado pela aplicação de questionários, pude observar que, numa demarcação etária, os jovens de pesquisa compreendem uma coorte que varia dos 15 aos 30 anos de idade. Ressalto a predominância daqueles situados na faixa entre 15 e 20 anos de idade, como destacado na tabela a baixo.

Tabela 01: Quantidade de jovens por idade (Brincantes)

IDADE	QUANTIDADE
15 a 17 anos	08
18 a 20 anos	12
21 a 23 anos	07
24 a 26 anos	02
27 a 30 anos	03
Total: 32	

São diferentes as formas como às estruturas familiares destes sujeitos são anunciadas. Para tanto, propus a pergunta que intencionou descrever com quais pessoas os jovens residem no ambiente familiar, onde evidenciei as seguintes tipificações conforme proposto na tabela a seguir.

Tabela 02: Composição do grupo familiar dos jovens (Brincantes)

TIPO	QUANTIDADE
Pai e mãe	08
Pai, mãe e irmãos	06
Pai, mãe, irmãos e sobrinhos	04
Apenas a mãe	06
Mãe, padrastos, irmãos e sobrinhos	02
Os jovens como os próprios responsáveis pela casa, juntamente com seus parceiros	02
Total: 32	

É variado também o grau de escolaridade composto pelo universo de pesquisa, apresentando-se dele os seguintes quadros.

Tabela 03: Quantidade de jovens por grau de escolaridade (Brincantes)

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
Ens. Fund. Incompleto	02
Ens. Méd. Incompleto	12
Ens. Méd. Completo	11
Ens. Sup. Incompleto	05
Ens. Sup. Completo	02
	Total: 32

Propus ainda a pergunta sobre se os jovens possuem ou não trabalho remunerado. Intencionei saber formas de ocupação do tempo que estivessem para além dos estudos durante o dia e, usando uma descrição nativa, a quantidade de jovens vinculados à noção de “autonomia/independência financeira” em relação ao grupo familiar.

Tabela 04: Quantidade de jovens com/sem atividade remunerada (Brincantes)

SITUAÇÃO	QUANTIDADE
Trabalham	15
Não Trabalham	17
	Total: 32

Esses dados perfilam uma caracterização dos jovens pesquisados, evidenciando não apenas a demarcação etária como marcador discursivo sobre os sujeitos, mas influências outras dos espaços de relações sociais vividas em instituições como a família, a escola e os espaços de trabalho, por exemplo.

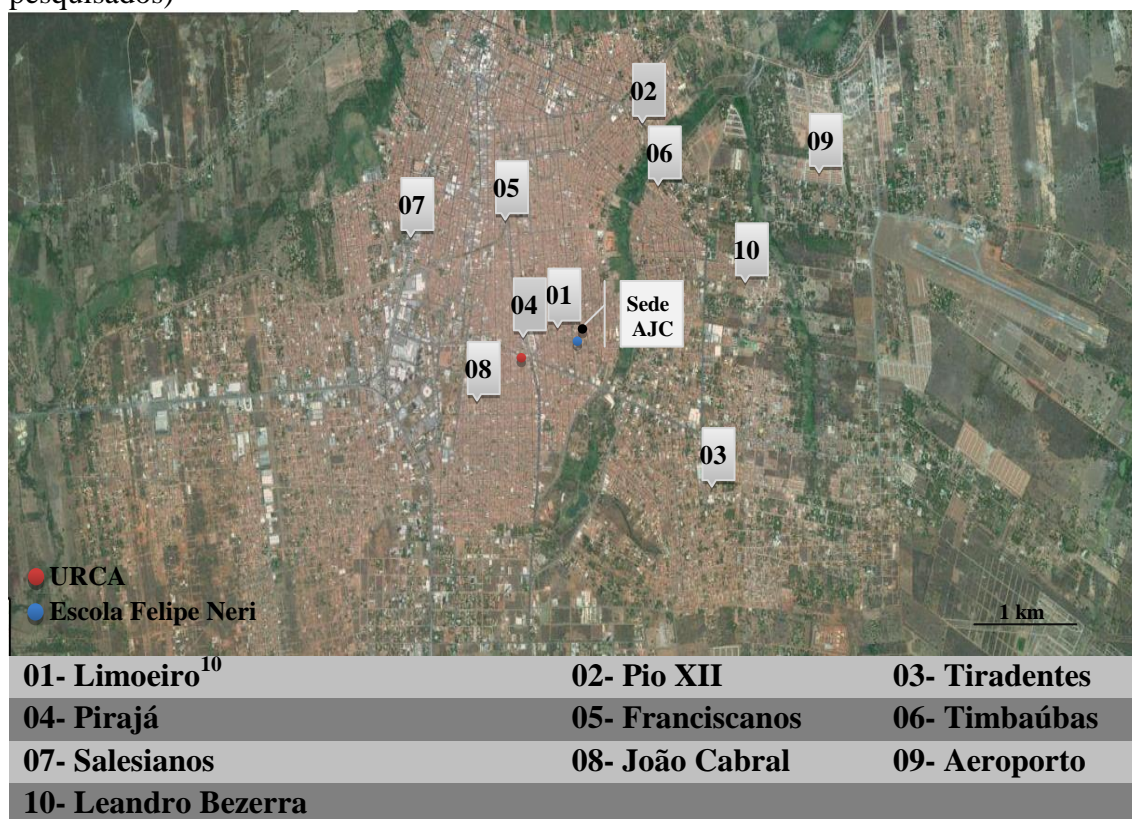
Sobre as relações dos sujeitos pesquisados com as práticas juninas, considere as trajetórias percorridas em outras quadrilhas em Juazeiro do Norte em vista da criação recente da Agremiação. Constatei nas observações em campo que os jovens tidos como veteranos no espaço de pesquisa são, sobretudo, migrantes de um extinto⁹ grupo, também sediado no bairro Limoeiro da mencionada cidade, onde apenas poucos dos

⁹ A quadrilha mencionada é a Rojão do Sertão, extinta após o ciclo junino de 2013. Como na Agremiação Junina Cariri há a presença de muitos jovens vindos deste grupo mencionado, considerados como veteranos, é pertinente sublinhar não os nomes em si mesmo dos grupos uma vez que não colaboram para uma problematização sociológica do campo, mas sim, que haja afiliações dos jovens aos coletivos mediados pelas práticas e experiências do ciclo junino enquanto redes de relações na cidade a partir deste universo.

jovens são tidos como novato-estrepantes. Esse aspecto colabora pensar que o grupo em questão tem como base uma série de relações sociais preexistentes entre muitos dos jovens membros, não sendo por isso apenas espaço que os reúne para a quadrilha junina, porém, que reforça as reafirmações de redes relacionais na cidade.

São jovens oriundos de dez bairros distintos de Juazeiro do Norte e de um da vizinha cidade de Crato, compondo um conjunto de onze bairros ao todo, perfazendo caminhos diversos até os espaços de encontros para os ensaios coreográficos. Próximos ou distantes geograficamente a estes locais na cidade, os jovens mantêm uma frequente participação nos momentos que fazem parte das atividades da quadrilha junina, tornando a presença uma importante norma de pertencimento ao grupo. No mapa que segue, exponho na cartografia da cidade, a localização dos bairros de residência dos jovens bem como da sede da Agremiação Junina Cariri e dos dois locais de encontros para os ensaios coreográficos.

Imagem 01(Mapa urbano de Juazeiro do Norte - Bairros de residência dos jovens pesquisados)



Fonte: Google Maps (Adaptação: Ricardo Cruz Macedo)

¹⁰ O bairro Limoeiro, onde se localiza a sede da quadrilha Agremiação Junina Cariri, está situado na região geograficamente central em Juazeiro do Norte. Faz divisa com os bairros Timbaúbas - Norte, Leandro Bezerra e Novo Juazeiro - Leste, Tiradentes e José Geraldo da Cruz - Sul e Pirajá - Oeste. É considerado um dos mais populosos da cidade, tendo 12.143 habitantes, conforme dados do IBGE, 2010.

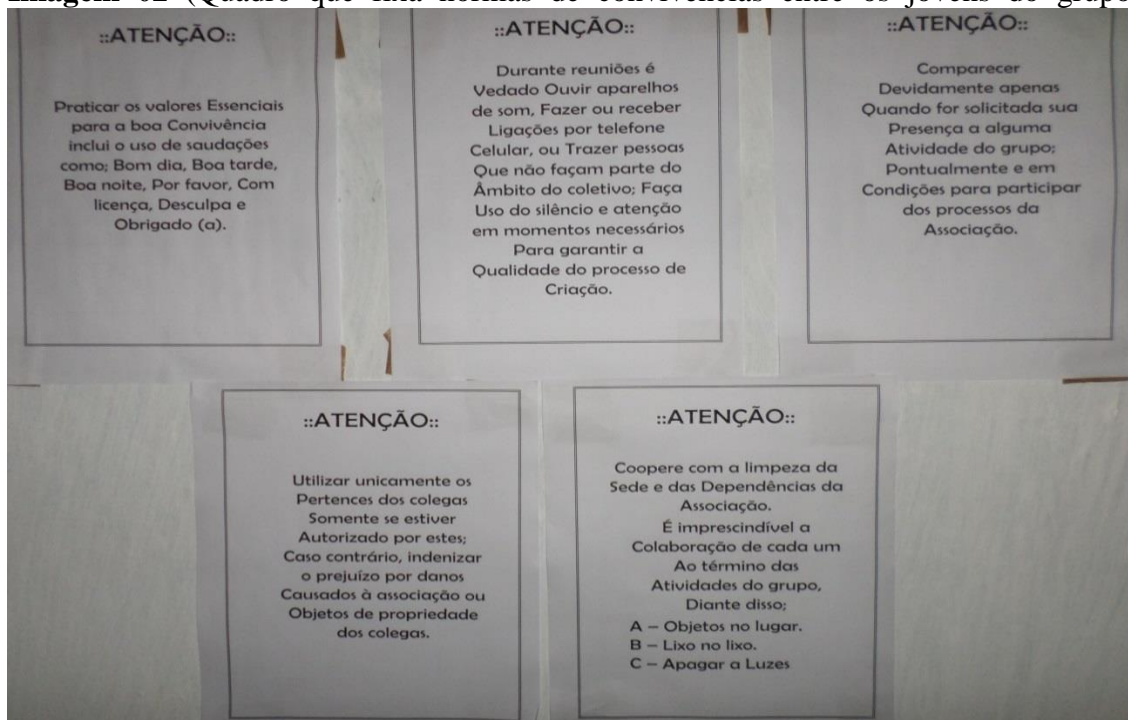
A localização geográfica da sede no bairro Limoeiro tem a influência de dois fatores específicos. Em primeiro porque serve de espaço de residência para grande parte dos jovens. Em segundo, porque é onde funcionava o referido grupo extinto, no qual, pertenciam muitos dos membros da Agremiação Junina. Estes aspectos favoreceram a consequente organização no próprio bairro das atividades da quadrilha junina uma vez que é este o espaço de constante uso, significação e práticas dos jovens. A quadrilha junina media, assim, a demarcação de um ambiente de encontros, sociabilidades e redes de relações que ocorrem no bairro e põe, por conseguinte, os jovens em contato com seus pares na geográfica da cidade.

Tem relevância na compreensão do grupo o seu conjunto de normas internas. Paralelamente, os jovens sabem que a produção da quadrilha junina é condicionada por uma série de pré-requisitos norteados pelas instituições promotoras dos festivais, refletindo na dinâmica interna através das etapas de organização das atividades durante o ano. As normas internas tem um efeito justificador das “boas convivências”, sendo mecanismos orientadores das relações sociais entre os próprios jovens. Elas estabelecem e ordenam significados compartilhados no grupo, colaborando, conforme Norbert Elias (2006), para as noções de socialização entre seus membros e de diferenciação das unidades grupais perante a vida social, ou, as figurações sociais, como retomarei no segundo capítulo.

“Eu diria que nós temos nosso regimento interno, porque, como todo grupo, a gente tem que ter, né! Ele é para nossa convivência. São normas para conviver bem. Questões de saudação, um boa noite, obrigado, por favor, salvam muitas coisas. Um oi, um abraço. Chegar e saber do outro. Essas são nossas maiores normas de convivência. E, tipo, quando a gente encontra problemas de brincantes, problemas internos, é claro, eu tento agradar a todos, mesmo que não consiga. Mas, aqui nós não saudamos uma bandeira, eu não penso nisso não. Porque eu estaria criando robótica, né! E deixaria de ser um prazer, uma diversão. Porque no fundo, isso aqui tem que ser uma diversão. Eu já vi muito diretor de quadrilha dizendo que isso aqui é uma brincadeira, mas, uma brincadeira séria. Então é complicado definir brincadeira como algo sério. Eu acho que brincadeira não tem como ter uma raiz séria. Eu diria uma diversão moderada. Uma diversão com responsabilidade. Eu acho que o termo certo é esse: Ser alegre com responsabilidade pra ter sentido de Agremiação. Agora você tem que ter responsabilidades”. (Alexandre. Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2015).

Também constatee essas normas impressas e à mostra em quadro fixado na primeira sala e logo na entrada da sede, como ilustrado na imagem seguinte.

Imagem 02 (Quadro que fixa normas de convivências entre os jovens do grupo)



(Foto: Ricardo Cruz Macedo)

Elabora-se uma agenda própria para a realização de atividades e durante os momentos de ensaios, por exemplo, por menos jovens que tenha havido, sempre me deparei com um número igual ou maior que vinte. Assim, tempo e espaço tornavam-se dimensões que auxiliavam a compreensão das práticas juvenis a partir do caso estudado.

No período entre abril e fins de agosto, o grupo aluga uma casa no bairro Limoeiro, que passa a servir como sede para reuniões, confecções de figurinos, encontros casuais, dentre outras atividades. O espaço da sede, embora com um tempo menor na dinâmica do grupo em comparação aos espaços dos ensaios, exerce relevância na apreensão das relações entre os jovens e a quadrilha junina, como destacou Alexandre:

“É um espaço necessário, onde acaba sendo o nosso. É lá onde a galera se encontra o tempo todo, principalmente para se vê. Se você quer ver a galera, vá na sede que vai ser comum ter gente por lá, conversando sobre coisas do São João, mas também, trocando um papo sobre muitas outras. Lá é um local que a gente vai para ver mesmo os amigos, para passar nosso tempo”. (Trecho extraído do Diário de campo, 22-02-2015).

A sede é mantida através de recursos angariados pelos próprios brincantes. São realizadas diversas atividades coletivas com fins lucrativos, entre as quais se destacam as rifas. Organizadas semanal ou quinzenalmente, essas ações fomentam uma arrecadação passo a passo do montante necessário ao custeio do aluguel e de outros

serviços básicos como pagamentos de água e energia elétrica. São destinadas ainda a este fim outras vias entendidas como complementares, por exemplo, parte dos recursos adquiridos nos pedágios quando em casos de necessidade.

Imagens 03 e 04 (Espaço da sede da Agremiação Junina Cariri)



(Fotos: Alexandre (Esquerda) e Ricardo Cruz Macedo (Direita). Momentos de finalização dos figurinos).

As imagens acima sugeridas demonstram a confecção de figurinos realizada no espaço da sede grupal. Esta etapa da produção da quadrilha junina envolve a participação de muitos membros na qual se dividem as tarefas como corte e costura, além de preparo das peças que enfeitam as vestimentas. Neste processo, para além das nomeações feitas pelas lideranças a fim de organizar em tempo necessário a produção, os jovens também manifestam afiliações conforme disponibilidade de tempo e interesse ao manuseio das atividades.

Outros espaços além da sede são negociados pelo grupo para a realização de ensaios. Agenciados logo no início do ano, os locais de ensaios são importantes na dinâmica do grupo porque são neles onde se (re) constroem constantemente as apresentações coreográficas. Estes locais servem não apenas para os aspectos técnicos, os jovens os vivenciam de forma lúdica através da frequência constante com que os encontros passam a fazer parte do cotidiano, sobretudo à medida que se aproximam as apresentações nos festivais e são necessários os ajustes finais nos passos de danças.

Do mês de janeiro a meados de abril, os encontros para os ensaios coreográficos são realizados semanalmente as quartas e quintas feiras, e aos sábados e domingos. Nos dias de quartas e quintas-feiras, o espaço utilizado é o prédio da Universidade Regional do Cariri-URCA, campus Artes-Teatro, no bairro Pirajá. Situado as margens da Av. Castelo Branco, este possui um pátio central onde os jovens dançam. Na ausência de

aulas noturnas nos dias mencionados, o local é considerado o maior a disposição aos jovens para a referida atividade que tem uma duração média de tempo de duas horas e trinta minutos, se estendendo entre as 18: h30 e 21: h00.

Aos sábados e domingos, ainda no mesmo período do ano, é utilizada a Escola Felipe Neri, localizada entre as ruas Otávio Ayres e Primeiro de maio, no bairro Limoeiro. Neste espaço, os ensaios tendem a se alongar por um tempo maior em relação àquele, durando três ou quatro horas estendida entre as 16: h00 até por volta das 20: h00. Mesmo tendo um pátio menor do que o primeiro, as datas aos finais de semana contribuem para uma presença maior de jovens, além do tempo que é mais extenso. Aqui, os jovens ocupam um alpendre à frente das salas de aulas que dispõe de um largo batente entre o solo e o piso do pátio onde ensaiam.

Imagens 05 e 06 (Espaços de ensaios coreográficos)



(Fotos: Ricardo Cruz Macedo. À esquerda, pátio da URCA. À direita, pátio da Escola Felipe Neri).

Ambos os espaços utilizados pela Agremiação são negociados através de documentos elaboradas em nome do grupo, assinados, principalmente pelos líderes. Estes espaços podem ser considerados como aquisições “rotatórias”, pois nenhum deles é propriedade do grupo, demandando agendamentos. De tal forma, todo ano pode haver mudanças quanto aos espaços utilizados, até mesmo a sede, uma vez que é ela uma casa alugada.

À medida que se aproxima o ciclo junino, o grupo busca se articular em outros momentos da semana. Os dias antes sem atividades diretamente ligadas a produção da quadrilha junina são ocupados a partir de meados do mês de abril até o final de junho, onde se intensificam as atividades no decorrer dos festivais juninos. Cria-se, a partir de

então, uma rotina de encontros intensa, modificando, conseqüentemente, o cotidiano e as relações entre os envolvidos.

As segundas e terças-feiras passam a ser também dias de ensaios na Escola Felipe Neri. Esses momentos têm uma duração média de duas horas, estendidas entre as 19: h00 e 21: h00. As sextas-feiras à noite, entre as 18: h00 e 21: h30, aproximadamente, os jovens se dedicam aos pedágios, atividades ligadas à arrecadação financeira que também são realizadas nas manhãs de domingos, programadas entre 07: h30 e 10: h40.

Tal quadro de horários organiza e orienta as atividades do grupo em que todos os jovens componentes da coordenação e os brincantes são convocados a se fazerem presentes na intenção de desenvolvê-las coletivamente. Porém, para além destes momentos, há ainda outros tantos não programados, ocasionais, que mediam uma série de relações entre tais sujeitos, corroborando aos usos e significações do tempo e espaços.

Para as (re) confirmações das presenças pessoais nestas atividades, duas ferramentas são empregadas pelos jovens. A primeira delas é o círculo das orações, realizados todos os dias logo após o término dos ensaios coreográficos aproveitando o maior número de participantes envolvidos. Este momento é iniciado com a divulgação e negociação de notícias e atividades, onde os líderes cobram à participação e entrosamento entre todos os membros. Em seguida, realizam-se orações de cunho católico, nas quais os líderes agradecem pela união entre todos e rogam para que se mantenham comprometidos com o grupo a fim de que possam construir o projeto junino. Por fim, encerram o rito com o grito de guerra: Agremiação Junina Cariri - Somos São João de Raiz.

A segunda ferramenta é as redes sociais, como *facebook* e *whatsapp*, consideradas como de maior facilidade no compartilhamento de informações tidas como urgentes. Nestes ambientes, os jovens expõem fotografias das atividades realizadas, divulgam entre os membros informações sobre outros grupos, interagem com outras quadrilhas juninas, etc.. As redes sociais podem tornar-se espaços fecundos ao surgimento de conflitualidades entre as quadrilhas juninas uma vez que externam ideias e pensamentos a serem desenvolvidos internamente aos coletivos, além de demarcarem campos de pertencimento entre seus membros.

A Agremiação Junina Cariri é liderada por um grupo de cinco jovens específicos que são encarados, cada um a seu modo, vozes distintas nas decisões e ações desenvolvidas durante os distintos momentos do ano. Vale ressaltar estes sujeitos no

intuito de desnudar relações de poder presentes no interior do espaço de pesquisa, suas influências exercidas, as formas de organização das atividades na composição da quadrilha junina e as redes de relações instituídas em torno dos mesmos.

Tratados pelos nomes próprios ou apelidados, estes jovens se sobressaem nas rotinas do grupo. São eles: Alexandre, Fabrício, André, Paulo e Igor. No entanto, ao decorrer da pesquisa, observei não haver uma univocidade a estes cinco jovens, e outros membros também se destacam nas diversas ações que envolvem a organização da quadrilha junina, sobretudo, na medida em que se beira o ciclo junino.

Alexandre, de 21 anos de idade, é o líder central. Responsável pela supervisão das atividades gerais dedica-se, de modo singular, a criação temática e cenográfica, composição e canto das músicas, roteiro do texto e da encenação para o teatro do casamento matuto, entre outras. Destaca que a afinidade mantida com o papel de coordenador se deve ao interesse em muitas atividades culturais e artísticas, tanto no bairro Limoeiro, onde reside, como em Juazeiro do Norte.

Este jovem concluiu o ensino médio e acredita que “se a quadrilha é onde a molecada se diverte, é também onde aprende, onde ensina. Então, isso tudo é parte de mim. Eu faço porque gosto”. (Trecho extraído do Diário de campo, 29-01-2015). Como liderança central, seu discurso é baseado na distinção em relação aos demais jovens não apenas pelas atividades que desempenha, mas, por causa das experiências em torno das práticas juninas que já viveu, e porque toma para si o sentido de responsabilidade pelos demais membros do grupo. Foi sendo perceptível, por inúmeras vezes, a sua referência como intermediador entre as situações vividas pelos jovens e as suas famílias, reiterando seu lugar de liderança.

O lugar de liderança validado a Alexandre oscila entre a seriedade presente nas exigências e cobranças e as descontrações que perpassam o ambiente dos encontros, buscando interagir com cada um dos jovens no grupo de modo pessoal. Para além desta postura, assume caráter pedagógico fazendo destes aspectos mecanismos de legitimação carismática¹¹ ao concentrar sobre si uma autoridade arraigada em atributos pessoais como a confiança nas suas tomadas de decisão sobre os demais membros da quadrilha junina. É importante acentuar, neste sentido, que esse poder não o impede de

¹¹ Utilizo essa denominação de acordo com a proposta analítica da Sociologia weberiana (Weber, 1979, p.285) evidenciando que o portador do carisma tem êxito quando, ao exigir, consegue a obediência daqueles que o seguem. Todavia, sua pretensão carismática entra em colapso no momento em que a missão não é reconhecida por aqueles que, em sua opinião, deveriam segui-lo. Obtém seu “direito” através do dever daqueles a quem dirige sua missão ao reconhecerem-no como seu líder carismaticamente qualificado.

instabilidades e oscilações quanto a sua legitimidade, ou seja, que podem existir reações contrárias entre os demais jovens, por exemplo, quando requisita publicamente aos brincantes o desempenho nas atividades.

As ações de construção coreográfica e costura de figurinos são realizadas por Fabrício, de 22 anos de idade. O papel de coordenador vinculado a este se caracteriza pela recorrente exigência na formação dos passos. Nos papéis interpretados na quadrilha junina, encena o noivo devido sua marcante relação com a dança. Na ausência de Alexandre nos encontros do grupo, é este quem conduz os discursos nos momentos finais, prestando informações, mediando à oração e exigindo para si, escuta atenta entre os jovens. Costuma fazer dos espaços do grupo ambientes em que pode dançar descontraidamente e logo que liga os aparelhos de som e DVD, põem-se a fazer dos pátios palcos para apresentações.

Fabrício cursou até o terceiro ano do ensino médio, onde desistiu por alguns fatores, dentre eles, as faltas associadas a sua extrema aproximação com o universo das quadrilhas juninas. Nos ensaios, conduz os jovens para o meio dos espaços de dança. Categorias nativas como *“formou”*, *“alinhamento”*, *“postura”*, são constantemente acionadas por este jovem, significando *“vistam os adereços necessários para entrar no ensaio”*, *“façam as filas”*, *“utilizem o corpo de modo correto no espaço”*, respectivamente.

A inversão da sua performance ao assumir o papel de coreógrafo demarca situações diferentes em relação aos seus outros momentos vividos quando no grupo. Isso porque é explícita sua descontração, riso solto, uso de roupas femininas, etc.. Durante os ensaios coreográficos, Fabrício requer para si uma atenção extrema, utilizando-se do tom de voz alto como mecanismo de afirmação da sua importância para o grupo, logo, como instrumento disciplinador dos corpos na dança conjunta. Esse tipo de postura assumida e sua extrema atenção à composição dos passos coletivos, torna-se motivo para possíveis agitações e conflitos entre ele e os demais brincantes, fazendo com que sua figura seja respeitada no interior da Agremiação.

Quando Fabrício procura mostrar um novo passo criado, André, de 21 anos de idade, entra em cena. Tem atuação central na dinâmica do grupo, criando e costurando figurinos. Seu histórico escolar é parecido com o de Fabrício, e desistiu também no 3º ano do ensino médio. Ambos acusam as faltas e confirmam que querem terminar o nível médio. No grupo, dar suporte nos repasses dos passos coreográficos, na execução de atividades gerais e com costura. Tornou-se o fiel guardião de Alexandre, o que faz de

sua opinião um importante instrumento de organização do grupo, compondo juntamente com Fabrício, uma espécie de dupla incansável.

Nos ensaios, André tem a função de ser o marcador da quadrilha junina, ou seja, o coordenador dos passos coreografados em quadra durante as apresentações públicas. O marcador conduz seu discurso através dos sinais corporais que passam a ser seguidos pelos demais brincantes na dança avaliada pelos jurados técnicos.

Nas atividades de gestão, as elaboradas por Paulo, de 30 anos de idade, são refletidas no cotidiano dos jovens. Tendo iniciado o ensino superior, não chegou a concluí-lo devido à falta de recursos financeiros que auxiliassem a sua permanência. Na Agremiação, destina-se, principalmente, aos avisos dos ensaios pelas redes sociais tendo atenção e anotando as presenças e ausências entre os jovens. Enquanto liderança busca justificar a ausência de um ou de outro dos demais líderes. Durante o processo de produção dos dados, este jovem se mostrou como o valioso informante, oferecendo vias explicativas a respeito do trabalho do grupo não apenas durante o momento da pesquisa.

Destacou Alexandre que a sua conduta sofre uma influência recíproca com os demais jovens no grupo, o que torna o aspecto da idade biológica uma característica dissipada, amenizada, não diferenciando sua condição de juventude.

“É tão jovem quanto qualquer um dos membros da Agremiação, e eu me considero mais adulto que ele, pois aqui, o responsável por essa galera sou eu! Você vai ver ele brincar do mesmo jeito desses moleques aí e isso é ser jovem”. (Trecho extraído do Diário de campo, 25-03-2015).

Sublinha-se deste trecho de fala uma definição de juventude demarcada sobre práticas culturais, onde não somente o recorte etário seja relevante, mas sim, a inclusão das vivências e experiências compartilhadas em grupo.

Entre estes líderes, Igor, de 21 anos de idade, faz parte de um número de jovens na quadrilha junina que se destaca pelas ações realizadas à medida que se aproximam os festejos juninos. Residente na sede do grupo é ele quem elabora, juntamente com André, os desenhos e costuras de figurinos para os personagens do casamento matuto, da rainha e dos brincantes. Nos dias de apresentações, Igor tem destacada importância quando costuma atravessar todo o tempo na elaboração dos penteados que enfeitam as meninas com usos de adereços decorativos.

Estes coordenadores/líderes fomentam no grupo um maior entrosamento e afinidade entre os jovens, avaliando e exigindo maior empenho de todos. Mantêm entre si uma relação de estreita aproximação, refletida nas visitas constantes a casa uns dos

outros, nos acompanhamentos mútuos das vidas, nas trocas de opiniões, no desenvolvimento de ideias, etc. Para além destes, merece destaque a presença de outros sujeitos como referências na composição do grupo especificado. Estes, no entanto, têm ênfase quando se aproxima o período junino e a consequente intensificação das apresentações nos festivais.

Na compreensão do grupo, demonstrou-se também pertinente atravessar o olhar sob as dificuldades estruturais e econômicas com as quais os jovens constroem suas ações e planos conjuntamente. Assim, para desenvolver o projeto de quadrilha junina, tornando-o algo concreto, os jovens enfrentam uma série de dificuldades durante o ano inteiro. Para citar alguns exemplos vivenciados pelas quadrilhas juninas e esboçados a partir do caso de estudo, observei que a aquisição dos próprios locais de ensaios impõe aos jovens negociações constantes com determinadas instituições. Por vezes, estes espaços são ainda pequenos, influenciando na composição e ensaio dos passos coreográficos.

Além dos acessos aos espaços, há ainda a falta de recursos financeiros. Os patrocínios demonstram-se escassos, tendo parcelas singelas em relação aos montantes gastos para a produção geral das quadrilhas juninas. Nesta mesma perspectiva, ocorrem “graus” de legitimidade no meio junino, onde a relação entre grupos mais antigos e recém-criados acarreta, por vezes, “*hierarquizações simbólicas*” entre os envolvidos. Ou seja, há a possibilidade de determinados grupos juninos terem maiores chances de adquirirem as necessárias condições financeiras, inclusive, pela mediação de órgãos vinculados ao Estado, quando considerado, dentre outros fatores, sua longevidade em relação às outras quadrilhas. Todos estes aspectos tornam a produção de um grupo junino que venha a competir e buscar reconhecimento no meio um processo que exige preparação, empenho, dedicação e, sobretudo, sentido e valor para os brincantes que as compõem.

1.2- Estratégias de aproximação

A aceitação no grupo, a profundidade com que se pode chegar a certas informações, o número possível de experiências compartilhadas entre pesquisador e pesquisado, resultam de um processo de convivências mediadas pela ação de uma atenção recíproca, onde as percepções e compreensões são afuniladas e repensadas no

fluxo do cotidiano de pesquisa. Lentamente, essas relações tornaram-se envolventes, onde os jovens requisitaram minha presença em seu meio.

O acompanhamento incessante nos diversos momentos tornou-se fonte não apenas de um contexto extenso de observações, mas, ferramenta imprescindível e indispensável para a aceitação no espaço de pesquisa. Neste sentido, Adjair Alves (2011, p.36) chama a atenção para a interação como uma ordem negociada, temporária e frágil, devendo por isso, ser constantemente reconstruída a fim de que o pesquisador possa interpretar o mundo social.

Em campo, a observação foi marcada como uma ação não apenas de mim sobre os jovens, mas, deles para comigo, tornando-se interrogadores sobre as finalidades dos dados, demandando uma autovigilância. Em alguns desses casos, percebi que as perguntas não visavam tentar entender somente o meu lugar de pesquisador, mas, sobretudo, a forma como as relações eram abordadas dentro do próprio grupo. Em contrapartida a estas situações, a minha presença constante tornou-se um meio de ter acesso ao maior número de possibilidades de descrição, participação e experiências. Significou uma ferramenta para apropriação de um modo mais denso possível do que passaria a ser dito para falar destes sujeitos e dos seus espaços e relações.

A pesquisa é também rodeada por momentos de segredos. Em vários destes, os jovens, sobretudo os líderes, conversavam entre si afastadamente, avaliando determinadas situações e retraindo outras. Como um momento marcadamente interpretativo, a experiência empírica ultrapassa a busca pelo conhecimento do significado das falas, tornando-se uma captação dos sentidos semânticos das intencionalidades percebidas (Pais, 2003, p.106), das formas de construção das palavras, dos gestos, dos usos dos corpos nos espaços e das vestimentas.

Quem chegou ao espaço de pesquisa fui eu, o pesquisador, e mesmo no caso dos jovens novatos, aqueles brincantes de primeiro ano, eles não foram direcionados pelos meus mesmos objetivos. Certamente porque não estão para realizar pesquisa. Desta forma, um mecanismo básico de aproximação que utilizei foi à clareza com que devia proceder. Na medida em que estava com os jovens no grupo, ouvia suas gramáticas nos cotidianos, sabia sobre suas vidas, evidenciava-se uma necessidade de dizer também quem sou, e, até certa medida, o que estava buscando no espaço nativo. Conservei dados de pesquisa, porém, outros tantos tive que esclarecer sobre mim mesmos a fim de ser aceito, mesmo percebendo com o passar do tempo que tais explicações não eram

importantes em si mesmas (Foote-Whyte, 2005), mas, que se constituíam em chaves para o estabelecimento das relações pessoais que podia desenvolver.

Durante os acompanhamentos, a compreensão dos significados e sentidos das práticas, a exploração das espacialidades e temporalidades favoreceu a construção de um modo mais direto e naturalístico possível com os jovens (Pais, 2003, p.85). Nestes momentos, a reflexividade como instrumento inseparável de pesquisa mediou um exercício contínuo de ‘ajustar’ as lentes do olhar. Isso, porém, não é uma tarefa nada fácil ao pesquisador, pois, ela é marcada pelo desnudamento que intenciona problematizar. As autoras Silvia Boreli, Rose Rocha e Rita Oliveira (2009, p.35) destacam, nesta problemática, que:

Investigando diretamente os modos de ser e de viver destes jovens, é possível captar os significados que as formas culturais assumem para estes indivíduos, assim como as dimensões simbólicas e os imaginários que articulam a constituição cultural de suas práticas e significações. Pode-se, assim, perceber as experiências culturais, as formas de vivenciar e conceber a realidade e de expressar essas realidades sensivelmente elaboradas.

Tornou-se também necessário, como tarefa própria à etnografia, anotar, captar e ‘inscrever’ o discurso social. Ao fazer isso, transformei os acontecimentos que estavam ocorrendo, bem como aqueles passados, que existem apenas em seus próprios momentos de ocorrência, em relatos, existentes como na forma escrita e que podem ser consultados novamente (Geertz, 2008, p.14). Desse modo, passei a utilizar uma caderneta de bolso para as anotações no seu próprio momento de ocorrência. Essa técnica serviu para fixar acontecimentos, tornando-os posteriormente em materiais presentes nos diários de campo.

Os contínuos encontros com os jovens na quadrilha junina, que parecem um roteiro repetido insistentemente, me exigiram buscar compreender os jovens no grupo através de um conjunto de considerações tais como: Quando dizem dos seus interesses pela relação com os demais do grupo; Os conflitos que enfrentam para ai permanecerem, como aqueles trazidos do ambiente familiar e das relações com outros grupos na cidade; Os modelos de elaboração das atividades; As formas de afetividades desenvolvidas, dentre outras questões. Assim, fiz da rotina de pesquisa uma experiência extremamente minuciosa a fim de vê-la como algo que, mesmo em sua permanência, pudesse oferecer dimensões analíticas cotidianamente (re) elaboradas.

Isso colaborou alargar olhares que me foram colocando em posições relacionais não somente como pesquisador. É como se aos poucos as convivências assumissem um

caráter de amizade, expressa em risos, brincadeiras, conversas, confianças, numa quase impossibilidade de não se mexer quando as músicas eram tocadas e todos os jovens começavam a dançar. Tornou-se algo agradável e extremamente curioso, e me assumir sempre como pesquisador parecia empobrecedor, criando a ilusão que se podia viver o mesmo papel com sujeitos e momentos heterogêneos.

A frequência aos ensaios do grupo como instrumento de confiabilidade revelou dois aspectos na condução da pesquisa. Por um lado, o acesso a um número maior de particularidades das relações entre os jovens, por outro, em minha ausência, deveria lhes fornecer uma espécie de explicação. Com o tempo, entendi também que a chegada pontual aos horários agendados favorecia a momentos de conversação com jovens distintos, pois, sempre houvera uns e outros dispostos a chegar primeiro, ficando a esperar os demais. Isso possibilitou a interação com visões diversas, mesmo se só no sentido de me tornar mais próximo de um maior número possível de jovens.

Além da presença física, há também a virtual. Os jovens mantêm grupos em redes sociais e participar destes espaços é estar com eles. Como meio de afirmação da relação, as redes sociais são espaços onde se promovem compartilhamentos de ações e imagens. Exemplo disso são as confirmações dos ensaios semanais pelos grupos do *facebook* e *whatsapp*. Nas páginas destas redes, uma forma de aproximação para e com os jovens foi curtir e aceitar/fazer novos convites.

Nos momentos dos encontros, saber até onde se pode ir com os diálogos dimensiona os passos seguintes na relação e não invadir assuntos preservados foi sendo estratégico. Os líderes, por exemplo, conservam entre si uma tática de avaliação dos passos na dança da quadrilha junina para ajustar os pares. Para além desta perspectiva, há também uma série de assuntos que fazem parte de outras redes de vínculos que ligam os jovens, como os anos de participação em grupos de quadrilhas juninas, compondo um arcabouço que escapava aos meus olhos e ouvidos.

A lógica de pesquisa em grupo demanda do pesquisador uma atenção compartilhada. Aprender os nomes ou apelidos dos jovens tornou-se num meio de reconhecê-los na relação. O cumprimento a todos colaborou nessa dimensão, servindo ainda como forma de cumprir regras básicas ao espaço pesquisado. Nesse mesmo sentido, utilizei gírias, conversei sobre cotidiano destes sujeitos em festas pela cidade, dispensei o uso de termos técnicos, presentes nas leituras que iam sendo feitas concomitantemente as ações da pesquisa empírica.

Na duração do tempo antes dos ensaios, participei de *cotinhas*¹² para comprar lanches, adquiri rifas de atividades do grupo, entrei nos círculos de orações, servi de vigia aos aparelhos celulares enquanto dançavam, ofereci minha residência para guardarem o som durante as quartas e quintas-feiras em vista da proximidade com um dos locais de ensaios. Como um espaço social construído a parti das próprias ações dos jovens, por vezes fui me sentido instigado a desenvolver atividades que de alguma forma favorecessem a inserção no universo de pesquisa. Tomar esta postura, até certa medida colaborativa para o grupo estudado, foi sendo uma ação significativa e favorecedora à observação participante e as minhas inserções no jogo das relações.

Evidentemente, a relação de pesquisa é marcada por certa tensão. Ser aceito ou não, acaba sendo uma linha tênue que pede uma contínua vigilância no envolvimento ou afastamento demasiado dos sujeitos pesquisados, o que pode repercutir no trato reflexivo e objetivo dos dados produzidos.

1.3- Definições da metodologia utilizada

A abordagem metodológica desta pesquisa é de caráter qualitativo, marcada pela convergência de algumas técnicas de produção de dados. Este modelo de orientação exige uma aprofundada imaginação e intuição do pesquisador a partir das diversas experiências vividas no campo. Definindo este modelo de metodologia, Helena Martins (2004, p.292) destaca que;

As chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de micro processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-los falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la. Duas características dos métodos qualitativos são: flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita, e a heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente requer do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva.

¹² O termo significa a junção das partes de um valor inteiro. No espaço nativo ao grupo estudado, ele alude à colaboração coletiva para algo negociado ou comprado.

Utilizei o modelo conceitual para compreensão do universo pesquisado com base lógica de análise no tipo ideal, como concebido na Sociologia weberiana. Como lembra Patrick Watier (2009), os tipos ideais envolvem a escolha de um conjunto de características centrais em um dado objeto empírico, as quais se constituem em parâmetros para a compreensão dos fenômenos concretos que se quer conhecer. Esta lógica analítica envolve ainda processos de seleção de dados materiais e ideais, considerados os mais pertinentes que devem ser confrontados na elaboração com acontecimentos históricos estudados.

A partir da abordagem metodológica qualitativa, estabeleci a etnografia, através da observação participante, como a principal técnica para o processo de produção dos dados e reflexividade na escrita. Esse posicionamento do modo de olhar os espaços, os sujeitos e suas relações demandou - ao passo que favoreceu - uma inserção por um período de frequência constante e aprofundado nas atividades do grupo delimitado. No sentido de definição da etnografia, é pertinente citar Clifford Geertz (2008, p.07) quando afirma:

A escrita etnográfica é caracteristicamente interpretativa do fluxo do discurso social, consistindo em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se, fixando-o em formas pesquisáveis de contextos microscópicos. Logo, fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas, suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não somente com os sinais convencionais do som, mas, com exemplos transitórios de comportamentos modelados.

Ainda neste sentido demarcador da escrita etnográfica, Silvia Boreli, Rose Rocha e Rita Oliveira (2009, p.35) destacam:

A escrita etnográfica trata-se da observação do cotidiano e do contexto de produção e apropriação cultural bem como dos modos de ocupação dos territórios, das relações interpessoais e sociabilidades e dos universos simbólicos, sensoriais e sensíveis que perpassam os sujeitos da investigação.

Quanto à observação participante, alguns passos foram importantes. Primeiro, uma fase exploratória como indispensável para a construção subsequente da pesquisa. Segundo, para a aproximação com os jovens participantes do grupo selecionado leva-se em consideração que as informações obtidas e as respostas dadas às indagações, dependem, em grande medida, do lugar ocupado no conjunto de relações com os participantes do grupo estudado. Terceiro, negociação com informantes-chaves, que passam a ser colaboradores mais intensos na pesquisa. Quarto, desenvolvimento de uma

rotina de frequência apurada. Quinto, aprender com os erros cometidos durante o trabalho de campo, tirando proveito deles na medida em que fazem parte do aprendizado da pesquisa, refletindo sobre os porquês das possíveis recusas, desacertos, silêncios e falas.

De acordo com Adjair Alves (2011, p.28),

o conhecimento construído neste tipo de observação resulta da relação entre os sujeitos envolvidos no processo social - pesquisador e pesquisados - de tal modo que possibilite um “*encontro etnográfico*” no qual, ambas as partes destes personagens possam fundir seus horizontes, evitando que haja um exercício de poder por uma delas, determinando o desfecho da compreensão.

Diante das rotinas de pesquisa, a elaboração de diários de campo consolidou-se como instrumento de análise e fixação das informações praticamente simultânea, pressupondo, ao mesmo tempo em que exigindo, uma reflexão sistemática sobre o material produzido na busca de haver a preocupação para entrar nos universos simbólicos de significação dos sujeitos estudados. Desse modo, todo encontro com os jovens na quadrilha junina resultou em um diário de campo, expondo impressões sobre as experiências vividas e trazendo trechos de falas que corroborassem a uma problematização de modo densa do que ia observando.

O material compôs um arcabouço com cinquenta e dois diários resultantes da observação de momentos distintos, tais como ensaios coreográficos, reuniões na sede, pedágios, apresentações nos festivais, encontros ocasionais, entre outros. Foram construídos a fim de evidenciar as formas de contatos estabelecidos com os jovens durante os períodos das atividades citadas e os agenciamentos das relações e significados presentes nos seus discursos. Como atividades de uma duração média entre duas, podendo chegar até sete horas em determinados dias, as observações fixadas nos diários de campo tornaram-se vias de rupturas do olhar importantes para a produção da pesquisa.

A construção deste corpo de dados auxiliou não apenas a possibilidade de voltar a rever momentos de pesquisa, mas, sobretudo, como um meio de perceber aspectos presentes na estrutura social do grupo e das suas significações que cotidianamente traduzem de modo mais aproximado o contexto das práticas culturais do ciclo junino na vida social aos analisados. Condensavam-se distintas e plurais sensações compartilhadas nas relações que pudessem passar despercebidas frente ao cotidiano.

Os horários programados para início dos ensaios na Agremiação Junina Cariri estendiam-se na espera até que se formassem certo número de casais, sendo variados os instantes das chegadas dos jovens aos espaços onde ocorrem. Sempre vi ultrapassar uma hora, ou até mais, entre o tempo marcado e o que se iniciavam os ensaios coreográficos. Perceber estes aspectos foi se constituindo em bússolas cognitivas na medida em que norteavam os jovens no seu dia a dia, o que demandou apanhá-las diretamente pelas vias da etnografia (Pais, 2003, p.89). Este foi um tempo basilar para a realização de registros que permitiram produzir um *corpus* de dados diverso e complexo, auxiliando a aprofundar a análise.

A atenção à dinâmica das chegadas dos jovens aos espaços de encontros para as atividades favoreceu a aplicação de outra técnica de pesquisa, as entrevistas. Para além dos diários de campo, fui aos poucos percebendo que as entrevistas poderiam servir como vias de acesso a códigos a partir do direcionamento a questões específicas e aspectos presentes no espaço nativo. Dessa maneira, passei a conversar em pequenos grupos que iam se formando antes dos ensaios coreográficos uma vez que ao término do momento, esta atividade ficava comprometida pelos retornos realizados a pé por muitos jovens aos distintos bairros da cidade. Uma vez realizada a entrevista com um dado grupo, a seguinte era conduzida com prioridade a outros jovens a fim de que pudesse interagir com o maior número possível de brincantes na quadrilha junina.

Adotei dois modelos de entrevistas atendendo a situações específicas no processo de pesquisa. Ao todo foram realizadas cinco entrevistas com os jovens, sendo uma individual e quatro grupais. No primeiro caso, foquei especificamente o líder Alexandre com um roteiro de perguntas estruturadas. A entrevista com duração de uma hora teve como intuito abordar questões sobre a criação do grupo, as temáticas trabalhadas para as apresentações, as normas compartilhadas, a quantidade de brincantes, os títulos adquiridos, o significado do nome atribuído à quadrilha junina e a “identidade grupal” defendida.

Assim, me utilizei das seguintes questões: 1-Como a quadrilha junina começou? 2-Qual o significado do nome AJC? 3-Há um projeto que rege a AJC? 4-Quais as normas do grupo? 5-Já tiveram títulos? Quais? Entre outras demandadas pelo momento de interação.

As entrevistas individuais também foram utilizadas com os agentes do SESC e SECROM, produtores dos festivais juninos em Juazeiro do Norte. A partir de um modelo estruturado, interroguei as seguintes questões: 1-Como e quando foi criado o

festival organizado por esta instituição? 2- Qual a importância do mesmo para a cidade? 3- Atualmente, quantas quadrilhas juninas participam? 4- Quais os critérios julgadores dos grupos nos festivais? 5- Como ocorre o processo de seleção? 6- Em qual data acontece? 7- Quais prêmios ofertados? 8- Há vinculação a outros festivais de porte estadual? 9- Qual a sua opinião sobre as quadrilhas juninas atualmente?

No segundo tipo, com temporalidade média entre trinta e quarenta minutos, trabalhei em pequenos grupos dentro do ambiente da quadrilha junina com os brincantes a partir de perguntas semiestruturadas. Neste caso, fiz uso de questões que pudessem auxiliar a explicação pela participação dos jovens ao grupo, suas concepções sobre os festejos juninos, qual a importância da quadrilha que participam para suas vidas, se há e quais implicações sociais pelo fato de estarem ali, etc.

Foram perguntas elaboradas nas entrevistas coletivas: 1- O que representam as festas juninas para vocês? 2- O que representam as quadrilhas juninas para vocês? 3- Como se deu a sua relação com as quadrilhas juninas? 4- Quanto tempo por semana dedica às atividades do grupo? 5- Qual a opinião da família de vocês sobre a participação na quadrilha junina? 6- Vocês têm pretensões com relação à participação no grupo? 7- Como vocês participam da quadrilha junina? 8- O que é a AJC para você? 9- Qual o significado que a palavra galera tem para o grupo em sua opinião?

Nos momentos das entrevistas coletivas, a técnica do grupo de discussão com perguntas semiestruturadas favoreceu a construção de um espaço no qual os jovens pudessem compartilhar suas opiniões. Este modelo de entrevista foi composto com base em blocos entre cinco e oito questões desenvolvidas após um período de relações com os jovens, corroborando na definição de aspectos presentes e significativos aos pesquisados. Contextualizando estes modelos de entrevistas, Wivian Weller (2006, p.246) afirma:

Os grupos de discussão como método de pesquisa passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude. Estudos clássicos da Sociologia da juventude bem como da Psicologia do desenvolvimento definem o *peer group* como sendo o espaço de maior influência na formação e articulação de experiências típicas da fase juvenil. É principalmente no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, às experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações, contribuindo na análise de fenômenos típicos dessa fase.

A escolha por esse modelo de entrevista se justifica como facilitadora do posicionamento singular com que cada um dos jovens pudesse relatar sua aproximação

com o grupo. Há também a evidência de situações de divergências, apontando para modelos de interpretação do espaço a partir das experiências dos sujeitos. As entrevistas coletivas também colaboram para os agrupamentos de ideias em torno de questões, favorecendo uma interação de modo preciso sobre assuntos percebidos como importantes no ambiente de pesquisa a partir de um número considerado de jovens.

Os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros (*Idem*, p.247).

Acentuando a problematização sobre estes grupos, Flick Uwe (2009, p.182) aponta:

No momento das conversas, as correções - no que diz respeito às opiniões que não sejam socialmente compartilhadas - são disponibilizadas como meio de validar enunciados e pontos de vista. A contribuição desse método para as discussões gerais vinculam-se no sentido de revelar como as opiniões são geradas e, sobretudo, alteradas, defendidas e eliminadas no intercâmbio social.

Esta técnica de entrevista expôs o jogo das conversações que se conduzem pelas trocas, posicionamentos, reafirmações e choques de respostas. Neste sentido, tornam-se, momentos de intercâmbios reafirmativos de redes de relações. Logo, a pesquisa realizada em grupos formados por jovens é favorecida na produção dos dados, conforme aponta Viviam Weller (2006, p.250).

1-Estando entre colegas da mesma faixa etária e meio social, os jovens estão mais à vontade para utilizar seu próprio vocabulário durante a entrevista, desenvolvendo, dessa forma, um diálogo que reflete melhor a realidade cotidiana; 2-A discussão entre integrantes que pertencem ao mesmo meio social permite perceber detalhes desse convívio; 3-Embora a presença do pesquisador e do gravador gere uma situação distinta a de uma conversa cotidiana, os jovens acabam ao longo da entrevista travando diálogos interativos bastante próximos daqueles desenvolvidos em outros momentos. O entrevistador passa a ser uma espécie de ouvinte e não necessariamente um intruso no grupo.

A utilização do gravador de voz serviu para a posterior transcrição dos dados obtidos. Ao iniciar as entrevistas, solicitava aos jovens que apresentassem os seus nomes ou apelidos usados na quadrilha junina a fim de que pudesse localizá-los no áudio e organizar o material. Quando, em determinados momentos, pareciam extravasar,

falando dois ou mais ao mesmo tempo, me atentei para as vozes na intenção de poder identificar as opiniões sugeridas.

Nem todas as entrevistas demonstraram um caráter de participação. Assim, tive dificuldades na condução em algumas delas, onde os jovens não aprofundavam as respostas e em certos casos, as padronizavam, ressoando e revelando lugares de fala e expectativas sobre de onde ecoam as emissões das opiniões para dizer o grupo. Desta maneira, busquei trabalhar dimensões próprias a cada jovem, fazendo de cada caso, um tipo a ser compartilhado e como dotado de uma singularidade de exposição. Como propõe Machado Pais, (2003, p.101);

Em termos concretos, a função da entrevista é chegar ao desconhecido, ao não visto, ou, melhor dizendo, somente ao *entre-visto*. O entrevistado é justamente o visto “imperfeitamente”, o mal visado, o apenas previsto ou pressentido e é entrevistando que se encontram os significados das ações.

Pelo cotidiano de pesquisas, as entrevistas como técnica de produção de dados também foram mecanismos acionados constantemente através de conversas informais uma vez que intimidam menos e facilitam mais a aproximação com os jovens. Em contrapartida, este estágio demandou abertura, confiança e tempo com os sujeitos de pesquisa, o que não acontece de maneira rápida, nem mesmo por ações uniformizadas. Ou seja, é fruto de uma série de compartilhamentos de sentidos nas experiências.

O emprego de questionários também colaborou para a compreensão do universo empírico. Elaborei um roteiro com dez perguntas entre abertas e fechadas, sendo elas: 1- Nome? 2- Permite utilizar os nomes próprios caso necessário?¹³ 3-Idade? 4-Gênero? 5- Bairro de moradia? 6-Cidade? 7-Escolaridade? 8-Trabalha? 9- Mora com quem? 10- Em três palavras, o que significa a AJC para você? A aplicação desta técnica seguiu o mesmo modelo didático das entrevistas, sendo realizada em vários dias, antevendo as chegadas dos jovens aos locais de ensaios em vista da ausência de uns e de outros.

Todas estas técnicas de pesquisa foram utilizadas com a intenção de ampliar o arcabouço de possibilidades interpretativas a partir de questões presentes e emblemáticas para os sujeitos pesquisados. A partir das relações vividas em campo, elas validaram-se como meios facilitadores de uma maior problematização que permitisse compreender o objeto social em questão.

¹³ Os resultados obtidos com os questionários apontaram para a permissão destes usos. No entanto, optei por fazer referência aos jovens a partir de nomes fictícios na intenção de preservá-los, como já mencionei.

Capítulo II

FESTAS JUNINAS: Alguns fundamentos discursivos e significativos

“O São João significa para mim uma tradição. Se resume no amor que a gente tenta transmitir dentro de quadra, do sentimento que a gente tem. É uma coisa que a gente não consegue expressar direito. Só sentir”.
(Bruno. Entrevista realizada em 18-03-2015).

A centralidade da dimensão teórica deste capítulo, não marca, necessariamente, distanciamento da experiência empírica, pelo contrário, funde-se a ela. Parto da consideração de que os festejos juninos sejam momentos de expressiva representatividade nos contextos social e cultural brasileiro na medida em que congregam um conjunto de modos de significação e de caracterização das práticas sociais em que são agenciados.

Abordo as quadrilhas juninas, *lócus* de pesquisa, sobretudo, como espaços que possibilitam a construção e reafirmação de determinadas formas de sociabilidades. Em tais grupos, há o estabelecimento de gramáticas, atitudes e comportamentos caracterizadores aos sujeitos envolvidos. Ao encarar a lógica de grupo através dos seus sujeitos, a proposta analítica de Norbert Elias (2006, p.26) com o conceito de figurações sociais passa a ser uma via possível para problematizar as quadrilhas juninas. Seguindo os sentidos do conceito propostos pelo autor, as figurações exprimem as interdependências e diferenciações que ecoam entre os sujeitos e grupos entre si. Ao reverberarem as particularidades estruturais, são representantes de uma ordem de tipo particular, formando, respectivamente, o campo de investigação das Ciências Sociais.

Na abordagem Elisiana, as figurações sociais são instrumentos de análise sobre os sentidos do viver próprio de cada grupo, dos significados nos quais os sujeitos estabelecem as relações uns com os outros (Ribeiro, 2010, p.176). Estes sentidos e significados refletem também como se ergue o “mundo junino” através dos festivais e quadrilhas juninas na cidade.

De antemão, é salutar a necessidade de compreensão sobre algumas dimensões sociais nas quais são agenciados significados sobre as festas juninas enquanto práticas culturais. Isso servirá como base e fundamento para problematização aqui proposta sobre como são agenciadas nas quadrilhas juninas as experiências e as práticas grupais, as sociabilidades, a sua influência na elaboração das identidades e a mediação de estilos de vida a determinados sujeitos e grupos nos espaços urbanos.

O colorido das bandeirinhas penduradas nos cordões enfeita casas, lojas e ruas. Há barulho dos artefatos de pólvora, das rádios tocando xote e forró. Os quadrilheiros intensificam as atividades de finalização das quadrilhas juninas, já ansiosos pelas estreias dos seus grupos e divulgações dos editais dos festivais. Promovem-se festas para anúncio dos temas a serem abordados pelas quadrilhas juninas. Todos esses aspectos celebram o reencontro de um novo ciclo festivo entre as pessoas, as comunidades, e delas, com seus santos. É tempo de festa junina!

Quando citadas estas possíveis formas de representação das festividades de junho, juninas ou joaninas interessa lançar fundamentos à compreensão das suas origens, e, sobretudo, das marcas que adquiriram no espaço social e cultural brasileiro ao se estabelecerem como festejos populares e tradicionais, comemorados no país. Nesse espaço em específico, chamamos a atenção para a região nordeste, local onde tais festas se agudizam em relação às demais do território. De acordo com Hayeska Barroso (2013, p.45):

Um ciclo iniciado em 13 de junho, com Santo Antônio, cujo auge ocorre na noite entre os dias 23 e 24 do mesmo mês, com a celebração do dia de São João¹⁴ e se encerra em homenagem a São Pedro, no dia 29 de junho. São estes os marcos e referenciais religiosos das comemorações juninas.

As origens destes festejos, consideradas a partir das práticas que passam a materializar seus sentidos, como, por exemplo, a queima de fogueiras e fogos, as danças de quadrilhas juninas, entre outros - até hoje símbolos do ciclo -, apontam para fundamentações diversas. Quando se referencia mesmo as fogueiras e fogos, uma explicação oferecida resulta da ação da Igreja Católica que, ao buscar justificar suas ações como cristianizadoras, intervieram no período da Idade Média sobre as festas pagãs que ocorriam em torno do fogo. Nestes termos, sugere James Frazer (1978, p.218).

A época em que geralmente essas festas do fogo eram realizadas em toda a Europa é o solstício de verão, isto é, a véspera do solstício (23 de junho) ou o próprio dia do solstício (24 de junho). Um leve colorido cristão lhe fora dado ao ser-lhe atribuído o nome de festa de São João Batista. Mas, não pode haver dúvidas de que a celebração data de uma época muito anterior ao início de nossa era (...). Embora se possa considerar como certa a origem pagã do costume, a Igreja Católica lançou sobre ele um véu cristão, declarando, ousadamente,

¹⁴ Neste mesmo sentido, Lúcia Rangel, (2008, p.34) defende que São João ocupa papel de destaque nestes festejos, pois, dentre os santos de junho, foi ele que deu ao mês o seu nome (mês de São João) e é em sua homenagem que se chamam “joaninas” as festas realizadas no decurso dos seus trinta dias. O dia 23 de junho, véspera do nascimento de São João, é esperado com especial ansiedade.

que as fogueiras eram acesas em sinal do regozijo geral pelo nascimento do Batista, que oportunamente veio ao mundo no solstício de verão.

Desta mesma vertente, outra explicação possível que relaciona as festas juninas às práticas de acender fogueiras deve-se ao fato da celebração do nascimento de João Batista, o São João, primo de Jesus e filho de Isabel. De acordo com o discurso construído pela religião, Isabel viveu uma gravidez de risco e não podia mais ter filhos em virtude da avançada idade. A fim de anunciar o nascimento do filho, Santa Isabel mandou erguer um mastro com um boneco espetado na ponta e, ao redor numa montanha, acendeu uma grande fogueira com a intenção de avisar a Santa Maria, mãe de Jesus. Esta ação passaria a ser repetida a cada dia 23 de junho como anúncio do Batista, como destaca Elizabeth Lima (2010, p.96):

A festa do fogo se completa com a utilização em profusão de fogos de artifício por toda a noite do dia 23 de junho. O barulho emitido pela queima dos fogos serve de instrumento simbólico de que esta noite é “noite de festa junina”, pois não acontece em nenhum outro evento festivo, um consumo tão expressivo de fogos, tanto a nível particular, quanto coletivo.

Para além destas considerações que orientam a associação entre as festas juninas como festas do fogo, onde se nota, juntamente com as quadrilhas juninas, que este se torna um símbolo central, há a presença de outros elementos significativos na estruturação conjunta do discurso. Cabe citar, por exemplo, a ritualística utilização da água na crença da purificação e cura de determinados enfermos¹⁵.

Tratando as origens no caso brasileiro, Lúcia Rangel (2008) apresenta o seguinte ponto de partida:

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram ainda o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os Jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. Mesmo que no Brasil essa época marcasse o início do inverno, ela coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam, referentes à preparação dos novos plantios e das colheitas (*Idem*, p.21).

Nesta perspectiva apontada, emendam-se os símbolos fogo e fertilidade das colheitas antes plantadas. Reverberam-se ainda reminiscências que mencionam as festas juninas a partir da sua relação com o fogo, presumindo os discursos das práticas pagãs que servem como uma das origens explicativas dos festejos.

¹⁵ Para maiores detalhes, ver Elizabeth Lima (2010).

Outras linhas de análise no caso brasileiro apontam as reordenações imagéticas e práticas que ocorreram a partir da chegada da família real. Deste contexto, muitos festejos, inclusive os juninos, se ergueriam na influência dos costumes trazidos pela Corte portuguesa. Segundo Luciana Chianca (2011, p.144):

Com a chegada da família real ao Brasil em 1808, as festas urbanas (até mesmo as religiosas) ganharam novo vigor, pois, a Corte portuguesa trouxe novos hábitos festivos para o Brasil, destacando-se Portugal como país de grande reputação pela beleza dos seus fogos de artifício, marca estética e lúdica, presente, também, na festa junina contemporânea. Além do brilho das fogueiras e fogos de artifício, outras novidades trazidas pelas famílias portuguesas foram rapidamente adaptadas, notadamente no que diz respeito à música e danças de salão. Dentre elas, a mais conhecida e considerada típica da festa: a quadrilha junina.

A partir deste momento, as comemorações juninas ganham conotações próprias na sua estética. Caso disso ocorreu com as quadrilhas, como destaca a autora citada, o que as tornariam em peças fundamentais na tradição junina brasileira.

O processo de popularização que compôs as festas juninas como comemoração tradicional no Brasil baseou-se nas próprias dinâmicas da vida social que no país iria se verificar. Ou seja, uma forte presença de práticas e simbolismos que tem sua gênese no contexto de relações públicas, viabilizadoras dos hibridismos culturais (Albuquerque Junior, 2007, p.16-17 *apud* Barroso, 2013, p.58).

Acentuando a questão, Luciana Chianca (2011, p.143) destaca as dinâmicas da vida urbana colonial para pensar tal processo.

Comemorado também no meio rural, foi no meio urbano colonial que a festa se tornou um acontecimento de sucesso, ligando os seus dois principais eixos da vida social: as ruas e igrejas. Nos dias do santo, as cidades se iluminavam, enquanto o chão das ruas era decorado e as janelas enfeitadas com tecidos e potes de flores. As igrejas reuniam o público em torno de encontros esporádicos para os quais todos acorriam desejosos de ver e serem vistos, mas também, para conversar, para assistir às representações teatrais, cantos e danças, e também se distrair da fé cristã.

A vivência lúdica das festas juninas no contexto brasileiro as marca como um período de reafirmação de laços sociais, de aproximação nos convívios e da construção de muitas formas de sociabilidades. Sinônimos desse caráter integrador da festa são as próprias quadrilhas juninas, apropriadas como danças culturalmente popular, ou do povo, e não somente de certos grupos sociais, como quando chegou da Europa. Numa perspectiva Durkheimiana (2003), pode-se pensar que enquanto festas, estas práticas

são indispensáveis para o (re) avivamento de laços intersubjetivos, tendenciados a se enfraquecer, se afrouxar e até mesmo se dissolver com o passar do tempo.

Nesta composição a partir de cenários, sujeitos e práticas distintas, que culturalmente tem sua vida social imbrincada na dinâmica da rua, os festejos juninos atravessaram ressignificações imagéticas e discursivas ao longo do século XX. Tais transformações os modelaram na convergência de seu caráter de religiosidade, mas também, como festa lúdica, de lazer, de extrema preparação aos convívios entre os grupos de quadrilhas juninas que disputam os festivais. A partir da ênfase aos referidos grupos, Elizabeth Lima (2008) destaca o processo de popularização dos festejos juninos.

Para alguns estudiosos do folclore e da cultura popular, a quadrilha é introduzida no Brasil como uma dança tipicamente aristocrática, restrita aos nobres da Corte portuguesa. No entanto, logo ganha às ruas e se populariza como uma dança típica no país. Até então, a dança de quadrilha aristocrática não tinha relação alguma com a festa junina, tal relação ocorre quando ela passa a ser executada nas ruas e de maneira indistinta pelos vários extratos sociais (*Idem*, p.115).

Após a saída dos bailes nobres, as festas juninas popularizaram-se. Hayeska Barroso (2013, p.52), citando Nestor Canclini (1982, p.137), assinala que a adjetivação de popularidade tem a ver, no entanto, muito mais com a utilização e significação que os setores populares lhes atribuem, do que com a sua origem, ou mesmo a presença/ausência de traços folclóricos nela. Isso contribui para a verificação de que o que está em jogo é a representatividade sociocultural da chamada cultura popular¹⁶, a quem pouco importa o grau de beleza, criatividade e/ou autenticidade, mas, os modos e as formas através dos quais certas classes sociais tem vivenciado o processo cultural em relação as suas condições de existências reais enquanto classes subalternas.

Nestas perspectivas, pode-se propor que as festas juninas se constituíram em festas populares porque ganharam a aderência de classes sociais destituídas de “valor social” (Bourdieu, 1983), a partir das relações de desigualdade e conflitualidade em que se estruturam as sociedades de classes, não querendo dizer, porém, que tenham surgido delas, mas sim, adquirido novos contornos.

Ainda no bojo das representações, a referência às origens rurais das festas juninas, dita pelo modo rústico de vida do sertanejo, guarda o sentido de fartura das colheitas, celebradas pelo homem do campo. Tipos de discursos neste modelo traduzem as festas

¹⁶ Ressalto que Pierre Bourdieu (2008 *apud* Barroso, 2013) nega a existência de uma cultura popular entendida como diferença e divergência. Para o autor, a cultura seria um capital (capital cultural) pertencente e interiorizado em toda a sociedade através do *habitus* como um eco da cultura dominante.

juninas como festas que tem uma aproximação intrínseca com o espaço da roça e da vida rural. É como se estas fossem orientadas/orientadoras a partir de práticas como as observadas, por exemplo, nas vestimentas, com usos de vestidos de chita e cabelos entrançados para as mulheres, e camisa xadrez, calças longas e rasgadas, e chapéu de palha, para os homens.

Nas cidades, estes trajes foram adotados como meios de aproximação com o modo de vida do mundo rural, porém, eles representam apenas uma forma de imitação, de simbolização ao sentido de festa matuta e interiorana, como afirma a autora abaixo citada.

Para alguns folcloristas, como Alceu Maynard de Araújo, nas áreas rurais brasileiras, a festa ao Batista se apresenta com as mesmas características. Porém, na cidade grande, há um anacronismo, há um falseamento, um arremedo do grotesco e da alegria sadia do sertão. Por isso, os clubes se enchem de imitadores fantasiados de campônio cujo nome varia de uma para outra área: caipira ou matuto, tabaréu ou sertanejo, caboclo ou caiçara (ARAÚJO, 1977 *apud* LIMA, 2010, p.77).

Ao ganhar a cidade, os festejos juninos são vividos em dimensões práticas distintas daquelas do espaço rural. Não de forma ambivalente, desprendida em relação àquele, mas, que para compreendê-lo no espaço urbano, é necessário problematizar as novas perspectivas que deles suscitam. Isso implica, inclusive, nas formas de pensar os comportamentos de sujeitos específicos como os jovens ao construírem suas participações nestes rituais festivos. As próprias quadrilhas juninas que concorrem nos festivais, por exemplo, são elaboradas durante um longo período de tempo no ano, mediando à formação de estreitos laços sociais entre os envolvidos.

Nesta análise, elejo as quadrilhas juninas, a partir das relações de sociabilidades e protagonismos produzidos pelos jovens, como vias fundamentais à compreensão dos festejos juninos. Referencio estes grupos a luz de Mônica Melo e Marcos Leite (2013, p.02-03) com a noção de grupos de arte e cultural. Para estes autores, o estudo destes espaços e dos sujeitos neles presentes possibilita compreender formas de comportamentos específicos, podendo ser exemplos de esferas participativas na vida social contemporânea. Isso porque, as pertencas a estes ambientes corroboram a construção de determinados laços e redes de trocas, e de tensões e conflitos entre os jovens ao elaborar e dar significado as suas experiências.

Apontando a lógica de construção e reafirmação dos laços sociais nos grupos, e aqui, nas quadrilhas juninas, Juarez Dayrell (2004, p.12) defende que estes espaços

funcionam como referências para a escolha de amigos, rompendo a noção de tempo livre ao ocupá-los. Muitas vezes, estes são um dos poucos espaços de construção de uma autoestima, possibilitando aos envolvidos, identidades positivas. Proponho a noção de visibilidade como refletora dos protagonismos, onde as pertenças às quadrilhas juninas são expressões que denotam o sentido de ser “alguém” na cidade em que vivem a partir dos envolvimento com as práticas do mundo junino.

Além deste viés espacial na compreensão das quadrilhas, outra dimensão relevante nesta abordagem é a temporalidade. Que seja junho o mês onde se celebram os sentidos dos festejos que também carregam seu codinome, as perspectivas literárias trabalhadas demonstram isso. No entanto, defendo que essa temporalidade definida e passageira, representa em muitos casos, o momento de maior expressividade das experiências que perpassam por outros tantos meses do ano. Reflexo desta premissa é a produção quadrilheira exposta, dentre outras possibilidades, como “espetáculo” ou “produto cultural”. Isso porque, não são vividas apenas como peças de roupas, guardadas e prontas para serem usadas, mas sim, reconstruídas visual, musical e teatralmente todos os anos.

2.1- A espetacularização da festa e a ‘*produção cultural*’ quadrilheira

Os modos como às festas juninas são vividas no espaço urbano, quando consideradas suas dimensões históricas, vão ser ligeiramente distintas em relação ao espaço rural. No século XX, sobretudo nas últimas décadas, estas festas atravessaram expressivas mudanças, como no caso da produção dos festivais de quadrilhas juninas.

A luz da perspectiva explicativa de Christina Nepomuceno (2011, p.358), tais transformações foram corroboradas em vista de

um contínuo processo de ressignificação da tradição, terminando, em alguns casos, por alterar completamente a essência da festa. Poderíamos dizer que a transformação inicial deu-se a partir do processo de “*rurbanização*” - Denominação utilizada por Gilberto Freyre para definir a transição do rural para o urbano - da mesma.

Um aspecto presente na literatura utilizada sobre o processo que envolve as ressignificações nos festejos juninos, categorizando-os como espetáculos, diz respeito ao marco espacial do nordeste brasileiro. De um modo geral, esta região do país é tida como emblemática na gestação da festa junina como espetáculo. Ainda para a mesma autora citada,

a festa junina no nordeste está definitivamente consolidada como um dos principais atrativos turísticos da região. O cenário junino hoje é composto por grandes e luxuosos aparatos cujo objetivo maior é “seduzir” o público para apreciar os esplendorosos espetáculos que ostentam com magnificência as tradições reelaboradas. Das capitais aos pequenos lugarejos, todos imbuídos num processo de construção de um produto atraente [...]. Dentre os vários ciclos festivos do nordeste, as festas juninas sempre tiveram lugar de destaque, disputando com o ciclo natalino a posição de festa mais importante da região. A importância deste ciclo festivo para o nordeste está intrinsecamente relacionada à sua condição de festa da colheita, época de fartura, momento de anúncio para todos da abundância (*Idem*, p.357).

Quanto aos marcos temporal, há a ênfase para as décadas finais do século passado, como proposto nas observações de Luciana Chianca (2011, p.145).

Os anos 1990 foram marcados pela espetacularização das festas juninas [...]. Tais transformações estão sintonizadas com o modo de vida urbano, incorporando a religiosidade, a ruralidade e a tradição festiva em espaços públicos e privados: ruas, praças, escolas, *shopping centers*, canais de televisão, publicidades e mesmo a internet. A sua marca mais forte é, entretanto, a nostalgia, não como uma necessidade de “volta ao passado”, mas, lembrando e tornando possível a renovação anual dos laços sociais que nos ligam a familiares, vizinhos, colegas, compadres e amigos.


Investigando a festa do maior São João do mundo, em Campina Grande-PB, Elizabeth Lima (2010) aponta uma data ainda mais distante cronologicamente. De acordo com a autora, já na década de 80 havia indícios do sentido de espetacularização nas festas juninas daquela cidade.

A partir da década de 80 do século passado, as festas juninas ganham notoriedade cultural e midiática. É o período em que ela sai do espaço rural e ganha o espaço urbano das cidades e enormes “arraiais” são montados para a festa. Transformadas em grandes espetáculos de som, luz, dança e alegria, as festas juninas - ou ciclo joanino - vêm crescendo a cada ano no Brasil, e, principalmente, nas cidades nordestinas, onde dura o mês inteiro (*Idem*, p.16).

Percebe-se que hoje estes festejos podem ser denotados na cidade como espetacularizações, sendo espaços de uma inventividade e criatividade quadrilheira que figuram nas dinâmicas do ciclo junino. Tais transformações, porém, estiveram envolvidas e demarcadas pelos regulamentos dos festivais e sob o olhar técnico de jurados que avaliam os grupos através de quesitos de pontuação, tais como: coreografia, evolução, harmonia, figurino, casamento, animação, desenvoltura dos brincantes e do marcador, interpretação do noivo e da noiva, letra e ritmo musical, e o tema abordado. A seguir, ilustro este conjunto de aspectos destacando o regulamento para o ano de 2015

do festival SESC ATIVO, no capítulo que trata dos quesitos de pontuação a serem julgados.

Imagem 07: Regulamento Circuito de Quadrilhas Juninas SESC ATIVO 2015



REGULAMENTO 2015

O SESC - Serviço Social do Comércio em parceria com a FEJUC realiza o Circuito de Quadrilhas Juninas Adultas e estabelece o seguinte regulamento para os inscritos de 2015.

(...)

CAPITULO IV – DOS QUESITOS A SEREM JULGADOS

Art. 23º. Serão julgados separadamente os seguintes quesitos e sub-quesitos:

A) QUADRILHA - Casamento - Coreografia - Evolução - Animação - Harmonia - Figurino - Entrada - Repertório.

B) MARCADOR -Desenvoltura - Liderança - Animação - Figurino - Integração ao Grupo.

C) RAINHA -Desenvoltura - Animação - Figurino -Simpatia -Integração ao Grupo.

D) CASAL DE NOIVOS -Desenvoltura - Interpretação no Casamento - Animação - Figurino - Simpatia - Integração ao Grupo.

§ Primeiro. No sub-quesito coreografia - a quadrilha terá que apresentar obrigatoriamente no mínimo 08 (oito) passos tradicionais. A não apresentação dos oito passos tradicionais implicará na perda de 01 (um) ponto em cada planilha do sub-quesito coreografia.

§ Segundo. Caso a quadrilha junina deixe de apresentar qualquer quesito ou sub-quesito em julgamento, a mesma receberá a menor nota atribuída por este regulamento que é a nota 7,0 (sete).

§ Terceiro. Todos os quesitos em julgamento seguem conforme planilha de julgamento do SESC.

Fonte: <http://aracati.ce.gov.br/downloadgma/cqjsesc090615.pdf> (30-10-2015)

A espetacularização que redimensionou a festa, que compôs quesitos para avaliar e pontuar o desempenho dos grupos não se destituiu, porém, das práticas e significados considerados “tradicionais”. Em muitos casos, essa intersecção é corporificada nos próprios nomes e ou temas das apresentações dos grupos juninos que carregam consigo termos tais como “sertão”, “cangaço”, “arraiaá”, além de ícones regionais como Patativa do Assaré (Ceará), Luiz Gonzaga (Pernambuco), etc.. Ao analisar esta perspectiva a partir do cenário junino cearense, Hayeska Barroso (2013) indica que a abordagem proposta pode ser aguçada por meio do dilema tradicional/moderno.

Devidamente urbanizada, [a festa junina] modernizou-se e agregou novos valores. Atualizou seus traços antigos e vive permanentemente o conflito entre o tradicional e o moderno estilizado. Nos dias atuais, todos esses elementos se congregam, em sua maioria, nos festivais de competição de quadrilhas juninas organizados a nível local, regional e nacional, exigindo o aprimoramento e a inovação constantes. (*Idem*, p.15). (Grifo meu).

Quando se considera a promoção dos festivais de quadrilhas vividos na cidade, como práticas modernizadoras do ciclo junino, suscita-se outra perspectiva justificada/justificadora neste processo. Isso porque, a “modernização das práticas juninas” também contribuiu para agenciar o envolvimento juvenil a estes espaços. No trecho a seguir, exponho como esta questão é destacada por Alexandre.

“Você pode perceber uma coisa, as quadrilhas, ao contrário de outras práticas culturais, como reisado, bumba meu boi, lapinha, ela se permitiu modernizar, ela se abriu para a modernidade. Quadrilha que se moderniza, que tem coisas novas, atrai os jovens. Se eu não fizer isso, pode ter certeza que os jovens não vão vir dançar não, sabe! E eu não estou acabando com o São João, eu apenas dou novos sentidos as quadrilhas, acrescento coisas novas. Ao contrário do que dizem por aí, que isso poderá acabar com o São João, isso só fortalece e acrescenta, porque se ficar naquelas coisinhas paradas, eu não vou ter ninguém pra dançar”. (Trecho extraído de Diário de campo, 29-01-2015).

Ainda conforme a autora anteriormente referida, o fato de as quadrilhas juninas serem vistas como expressão da cultura popular, vinculadas às tradições, de uma forma ou de outra, pode tender a gerar o movimento contrário de atração dos jovens (*Idem*, p.76). Em contrapartida, isso não quer dizer que as referências às tradições sejam dissipadas, deixando de fazer parte do arcabouço mediador dos envolvimento juvenis com as práticas do ciclo junino.

Considerando o trecho do discurso acima citado sobre a AJC, observa-se que a construção significativa da performance é tensionada entre os aspectos tidos como tradicional e moderno. Evidencia-se ainda, uma justificativa sobre a associação do jovem às práticas modernas, demarcando um tipo de sentido social, atribuído e relacionado a estes sujeitos referidos. Aponta ainda para as tensões existentes entre os grupos juninos como resultantes, entre outros aspectos, do binômio tradição/modernidade, demonstrando como na vida social os processos de mudanças ocorrem sem a separação de práticas aparentemente paradoxais, mas sim, que guardam e são reelaboradas na coexistência. No trecho “Ao contrário do dizem”, corrobora-se a perspectiva quando o jovem expõe a existência destes conflitos a partir das interpretações que outros grupos elaboram sobre a quadrilha junina a qual pertence,

onde as trocas destes sentidos constroem e reafirmam os grupos no conjunto das disputas vividas socialmente.

Ainda no sentido de correlação do jovem com os festejos juninos e considerando as reconfigurações, Josiel Bernardo, técnico de cultura do SESC da unidade de Juazeiro do Norte e atual presidente da Liga Primeiro de Junho, a Liga de Quadrilhas Juninas da região do Cariri cearense, afirma que os festivais juninos têm incentivado e servido como meio de atração juvenil às práticas do ciclo junino a partir das quadrilhas juninas.

“Ela é a única oralidade que prende o jovem a procurar a tradição, a cultura do seu município. Se chama a quadrilha junina. Que eu acho errado, porque, os jovens eram para está em tudo o que tem de cultura e tradição em sua cidade. Nós temos aqui, maneira o pau, reisado, banda cabaçal, lapinha, grupos de bacamartes, e ninguém procura conhecer essa diversidade. Então, a quadrilha junina é a única que consegue envolver os jovens. Eu acho que por causa dessa inovação, desse pulo mais a frente que conseguiu conquistar mais os jovens. Mas, eu acho que se tivesse todo esse espaço que tem para as quadrilhas e os festivais, para os outros movimentos, eu acho que os jovens seriam mais envolvidos. Como eu incluí, depois que entrei no SESC, a quadrilha nessa linguagem de tradição, aí elas vêm para cá nos eventos e recebem uma ajuda de custos, um transporte para se apresentar nas festividades de Juazeiro. É isso que o SESC realiza. Então, eu acho que se tivessem mais vitrines pros outros espaços, os jovens estariam envolvidos também. A questão que atrai os jovens a estarem no movimento junino é as viagens, o *glamour*, essa disputa de poder, de beleza. Mas, assim mesmo, esses eventos que são realizados, tanto nos festivais como nas amostras, são de fundamental importância para a manutenção da cultura. Porque se não existissem os festivais e as amostras, as quadrilhas juninas tinham acabado. Porque ninguém quer fazer mais para dançar quadrilha de rua, para comemorar o São João”. (Josiel Bernardo. Entrevista realizada em 13-04-2015).

Pode-se perceber que tais reapropriações e ressignificações estão orientadas para além das quadrilhas juninas uma vez que estas têm suas ações direcionadas na relação com as transformações que ocorreram nos festejos juninos, principalmente no espaço urbano.

Atualmente, a festa junina no espaço urbano é algo diferente, ela se redefine, extrapola o localismo e utiliza os elementos da tradição junina para ser reinventada, apropriada e conservada como um espetáculo de cores, luzes e sons; como uma festa comercializada, que significa marketing turístico, econômico, social, cultural e político (LIMA, 2008, p.18).

No cerne da espetacularização ocorrida na cidade, a quadrilha junina emerge como principal “produto cultural” oferecido no ciclo junino, àquele que congrega a maior representatividade e significação. Olhando para ela, vislumbra-se uma série de

aspectos que envolvem as mudanças, ora ditas modernizadas, ou estilizadas, ou urbanizadas, dentre outras adjetivações.

Nas vivências com os sujeitos nos espaços de pesquisa e as anotações nos diários de campo, pude ratificar essa linha compreensiva da quadrilha junina enquanto “produto cultural” no ciclo festivo em questão ao considerar sua composição como resultante de etapas exigentemente coordenadas. Além do sentido de dança conjunta e elaborada em pares, os grupos que disputam os festivais baseiam suas ações em determinadas lógicas como, por exemplo, a inovação das performances coreográficas e teatrais, das estéticas visuais, etc.. Assim, criam-se temas, repertórios musicais, vestuários, logomarcas, camisas personalizadas, personagens além dos envolvidos no casamento matuto, como próprios a cada grupo junino anualmente.

Imagem 08: Logomarca da Agremiação Junina Cariri



Fonte: Página da rede social *facebook* da quadrilha Agremiação Junina Cariri. (16-03-2015)

Para o grupo, a ilustração simboliza a união dos brincantes de mãos dadas em uma quadrilha junina, sentido esse que deve prevalecer no cotidiano de relações no ambiente. O colorido representa as roupas longas e a alegria da festa junina.

No relato a seguir, ilustro a perspectiva em questão quando o jovem Paulo destaca o que será feito e o que se espera com o tema trabalhado na Agremiação Junina Cariri no ano de 2015.

“Com o nosso tema mesmo, “Era uma vez”, estamos cheios de novidades para este ano. Vamos trazer uns personagens com apoio na literatura regional, falando do São João a partir de um amanhecer. Nossa ideia é pegar uns três ou quatro personagens e fazer como se tivessem saindo de um livro, encenando uma bela história. Isso vai ser show, cara, porque ficamos sabendo que houve uma reunião da Federação [Federação de Quadrilhas Juninas do Ceará- FEQUAJUCE] em Fortaleza que agora essas coisas criativas vão contar pontos, desde que estejam ligadas ao tema junino. Então, nós vamos sair na frente e, como ano passado, vamos ter uma boa colocação”. (Trecho extraído de Diário de campo, 05-03-2015).

Nos grupos, todo este arranjo é instituído dentro de certo mistério, até mesmo para quem pertence às quadrilhas juninas enquanto brincantes, e dele, só se sabe os coordenadores/lideranças. Nesse sentido, o acesso às informações sobre o que seria apresentado no caso da Agremiação Junina Cariri tornou-se, até certa medida, um aspecto provocativo à pesquisa. É como se estes adereços passassem a ser o que os quadrilheiros chamam de “novidades”, ou, as distinções de cada grupo no jogo das concorrências do teatro junino.

Quando indaguei Alexandre sobre os personagens que viriam junto com a apresentação, ele ofereceu a seguinte resposta:

“Olha! Aí só se você for assistir. Porque é como se você perguntasse ao mágico qual o seu segredo. Então, é só vendo para creditar. Eu não diria nem acreditar, mas, é dar crédito mesmo. A gente está aqui pra buscar o crédito no reconhecimento do povo. Essa é a proposta do grupo. As pessoas tem que creditarem e dar valor ao grupo, ao que essa molecada planta. Não só na quadra, mas, quando cada um sai de sua casa e enfrenta todo tipo de preconceito para chegar até aqui. De buscar o final feliz de cada um”. (Alexandre. Entrevista realizada em 26-02-2015).

Outra questão percebida se refere à introdução de novos instrumentos na musicalidade junina, pois há uma crescente composição de arranjos musicais para além do emblemático trio composto pela sanfona, triângulo e zabumba, instrumentos que em geral compõem os ritmos de dança nas quadrilhas (Rangel, 2008, p.51). Constatei no caso estudado o uso da guitarra, contrabaixo, bateria e percussão. Ainda de acordo com o mesmo entrevistado acima, essa aderência é justificada pela necessidade de mudanças nas apresentações, compondo melodias que, por sua vez, extrapolaram em muitos casos o forró, o xaxado e o baião.

“Foi eu mesmo que fiz a composição e produção do CD. Por que é a produção que faz as músicas falarem. Aí, pra completar, pra dar uma visão nova e atender as necessidades do que você vai fazer pro ano, a gente põe mais instrumentos. Mas, tem gente que usa rabeca, tem outros que usam violino e por ai vai”. (Alexandre. Entrevista realizada em 26-02-2015).

Os intensos trabalhos de aprimoramento dos passos coreográficos, realizados nos constantes ensaios nas quadrilhas juninas, também colaboram para a construção estética do sentido de produto cultural a ser visibilizado nos festivais juninos. Os corpos dos quadrilheiros devem ser enfileirados, alinhados e metricamente distribuídos nos espaços de dança, esboçando a harmonia entre ritmo musical e movimento corporal, revestidos

com sorrisos empolgantes e olhares fixos, que possam externar a felicidade vivida naquele momento.

O grito “*formou*” é categoria nativa para chamar os jovens brincantes ao pátio de dança. Fabrício, o coreógrafo, cumpre um papel de extremo avaliador dos passos e das posições ocupadas no espaço. É como se encarasse esta como a sua tarefa suprema nos dias de ensaios. Tem o costume de cobrar postura e alinhamento diretamente, que quer dizer: estejam em fila igualmente distribuídos e façam uso adequado do corpo na condução da dança. Para o jovem, a repetição incansável dos passos é o que faz gerar a harmonia entre os brincantes no grupo. Volta à música por inúmeras vezes e percebe “falhas” que só seu olhar atento enxerga. Além do mais, faz questão de lembrar que “já estamos em março, minha gente! Não é mais janeiro nem fevereiro, não! Se liguem no que estão fazendo e façam as coisas com seriedade”. [Fabrício]. (Trecho extraído de Diário de campo, 04-03-2015).

Produto cultural e ou “produtificada” a partir das dinâmicas do ciclo junino, é fato que a espetacularização da festa junina provocou uma ação de contínua estilização dos grupos de dança envolvidos. Padronizou-se, dentre outras causas, devido à busca para atender aos critérios requisitados. Nesse mesmo contexto, muitos grupos também buscaram fazer das suas performances, meios de distinção nos festivais e apresentações, baseando-se em temáticas que as singularizem.

Percebe-se que cada passo, cada gesto, cada ação, é dotado de significação no conjunto das apresentações públicas das quadrilhas juninas. Isso colabora pensar que para além do conjunto das normatividades impostas pelos festivais, que exercem a ação de delimitação das possibilidades performáticas de cada grupo, tanto os brincantes quanto suas quadrilhas são agentes importantes à compreensão frente ao quadro tradicional/moderno. Ademais, há outra dimensão presente e significativa que é o público, sedento pela animação em ver os grupos juninos em quadra e de se deleitar com as novidades oferecidas, como abordo no quarto capítulo.

2.2- O que dizem os jovens sobre as festas e quadrilhas juninas?

Um recorrente traço observado nas leituras especializadas que abordam o tema das festas juninas é a centralidade com que as quadrilhas são tidas como emblemáticas simbolizações destes festejos. No cotidiano de participação junto ao grupo estudado, encontrei-me, largamente com esta mesma forma de explicação, na qual se erguia uma constante e intrínseca associação com que os jovens concebiam a quadrilha à festa junina. Para além de outros adjetivos, falar em festa junina é falar em quadrilha junina.

Desta forma, tornou-se necessário discutir as bases desta relação que elege a quadrilha junina, a emblemática e particular predicação discursiva dos festejos juninos.

No sentido de definição, Lúcia Rangel (2008, p.51) sugere a seguinte proposta para pensar as quadrilhas juninas como sendo:

Um tipo de dança (*quadrille*) originário de Paris no século XVIII. Consta de diversas evoluções em pares, aberta pelo casal de noivos que encena um casamento. Também chamada de *quadrilha caipira* ou de *quadrilha matuta*, muito comum nas festas juninas, foi introduzida no Brasil durante a Regência, e fez bastante sucesso nos salões do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro, sede da Corte.

Nesta dança, um fato que perpassa as apresentações das quadrilhas juninas é o casamento matuto. A encenação teatral presente neste momento, considerado a abertura, permite enxergar personagens tradicionalizados na festa junina, elegendo Santo Antônio, que abre o ciclo dos festejos, como o santo casamenteiro. Sobre o casamento matuto, Elizabeth Lima (2008, p.117) pondera:

Uma atração na dança de quadrilha é a prática de um enlace matrimonial a ser realizado a contragosto do noivo. Daí a presença, além dos noivos, do padre, dos pais da noiva, das testemunhas e do delegado, que serve de autoridade para exigir do noivo que não fuja de sua responsabilidade e se case. O casamento matuto é um dos momentos mais esperados na apresentação das quadrilhas, por divertir o público com cenas inusitadas do noivo querendo fugir de seu compromisso.

A partir desses traços, esboçam-se representações outras no imaginário social estruturador da festa, como quando ela aparece enquanto tipicamente nordestina e que remete ao cenário do interior. Nestas perspectivas, figuram-se as dimensões, lúdica e profana das festas, reverberando-se como características das extensões adquiridas no contexto cultural brasileiro.

Apoiando a premissa adotada sobre a quadrilha junina como símbolo central no discurso junino, a mesma autora referida ressalta:

As quadrilhas juninas são, sem dúvida, o grande ícone da festa junina. Outros elementos constitutivos ajudam em sua composição, mas, nenhum possui a sua substância, peculiaridade e especificidade. Ela é, definitivamente, o grande símbolo, de tal sorte que não existe festa junina sem a participação de quadrilhas juninas. [...]. Elas colaboram para a criação de um imaginário em torno da festa junina como uma “festa matuta”, através, por exemplo, de sua indumentária e vestuário: saias e blusas ou vestidos rendados, com babados fartos, para as mulheres; calças jeans, com remendos de tecidos coloridos, camisas no mesmo padrão do tecido pelas mulheres, além de chapéus de palha e botas, para os homens. Com o uso de tal indumentária caipira, institui-se o chamado “traje típico da festa junina” (*Idem*, 2008, p.113-114).

É importante destacar que estas danças não tiveram a representatividade em outros momentos históricos tal como hoje, conforme destaca Luciana Chianca (2011, p.144).

Ao sair de moda no início do período republicano, as quadrilhas juninas permaneceram dançadas em localidades político e administrativamente menos importantes. A partir de 1950 é que retornam às grandes cidades com a intensificação migratória que marcou esse período. Desde então, identificada novamente ao “interior”, é que ela foi definitivamente associada à festa junina brasileira.

Com base nestas análises, pode-se afirmar que este processo de disseminação das festas juninas colaborou, como já salientei, para a agregação de novos sentidos e de performances nas quadrilhas, incluindo a própria dramatização do casamento matuto. Assim, traduzem-se através dos jogos de estéticas assumidos como marcas e distintivos grupais, tornando-se espaços de valor significativo para os envolvidos, e mecanismos na manutenção das festividades juninas.

Nos trechos que seguem, extraídos de entrevistas realizadas coletivamente, denoto a questão através de blocos de respostas, evidenciando as interpretações dos jovens no grupo. Para tanto, utilizei-me da seguinte pergunta: O que significam as festas juninas para você?

“O que eu vejo representar as festas juninas para mim, não são só festas juninas, mas, as quadrilhas juninas, é um modo que eu tenho de expressar o que eu gosto e que eu amo fazer com o grupo onde eu estou, onde eu vivo”. (Caio. Entrevista realizada em 05-03-2015).

“A quadrilha é pra mim uma família. Além de grupos juninos, sempre se tornam uma amizade maior. Eu não sei bem o que dizer não, mas, é brincar São João, é ser feliz. Só em você está com seus amigos ali... [pausa]. É o que importa”. (Pedro. Entrevista realizada em 11-03-2015).

“Representa praticamente uma parte da minha vida. O São João é nada se não tiver quadrilha. Pra mim, viver quadrilha é tudo. Se não tiver quadrilha, do começo até quase o final do ano, é nada! Preenche o meu tempo”. (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

Atribui-se o sentido de momento lúdico, de afetividades, de promoção de visibilidades mediadas pela vida social do espaço público. Estas descrições significam as festividades, constituindo formas íntimas de representação nos saberes juvenis como meios de explicação das festas juninas. Conforme propõe Elizabeth Lima (2008, p.114), projeta-se quadrilha junina enquanto festa junina na medida em que ela serve de instrumento de socialização e aprendizado na instituição do imaginário festivo.

“Festa junina significava a festa da colheita, num é! Agora, pra mim, ela significa um momento de felicidade. Do mesmo jeito que no Rio de Janeiro o carnaval significa pra aquele pessoal todo que fica trabalhando, eu acho que tem o mesmo sentido pra gente. É a realização de um trabalho que se inicia no começo do ano e vem até o mês de junho. É momento de festa, de alegria”. (Érica. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Eu acho que tem muita gente que não entende o que é São João, e tem outras que dançam quadrilha porque já entendem o que é São João. Isso significa uma forma de alegria. Mas, o melhor é você está ali, dançando e saber que você fez a sua parte”. (Paloma. Entrevista realizada em 11-03-2015).

“O São João representa pra mim, amor, cultura, família. Ver todos unidos em um único pensamento para fazer uma festa grandiosa que é. Onde reúne várias pessoas de lugares diferentes para dançar e brincar, ser feliz”. (Antônio. Entrevista realizada em 11-03-2015).

Despertou-me a atenção também o fato de que no solo desta associação reside o discurso de tradição como uma via possível para justificar a aproximação dos jovens com as práticas juninas. Com ênfase, essa premissa serve como adorno legitimador do que se expressa, onde as quadrilhas são mediadoras entre um passado, não pertencentes aos jovens, e um presente, apropriado e ressignificado.

“Olha, a quadrilha representa pra mim, muita coisa. E não sei muito bem como descrever, mas, é como algo que assim que se ver, se gosta. A quadrilha representa pra mim a tradição, os valores. É o está na quadra”. (Sérgio. Entrevista realizada em 05-03-2015).

“Eu acho assim, que além de ser cultura, tradição, também já vem de minha família. É quadrilha, quadrilha, quadrilha! Aí eu gosto de dançar, sabe! Eu me sinto muito bem quando eu danço quadrilha”. (Amanda. Entrevista realizada em 05-03-2015).

A partir dos relatos, pode-se observar a presença de discursos instituídos sobre a festa junina como tradicional. De outro modo, se acentua ainda maneiras ressignificadas de sentidos e práticas elaboradas pelos jovens. A tradição aparece como um meio de “preservação” da festa, mas, não como algo inerte. Logo, a quadrilha junina deixa de ser dita apenas por sua temporalidade restrita ao momento do ciclo junino, passando a servir como possibilidade de construção e reafirmação de laços sociais entre os jovens.

Na medida em que é instante de diversão, é palco para manifestação de apresentações grupais. O período junino torna-se aqui, uma possibilidade de movimentação juvenil agenciada em grupos de quadrilhas juninas, reafirmando os seus imaginários. Ao mesmo tempo, essas construções aparecem como bricolagens, como detritos de mundo (Certeau, 2011, p.174), possibilitando perceber a presença de significações diversas em torno dos grupos de quadrilhas, reafirmando o caráter lúdico,

destacando São João como santo fundante e principal da narrativa junina e fazendo híbrida e polissêmica as formas de dizer e viver o grupo cotidianamente e, por consequência, as festas juninas.

2.3- Festivais juninos em Juazeiro do Norte e Cariri cearense

A partir da direção aqui adotada para buscar compreender os festejos juninos, dando ênfase aos festivais de quadrilhas na cidade, compete fundamentar a proposta através, sobretudo, da experiência de campo. No caso específico de Juazeiro do Norte, ocorrem dois festivais no calendário comemorativo, sendo um organizado pelo SESC e outro pela SECROM, demonstrando-se representativos para os envolvidos no movimento junino em níveis local e regional. Nesta via, ao eleger as quadrilhas juninas como espaços para pensar as relações e experiências juvenis em grupos, é clarificador abordar, tanto os mencionados festivais, como fornecer elementos sobre a cidade de Juazeiro do Norte, na qual os jovens de pesquisa residem.

Situada na região metropolitana do Cariri cearense¹⁷, Juazeiro do Norte interliga conjuntamente as cidades de Crato e Barbalha, formando as três, o eixo Crajubar, com aproximadamente 450 mil habitantes¹⁸. Exerce significativa influência neste centro regional em termos econômico e social, ocupando posição de destaque com seu expressivo comércio, oferta de serviços e indústria. Tem ganhado conotação regional também pela instalação de instituições de ensino superior, indo desde a rede pública, à particular.

Do ponto de vista das Ciências Sociais, muitos discursos têm tratado a cidade mencionada através de temáticas, tais como; crescimento econômico, urbano e industrial, modos de vida, e, singularmente, o fenômeno religioso e as subsequentes romarias a partir do Padre Cícero¹⁹, entre outras. Através das circulações em Juazeiro do Norte com os sujeitos de pesquisa, procurei tornar, dentre outras questões, as compreensões aqui abordadas em possibilidades de alargar o arcabouço discursivo sobre a mesma, ampliando as suas dizibilidades. Para tanto, enfatizo modos como jovens

¹⁷ Somam-se ao Crajubar as cidades de Caririçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Ao todo, são nove municípios.

¹⁸ Número de acordo com o IBGE, 2014.

¹⁹ Padre Cícero é o principal personagem na história de Juazeiro do Norte. Sua centralidade enquanto ícone originador desta cidade surge a partir do “milagre da hóstia” que fora dada a Beata Maria de Araújo no dia 1º de março de 1889. A partir de então, o lugar que se tornaria mais tarde em cidade, conviveu com as constantes romarias destinadas a terra em que residia o “santo do povo”.

residentes neste espaço agenciam suas redes de relações e sociabilidades, seus espaços e experiências sociais, e como evidenciam estilos de vida pelo “cotidiano junino”.

No contexto dos festejos juninos, Juazeiro do Norte atravessou mudanças significativas quando considerados os números de quadrilhas existentes na cidade no início da década de oitenta do século XX em relação aos grupos concorrentes nos festivais no ano de 2015.

“[...] o número de quadrilhas vem diminuindo bastante. Em oitenta e dois (1982), quando começou os festivais de quadrilhas, a gente contava com mais de duzentas inscritas, aonde na final mesmo, participavam entre 70, 80 quadrilhas. O julgamento era feito na quadra onde as quadrilhas dançavam. Tinha uma comissão da Secretaria de Cultura do município de Juazeiro que saía visitando os arraiais. Quando viam que a quadrilha tinha porte de ir pra final, eles davam uma nota onde eram classificadas em torno de 80 quadrilhas para as finais. Nós tivemos finais aqui no estádio Romeirão, depois viemos pra extinta quadra João Cornélio, fizemos também na sociedade Padre Cícero, na Praça Padre Cícero. Foi feito também na estação, no ginásio poliesportivo, e por último, no parque de vaquejadas. Então, o número atual representa um decréscimo muito grande. Esse número foi caindo e chegou à época agora de 2000 até 2010 que a gente tinha trinta grupos participando. Trinta, quarenta, grupos. Você ainda tinha pra fazer um festival municipal só com quadrilhas de Juazeiro. Mas, hoje, você não tem, e tem dificuldade se quiser realizar um festival em três dias. Só se você botar três quadrilhas por dia. Não existe mais, está caindo”. (Josiel Bernardo. Entrevista realizada em 13-04-2015).

Como contrapartida a este cenário de soterramento, um eixo justificador de discursos e ações para a produção dos festivais juninos, e nesse caso, em Juazeiro do Norte, é anunciá-los como espaços de “preservação e salvaguarda cultural”. Este aspecto atravessa os produtores dos festivais organizados pelo SESC e pela SECROM. Tornou-se perceptível que as práticas culturais juninas, de acordo com esses agentes, estão não apenas deixando de existir, mas, perdendo seu “caráter tradicional”. Ou seja, apresentação na rua como festa comunitária, usos de roupas rasgadas e remendadas como vestimentas, passos coreográficos como o *balancê*, *alavantú*, *anarriê*, caminho da roça, entre outros.

“A gente percebe que algumas quadrilhas estão perdendo o tradicional. Isso desde as roupas, as vestimentas, como também, trazendo temas. A gente faz até um comparativo com as escolas de samba do Rio de Janeiro. Elas desenvolvem temas e tudo. Você pouco percebe os passos que eram feitos no passado, bem mais visíveis. Se você não prestar atenção, você não vai ver a evolução delas realizando alguns passos. Então, sempre que a gente vai conversar com eles, a gente fala sobre isso, mas... [pausa]. É um processo mesmo de transformação. Se tornam muito mais caras, um custo muito alto e perdem a essência. Agora tem algumas que conseguem ganhar,

conservando e se mantendo dentro do tradicional”. (Leda Barros. Entrevista realizada em 16-04-2015).

Estes processos de transformações que ocorreram nas festas juninas estiveram ancorados com as dinâmicas ocorridas nos espaços urbanos. Ao considerá-los, pode-se perceber variadas formas como são vivenciados e significados pelos grupos humanos através de suas práticas e rituais festivos, dos seus hibridismos e das tensões entre tradicional e moderno.

A partir do festival do SESC ATIVO em Juazeiro do Norte, observei esses contextos através das estéticas e performances nas quadrilhas.

A estilização que envolve os grupos de quadrilhas juninas está em toda a sua performance. Há a agregação de uma série de modificações em relação à quadrilha junina tida como tradicional. Nestes festivais, observo que alguns grupos investem muito em efeitos para chamar a atenção do público e, como declaram os jovens da AJC, dar uma expressão mais forte. Produzem-se luzes, papel picado, fumaça de gelo seco, além de músicas e melodias próprias, com ritmos bastante enérgicos, figurinos com muitas cores e brilho, cenários temáticos com rápida montagem, etc. Todos esses aspectos contribuem para as estilizações das estéticas, dando base à compreensão das transformações em que os grupos estão envolvidos. (Trecho extraído de Diário de campo, 24-06-2015).

Com base nestes processos de transformações dos festejos juninos e nas suas relações com a vida cidadina, questionei aos organizadores dos festivais em Juazeiro do Norte sobre a importância destes para a cidade. De tal forma, obtive as seguintes respostas pela Secretária de Cultura e Romaria, da SECROM, e pelo Técnico de Cultura do SESC, respectivamente:

“[...] fortalece a cultura junina para que ela não se acabe. Eu lembro que antes, a gente fazia porque gostava, porque amava. Hoje, a gente já ver que é uma coisa que eles [os grupos juninos] fazem no intuito de competir, de participar de festivais. Quer dizer, é um sonho, né!” (Leda Barros. Entrevista realizada em 16-04-2015).

“[...] é uma maneira de fazer com que eles continuem, é um meio de salvaguarda do movimento junino. É um incentivo onde eles ganham recursos com investimentos para o próximo ano, ou até mesmo pra fazer uma viagem pra fora. Uma ajuda para o regional, para uma costura. Então, a nossa intenção é de preservar a continuidade do movimento junino no nosso município”. (Josiel Bernardo. Entrevista realizada em 13-04-2015).

O festival promovido pelo SESC em Juazeiro do Norte envolve duas etapas que duram quatro dias. Nos dois dias iniciais, com a parceria do Programa Mesa Brasil²⁰,

²⁰ Programa criado no início da década de 1990 como uma rede nacional de bancos de alimentos contra a fome e o desperdício para segurança alimentar e nutricional. Coordenado pelo Departamento Nacional do

concorrem apenas grupos da própria cidade. Nos dois últimos dias, chamado de festival SESC ATIVO, outro programa da mesma instituição, há quadrilhas juninas de várias cidades da região do Cariri cearense. Todas as inscritas neste segundo momento concorrem com as três mais bem classificadas de Juazeiro do Norte, escolhidas durante os dois dias iniciais. Conforme Josiel Bernardo, o evento contou no ano de 2014 com 16 grupos na categoria adulta e apenas cinco na infantil. A atual filiação a União Junina do Ceará faz do evento uma seletiva para os grupos regionais participarem do Festival Cearense de Quadrilhas.

“[...] nestes últimos dois anos [...] ele foi filiado à Federação Cearense, que veio jurados e passou a contar pontos para a etapa do Cearense. Quando eu cheguei, eu aconselhei ao SESC a se filiar a Federação Cearense de Quadrilhas para o festival ficar incluído nesse roteiro de pontuação para classificação ao Cearense. Então, ele serve de seletiva para o festival organizado pela União Junina”. (Josiel Bernardo. Entrevista realizada em 13-04-2015).

A ação de filiação a entidades promotoras dos festivais juninos evidencia-se como um mecanismo para dar destaque aos eventos enquanto espaços que mantém relação com outras competições a nível estadual. Essa estratégia colabora para a agregação de valor aos festivais na medida em que transcendem os limites regionais. Para os quadrilheiros, tornam-se ferramentas de participação para além das possibilidades dos localismos. Nesta dimensão, Hayeska Barroso (2013, p.88) destaca:

Ainda que estejam perpassados pelo debate da competição que lhe acabou sendo inerente, os festivais têm a capacidade de desterritorializar e deslocar os grupos de quadrilhas juninas de seus bairros de origem, de suas cidades. Todo processo de reconhecimento e visibilidade pelo qual passou é atravessado por esses deslocamentos que possibilitam intercâmbios, trocas e sentimentos diversos.

Também no sentido articulador, aparece o festival organizado pela Secretaria Municipal de Cultural e Romaria de Juazeiro do Norte. Segundo a Secretária Leda Barros:

“[...] a gente articula com a Federação para que o nosso festival sirva de pontuação para outros festivais. A gente fez no primeiro ano da nossa gestão [2013] com a FEQUAJUCE, que é a Federação de Quadrilhas Junina do Ceará, e ano passado com a União Junina”.

O festival de quadrilhas promovido pela SECROM contou no ano de 2014 com uma média de vinte e oito quadrilhas juninas. Conforme ainda a mesma entrevistada, a

SESC, atua na redistribuição de excedentes alimentares próprios para o consumo, com ou sem valor comercial, desenvolvendo ainda ações educativas permanentes em nutrição e assistência social por meio de cursos, oficinas, palestras, etc..

participação de grupos juninos de outras cidades, para além de Juazeiro do Norte, faz do evento um espaço de interlocução e articulação regional entre os quadrilheiros.

“Em 2014, nós fizemos uma etapa regional por ele ter sido vinculado a União Junina, e aí nós abrimos um espaço pequeno ainda. Foram só cinco grupos da região que participaram, e aí, para nossa surpresa, neste mesmo ano, aconteceu só o festival de quadrilhas. O evento que era o Juá Forró aos poucos está tomando outros formatos e o que está sendo priorizado é o movimento junino. Que já devia ter sido assim desde o seu início. Então, a gente teve vinte e oito grupos de quadrilhas juninas entre as cinco que vieram de fora e as de Juazeiro”. (Leda Barros. Entrevista realizada em 16-04-2015).

Ter esses dois espaços fomentados por instituições na cidade, torna-se, em alguns casos, poder ter acesso a um número maior de condições para apresentações, como destacado por Alexandre no relato a seguir.

“Aqui em Juazeiro há dois festivais. Isso é bom porque a gente cria mais possibilidades. Um é organizado pela Secretaria Municipal de Cultura, e ou outro é o do SESC. Nos outros lugares aqui do Cariri, vai ter mesmo, mas, é organizado somente pelas prefeituras”. (Trecho extraído de Diário de campo, 22-02-2015).

No processo de institucionalização da festa junina, que serve como instrumento justificador da asseguarção de práticas culturais, não se pode perder de vista a configuração dos discursos envolvidos. Isso porque,

a festa junina no espaço urbano pode vir a servir como um exemplo paradigmático e modelo de expressão em busca de um novo entendimento dos processos culturais e das manifestações populares não mais arraigadas a uma suposta unidade e homogeneidade, mas, como uma multiplicidade de discursos e de práticas enquanto instrumento de poder na e para a instituição da festa (LIMA, 2008, p.18).

Estes discursos e práticas são reverberados desde os produtores dos festivais até os quadrilheiros, tornando múltiplos os atores envolvidos na elaboração dos modelos de festividades. Se os festivais tornam-se campos de poder na instituição da festa, as quadrilhas juninas têm um lugar de destaque nesta elaboração. Ainda de acordo com a mesma autora referida:

As quadrilhas juninas se reinventam para assumir novos sentidos, para criar novas linguagens e novas maneiras de se comunicar com o público. [...] Elas ajudam na composição das fantasias que a festa promete. [...] na fabricação da festa junina no espaço urbano (*Idem*, 2008, p.127).

Nos festivais, além do reconhecimento com troféus e medalhas, prêmios em dinheiro são concedidos aos melhores grupos, àqueles que atenderem satisfatoriamente

aos principais critérios de avaliação (Barroso, 2013, p.15). Tais critérios estabelecem noções valorativas, fomentando os grupos a se “enquadrarem” em requisitos que, conseqüentemente, os levem a ocupar posições de destaque. De acordo com Josiel Bernardo, no festival do SESC, estes critérios avaliados ocorrem da seguinte forma:

“Para conseguir uma vaga, a gente coloca dois representantes de cada município para disputar o festival. Aí, disputando o festival, eles [os grupos juninos] vão ter os quesitos de pontuação. A campeã e a vice-campeã é que vai para a final em Fortaleza. Aí vai ser pontuado coreografia, harmonia, conjunto, entrada, evolução e desenvoltura. Esses quesitos são de um regulamento só para todo canto que tenha as etapas do SESC ATIVO. Da mesma forma que acontece no Ceará, onde é um único regulamento”.

No festival organizado pela SECROM, a seleção dos grupos também acontece com base no pré-requisito da representatividade. Logo, as quadrilhas juninas que são campeãs em disputas de outras cidades têm maiores chances de participarem dos festivais em Juazeiro do Norte. Para as quadrilhas da própria cidade, há apenas as inscrições de participação no festival local. De modo geral, pude constatar a valorização daquelas que atendem não apenas a condição de longevidade, mas, que consigam se interseccionar entre aspectos tradicionais e modernos, não se prendendo apenas a uma ou outra dessas dimensões.

O reduzido número de quadrilhas juninas, tanto em Juazeiro do Norte, quanto na região do Cariri cearense, é colaborativo à percepção de que as comemorações do ciclo junino estão marcadas por um conjunto contínuo de transformações. Isso se reflete nos discursos dos produtores dos festivais enquanto desvinculações das práticas culturais “tradicionais”. Ou seja, mesmo havendo as possibilidades de incentivos oferecidos a estes grupos em específicos, como a inserção dos festivais nos circuitos de pontuação para eventos maiores, auxílios financeiros em caso de passagens e prêmios, entre outros, os festejos juninos, e neles, os grupos de quadrilhas, se apontam pelas reconfigurações e ressignificações. Assim, vê-se que as festas juninas se expõem como um jogo de práticas, espaços e sujeitos envolvidos em sua composição urbana na qual, os jovens pesquisados estão inseridos, sendo por eles influenciados e influenciadores das/nas suas dinâmicas.

Capítulo III

JUVENTUDES: A demarcação dos sujeitos nas práticas e experiências

Tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética não apenas durante o processo de pesquisa, mas também no cotidiano.

Juarez Dayrell

Neste capítulo, construo uma abordagem de escrita tencionando modos de encarar e definir os jovens através de um arcabouço de considerações teóricas e, sobretudo, situações de campo. Problematizar as categorias analíticas jovens, juventudes, sujeitos juvenis, tem a intenção de clarear e nortear discursos sobre modelos de compreensão aos sujeitos de pesquisa, refletindo, por isso, os acessos ao outro nas relações estabelecidas durante o processo de análise.

Na literatura utilizada a partir do campo das Ciências Sociais, especialmente, Antropologia e Sociologia, a categoria juventude aparece como criada no contexto da modernidade. Ela instrumentaliza a demarcação de valores referentes a uma dada fase da vida biológica, revestindo e caracterizando determinados sujeitos a partir de atributos sociais e culturais. Adotando essa via, utilizo a noção de juventude como um elemento constitutivo de diferentes figurações, como concebido na Sociologia de Norbert Elias (2006), apontando sua pluralidade de relações e de significados incluídos em sua formação e que contempla, conforme Ana Sallas (2013, p.06) processos dinâmicos. Como premissa válida, sugiro aqui que os tempos da vida, e neles, a juventude, são constitutivos da produção e reprodução da vida social. A partir da proposta de Guita Debert (2000 *apud* Dayrell, 2010, p.02), isso implica que em qualquer sociedade humana existam formas próprias de categorizar os tempos da vida, atribuindo significados culturais a cada uma das etapas biológicas do desenvolvimento humano.

Desnudar esse olhar de pesquisa, na intenção de se aproximar do universo e dos sujeitos nativos resulta das implicações e dificuldades num processo que envolve, entre outras, a tarefa de delimitação do próprio objeto de estudo. Para tanto, tornei necessárias os seguintes questionamentos: Como compreender a juventude a partir dos jovens quadrilheiros no universo dos festejos juninos? Como posso categorizá-los? Quais práticas e significados compartilhados a partir do seu grupo cultural? Em quais marcadores discursivos se inserem socialmente?

Elaine Müller (2009, p.112) corrobora à problemática quando considera as demarcações das idades como construção social, dizendo, para tanto, que:

A abordagem da idade enquanto construção social e cultural nos defronta com aspectos políticos das idades da vida (a luta entre as diferentes idades), as configurações sociais (a idade como critério classificador em todas as culturas), as ideologias que conformam os valores dados a cada fase da vida, além da possibilidade de se assumir que as idades se constroem relacionalmente, referenciando-se mutuamente.

Tomar a juventude enquanto construção social foi sendo um mecanismo que auxiliou pensar os jovens através das tensões sociais vividas por eles mesmos nos seus diferentes processos de socialização. A observação de tais experiências, como as vividas de modo grupal nas quadrilhas juninas, demonstrou-se como via interpretativa das construções de sentidos sociais atribuídos aos determinados papéis e predicados aos jovens e as suas maneiras de ocupação e usos do tempo e espaços.

Desta maneira, as categorias analíticas, grupo juvenil²¹ e grupo cultural tornaram-se instrumentos base para compreensão dos sujeitos de pesquisa, demarcando modelos explicativos de espaços, relações e significados compartilhados pelos jovens pesquisados. De antemão, é salutar definir sobre como sugiro estes conceitos de grupos.

Na compreensão do espaço de relações juvenis foi sendo perceptível a construção de redes de relações de afetividades, onde tem importância às presenças e gramáticas para aqueles que os compõem. Encaro estes espaços como os grupos juvenis, onde denotam o ambiente dos mais íntimos, dos amigos, da “família”, da “minha galera”. É aí onde se sabe com quem pode compartilhar objetivos, anseios, medos e problemas da vida social. Os conflitos existentes nestas figurações reforçam e reestabelecem laços de pertencimentos, pois ativam a reconstrução de vínculos já existentes. Os grupos juvenis são espaços onde se podem, ou não, produzir as experiências do vir a ser para a sua visibilidade e caracterização social, tendo como base aglutinadora entre os sujeitos as redes de relações.

Concomitante a esta percepção, na problematização que ia tecendo sobre os jovens na quadrilha junina, também tinha conotação as relações (re) elaboradas a partir de uma dada prática sociocultural como base e fundamento. Passei a utilizar a categoria grupo cultural para referir-me aos ambientes mediadores e mediados pelas relações

²¹ Lembro que Machado Pais (2003, p.141) nomeia grupos de amigos aqueles formados por jovens que asseguram certa identificação entre os vários elementos que os constituem (têm gostos musicais, literários, etc., semelhantes), funcionando como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos daqueles que o integram e das atividades que praticam de forma compartilhada.

produzidas e sustentadas nas experiências culturais que envolvem, entre outras, práticas como dança, teatro, música, esporte. Neste caso, a prática tem importância como instrumento que auxilia a explicação para a integração que compõe e dar sentido as redes de relações.

Nas Ciências Sociais, a noção de grupos culturais tem servido para explicar práticas nas quais os jovens são atores centrais. Autores como Marcos Leite e Mônica Melo (2013, p.03) demonstram como e por quem o termo tem sido debatido:

Quanto à referida denominação *grupos culturais*, é considerado um termo contemporâneo e usado por alguns autores, dentre eles: Dayrell, (2002) e Paulo Carrano (1999). O autor Juarez Dayrell nomeia esses grupos pertencentes a diversas linguagens artísticas e musicais de “grupos culturais”. Outro termo existente e empregado por Novaes & Vital (2005) é “grupo de arte e cultura” que designa variados grupos juvenis que se organizam com base em objetivos artísticos e culturais, ou seja, associados à dança, teatro e estilos musicais.

Ainda de acordo com os autores acima citados, estes grupos têm servido para a compreensão de formas de protagonismo juvenil enquanto agenciamento, e de suas ocupações nas dinâmicas dos espaços urbanos.

Os grupos de arte e cultura, ou grupos culturais juvenis, fazem parte das referidas esferas participativas das juventudes contemporâneas. Nas cidades com suas múltiplas possibilidades, os jovens pertencentes aos referidos grupos transitam, estabelecem laços e redes de trocas, bem como elaboram e significam suas experiências. (*Idem*. p.02).

Para além dos efeitos delimitativos propostos para definição destas categorias, é necessária na compreensão juvenil pensar as conexões significativas entre ambas. Defendo, assim, que a figuração grupos culturais nomeia e representa uma forma de identidade de um dado grupo juvenil que produz suas relações sobre redes de experiências. Por isso, estabeleço uma interlocução estreita entre estas categorias, propondo que os grupos juvenis possam vir a ser grupos culturais.

O grupo cultural torna da prática cultural evidenciada, aqui, por exemplo, nas quadrilhas juninas, um mecanismo de representatividade e visibilidade social, e de trocas de experiências com seus pares. Quanto aos grupos juvenis, eles fazem da experiência de apropriação e ressignificação, como as vividas nos festejos juninos, uma possível forma de experiência social que pode ou não ocorrer, mas que ainda assim o grupo exista, pois não são temporalmente determinadas, reafirmando sociabilidades.

Na linha de aproximação entre ambas às categorias propostas, Juarez Dayrell (2004) defende que os grupos culturais fundamentam ainda a compreensão de relações

juvenis que ultrapassam os limites da prática cultural, estabelecendo relações importantes para os envolvidos a partir de graus variados. Nestes termos, observei está em jogo a construção da noção de “ser jovem” baseada no estar em/no grupo, no fato de viver as possibilidades dos momentos coletivamente partilhados, ecoando-se em aspectos como o lazer e as sociabilidades, bem como na ideia de transição para a vida adulta.

É nas relações com/nos grupos que os jovens também sabem que tem que acompanhar o “ritmo da vida social” a partir de determinadas demandas e exigências sociais como, por exemplo, inserção nas formas de trabalho remunerado para produção de renda, qualificação profissional, estabelecimento familiar, etc. No processo de pesquisa, foi sendo necessário desnudar o olhar sobre estas dimensões para perceber a composição do cenário através dos sujeitos e de suas ações plurais.

Neste sentido, Eder Malta (2012, p.13) defende:

Mesmo que inseridos nos aspectos tradicionais de transição para a vida adulta, a exemplo da formação educacional, da entrada no mercado de trabalho, da iniciação sexual, da separação da família, o casamento e a formação da própria família, os jovens vivem de formas plurais.

Corroborando a perspectiva defendida, percebi a recorrência entre os próprios jovens de uma caracterização aos seus pares, e, por conseguinte, de si, encarada como construção social a partir de atributos tais como: “Sujeitos sem autonomia econômica”; “Em formação educacional para o mercado de trabalho”; “Em saída do espaço familiar e constituição do próprio”, entre outros marcadores, como os expostos no trecho abaixo extraído de diário de campo:

Hoje no momento em que antecedia o ensaio coreográfico, Paloma dizia, rindo, em certa ocasião, que seus sobrinhos a pedia dinheiro e presentes, mas, a única coisa que podia oferecer era lamentações, pois, dinheiro mesmo, não tinha. Percebo aqui que a reclamação da falta de recursos pela falta de trabalho entre os jovens é recorrente. A ocupação e a renda é algo que caracteriza a juventude como fase de transição. A expressão, “*tô liso*”, “*tô sem dinheiro*”, é marcante. Isto contribui para compreender que os jovens vivenciam cobranças, onde falam muito da relação que mantém com seus familiares para que consigam ter seu próprio dinheiro, demarcando ainda uma condição de classe social, vista a partir da contribuição financeira que estes jovens poderão fornecer ao tornarem-se, minimamente, “responsáveis” por suas próprias despesas. (Trecho extraído de Diário de campo, 21-02-2015).

Conforme Mônica Melo e Marcos Leite (2013), a consideração destes aspectos num cenário marcado pela falta de remuneração, como presente no discurso da vida

social de alguns jovens, abre margem para a compreensão juvenil a partir de formas de atuação destes sujeitos nas suas realidades sociais urbanas. Nesta proposição, os referidos autores asseguram:

Pensar na dinâmica do jovem associando e atuando em grupos, ou em outras esferas participativas, é perceber que, apesar da realidade precária dada, eles constroem diferentes alternativas de viver no espaço urbano. Isso ocorre porque os grupos culturais, bem como os jovens são dinâmicos, circulam pela cidade, fazem amigos, vão em bares, eventos ou bailes, interagem com jovens de outros grupos e regiões e se encontram em outros espaços diferentes de onde moram, ou seja, perambulam pela cidade. (*Idem*, p.08).

A partir dos festejos juninos, a construção das experiências juvenis ocorre conforme diferentes alternativas, dinamicidade, circularidade e integração na cidade. Essas experiências dão sentido e significado social aos jovens e falar dos seus cotidianos implica considerar a presença do grupo juvenil e/ou cultural. Ganha conotação um ser jovem quadrilheiro a partir do tempo dedicado a essas atividades, da intensidade com que são vividas nas semanas e meses do ano, da construção e reafirmação de relações por elas mediadas. Tal entendimento pode ser captado no seguinte depoimento fornecido pelo jovem Paulo:

“Há! Minha festa junina antigamente eu via mais pela questão das fogueiras, o movimento, onde meus pais dava um dinheirinho pra comprar aquelas chavinhas, e tudo mais. Mas, depois que eu entrei no mundo junino das quadrilhas eu vi que era uma coisa totalmente diferente, onde eu aprendi a gostar muito mais. Hoje, faz parte da minha vida. Eu não me vejo sem estar no mundo junino. De jeito nenhum! É aqui onde eu estou aprendendo coisas novas, conheço gente nova, onde cada um tem seu jeito de ser e a gente vai levando. Hoje em dia, faz parte da minha vida”. (Entrevista realizada em 08-04-2015).

O conjunto das experiências sociais vividas através de grupos como as quadrilhas juninas elabora noções de juventude como imbuídas ainda pela ideia de uma “autonomia”, de uma desvinculação em relação ao ambiente familiar. Nesse sentido, verifica-se um “ser jovem” a partir de determinadas permissividades na produção de suas escolhas e espaços de relações com seus pares.

A juventude, ao aparecer referida a uma fase de vida, é ela uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, e sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo. A segmentarização do curso da vida em sucessivas fases - na qual a juventude aparece associada a uma delas - é, por conseguinte, produto de um complexo processo de construção social. (Pais, 1990, p.146).

Com base no autor acima citado, os sentidos de juventude, a partir do universo das experiências vividas pelos sujeitos assim designados, impõem o trato com um jogo de caracterizações sociais no qual a vida social é erguida. Na medida em que a juventude é encarada como categoria de análise construída socialmente, a sua demarcação como “fase da vida” pode ser pensada como uma construção histórica (*Idem*, 1990). Assim, é pertinente lembrar Juarez Dayrell (2004, p.01) quando afirma que a juventude aparece como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas, sendo resultado de novas condições sociais, como as transformações na família, na generalização do trabalho assalariado e no surgimento de novas instituições, como, por exemplo, a escola.

Estes possíveis e diferentes modos de encarar os jovens convocam ao exercício e esforço de desprendimento às homogeneizações, verificando os distintos sujeitos em seus espaços, suas formas de atuação e consumo do tempo, e suas características identitárias, envolvidas nos processos de socialização.

Tomando o espaço e cultura urbana para pensar a discussão, Carlos Martins (2009, p.03-04) acrescenta:

É preciso crer, entretanto, que a cultura urbana, por exemplo, pode mostrar que, em um contexto de globalização que tende à homogeneização dos gostos, os jovens, principalmente os incluídos de forma precária em processos de consumo como marca identitária internacionalizada da juventude, são capazes de, nas brechas deixadas pelos sistemas sociais e econômicos, bem como pelos modelos culturais globalizados, produzir suas próprias expressões culturais, buscando manifestar-se de variadas formas onde muitos têm grande interesse nas diversas práticas culturais que servem de marca identitária.

Este modelo de compreensão do universo juvenil que a toma como plural, possibilita pensar com Guilherme Magnani (2005, p.05) que essa base epistemológica não pode, porém, ser reduzida a uma mera indicadora da diversidade de manifestações, referida pelo autor como um denominador comum para a definição destes sujeitos. Assim, foi salutar privilegiar a abordagem analítica através da etnografia a partir da inserção juvenil na paisagem urbana, verificando espaços por onde circulam, pontos de encontro e ocasiões de conflito, estratégias de produção e reafirmação da identidade do grupo e os sujeitos/grupos com quem estabelecem relações de associação/dissociação.

Nestas perspectivas, agencio a ideia de juventude, de jovens e de sujeitos juvenis a partir das fricções entre as leituras realizadas e as percepções elaboradas em campo. Para tanto, imergi na dinâmica grupal através das quadrilhas juninas ao tomá-las como

espaços significativos para os sujeitos de pesquisa, os jovens quadrilheiros. As distinções elaboradas nestes grupos servem como mecanismos de singularização destas figurações, reforçando e estabelecendo modos de pertencimentos juvenis ao universo junino. Embora as quadrilhas se projetem sob a égide dos festejos juninos, produzir e reafirmar distinções marca espaços e formas de atuação nas competições a que se submetem, tão logo, modos de reconhecimento social. Neste sentido, tem expressividade na compreensão da categoria juventude aqui, as situações de tensões, nas quais, tanto as relações dos grupos juninos entre si, quanto com outros grupos sociais, como a família, por exemplo, se assumem como ferramentas importantes para entender algumas construções sociais que demarcam os sujeitos de pesquisa.

3.1- Juventudes, jovens e sujeitos juvenis enquanto categorias de análise social

O debate sobre as categorias juventude, jovens e sujeitos juvenis tem se assumido como um rico e fértil campo de problematização da vida social. A compreensão dos sujeitos assim encarados tende a dar origem a realidades sociológicas específicas, ou melhor, a um conjunto de grupos específicos, cujo conhecimento é de grande importância para a análise das estruturas da sociedade e da cultura, e do funcionamento dos sistemas socioculturais (Nunes, 1969, p.79). Esta postura implica não apenas na compreensão da juventude, mas, nas distinções sociais elaboradas na sua relação com outros grupos etários, suas experiências, formas de atuação e de significação da vida social.

Em termos etários, a Organização das Nações Unidas (ONU) compreende juventude como a coorte específica entre 14 e 24 anos de idade. Para o Estatuto da Juventude, instituído pela Lei Federal Nº 12.852, essa demarcação é estabelecida entre 15 e 29 anos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, também trabalha a noção de juventude nesta direção, em que corresponde aos sujeitos entre 15 e 29 anos. Estas diferentes proposições auxiliam a encarar e aprofundar a discussão, concebendo a ideia de juventude para além das tensões existentes no plano da análise teórica. Demonstram como ressoam limites e significados socialmente construídos e como o próprio termo é concebido de maneira plural.

No plano bibliográfico, não apenas na Sociologia e Antropologia, mas em toda a área das Ciências Sociais, também se pode verificar que não há um consenso em torno do conceito juventude. O que de fato há são definições operacionais delimitadoras das

pesquisas para as quais se prestam. À luz de Machado Pais (1990, p.140), já no final do século XX, a própria Sociologia da juventude acentua as discussões, propondo duas posições mais abrangentes de reflexão, quais sejam:

Juventude como conjunto constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, prevalecendo à busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos e que a caracteriza. Juventude como conjunto necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, interesses, situações econômicas, parcelas de poder e oportunidades ocupacionais.

Ainda nesta mesma direção, considerando as tendências a partir da Sociologia, Juarez Dayrell (2010, p.02) acrescenta:

A Sociologia da juventude tem oscilado entre duas vertentes. Na primeira - classificada como geracional - a juventude é uma fase da vida, enfatizando a busca de aspectos característicos mais uniformes e homogêneos que fariam parte de uma cultura juvenil, unitária, específica de uma geração definida em termos etários. Nesta corrente estariam presentes tanto as teorias da socialização, de inspiração funcionalista, quanto às teorias sobre gerações. A segunda vertente, classista, trata a juventude de modo diversificado, em razão das diferentes origens de classe, que apontam para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural. As culturas juvenis seriam sempre culturas de classe. Como produto das relações sociais antagônicas, expressariam sempre um significado político de resistência, ganhando e criando espaços culturais. Em abordagens culturalistas mais recentes, pode-se notar, ainda, uma tendência em considerar a juventude na perspectiva da dimensão simbólica, com forte ênfase no aspecto significativo, estético, muitas vezes incorrendo no risco de desvinculá-la das condições sócio-históricas, o que gera um empobrecimento da sua capacidade de análise.

A partir dos autores citados, a definição do conceito de juventude demonstra, nas Ciências Sociais, que não há apenas uma, mas, muitas formas de encarar e conceber as juventudes. Estas juventudes, segundo Ricardo Campos (2010, p.122) se dispõem pelo espaço geográfico e social, confrontando-se com problemas, condições e expectativas distintas, assumindo configurações peculiares. Sua construção como categoria de análise social, sobretudo a partir de meados do século passado, está francamente associada aos *mass média*, às indústrias culturais e à denominada cultura de massa, que promoveram um determinado modo e estilo de vida jovem (*Idem*, p.123).

No propósito de problematização, as discussões produzidas por Pierre Bourdieu (1983) lembram de que a ideia de juventude possa representar apenas uma palavra. Nesta via, o dever do sociólogo é tratar as diferentes idades como relacionais dentro das experiências da vida social, pois, tanto a juventude quanto a velhice não são dados por

si só, porém, quando vistas nos contextos socioculturais e, novamente, como construção social.

Na medida em que aparecem sujeitos com idades díspares em figurações como as quadrilhas juninas, como no caso de estudo, onde se perfila desde os 15 até os 30 anos, a juventude é entendida não só como uma dada fase da vida, mas também, como indivíduos pertencentes a grupos de idades definidos como jovens (Martínez, 1987, p.661 *apud* Romero, 2008, p.02). Isso implica saber que o fato daqueles considerados mais velhos em termos etários estarem no grupo, marcado pela presença de jovens, possa colaborar para suas definições enquanto jovem uma vez que não está, necessariamente, em evidência a idade como fator delimitador do sentido de juventude.

Para efeitos de demarcação etária, procedo na presente pesquisa com a noção de juventude como resultante da coorte correspondente entre 15 e 30 anos de idade. Esta opção justifica-se como estratégia metodológica, fazendo referência a todos os brincantes e líderes da quadrilha Agremiação Junina Cariri. Para além deste aspecto, ainda no sentido de definição, também foi considerado, principalmente, as inter-relações, caracterizações e significações entre os próprios jovens sobre seus pares, tidas através da abordagem etnográfica, tornando-se fonte de problematização da categoria como construção social, premissa aqui fundamental.

A partir da imersão empírica, baseio o uso da categoria juventude através das seguintes características, suscitadas pelos nativos: 1- Sujeitos marcadamente sem renda própria, dependentes dos pais, e precisando trabalhar; 2-Em falta de autonomia com relação aos seus próprios atos, sobretudo em detrimento dos pais, ressaltando-se a necessidade dos estudos. 3- Tendo certas permissividades em relação ao uso do seu tempo, negociando com os pais suas saídas de casa. 4- Em criação de espaços marcados pela descontração, observando-se o uso de gírias e dialetos que instituem uma linguagem própria ao contexto das sociabilidades. 5- Em construção de uma imagem para si baseada em valores sociais como “ser responsável” e “comprometido” com seus pares e práticas.

Estes traços atravessam a ideia de juventude e se constituem em vias de compreensão dos modelos juvenis. Com eles, é possível pensar as expectativas familiares relacionadas à escolaridade e produção de renda, quando convocados a procurarem emprego ao invés de dançar quadrilha, ou mesmo, dividir seus tempos com atividades remuneradas, o que pode ou não, provocar reações de conflito e tensões com a família e outras instituições.

Em contrapartida, os jovens compartilham uma pretensão de viver as experiências mediadas pela quadrilha junina quando elegem o grupo não só como espaço para “passar o tempo”, mas como marcado por uma “*distração comprometida e prazerosa*”, conduzida pelas regras que eles mesmos estabelecem. O grupo preenche, desse modo, o tempo pelo cotidiano através das atividades a serem desenvolvidas.

A fidelidade aos ensaios em dias de sábados e domingos é expressão do compromisso entre os jovens e seu grupo. Mesmo que haja ausência de um ou outro às atividades, estes momentos indicam sentidos diversos para os jovens quando passam boa parte do tempo conversando, interagindo e fazendo do espaço um ambiente de convivências. Isso porque, nestes encontros, comumente há um tempo de cerca de uma hora e meia, entre o antes e o depois no qual os ensaios acontecem, em que os jovens põem-se a conversar uns com os outros, ver os movimentos da rua, trocar informações, estabelecer e reafirmar suas redes de relações com seus pares. (Trecho extraído de Diário de campo, 14-03-2015).

As ações performáticas como a dança, por exemplo, entre os jovens nos ambientes utilizados por eles, a saber, os espaços dos ensaios, sobretudo, refletem em narrativas corporais das experiências que ocorrem no/com o grupo. Durante os momentos de ensaios, prescreve-se um recorte temporal em que os jovens quadrilheiros se utilizam dos espaços descontraidamente, fazendo destes e do tempo, como guiados por suas atitudes, significando-os a partir de ações, dinâmicas coletivas e subjetividades expostas.

Ao chegar a Escola Felipe Neri, Fabrício logo ligou a caixa de som amplificada que sempre traz com os demais, montou o DVD e pôs o CD. Esta sensação de som à música junina marca o espaço dos ensaios, é como se ouvissem música deste gênero para relaxar. Isso porque, durante os repasses técnicos, ao contrário, o som é algumas vezes desligado e se ouvem apenas os gritos de Fabrício, o coreógrafo. Assim, é perceptível a combinação entre a música e os passos e vice-versa em um exercício intenso, marcando o momento como que de uma celebração. (Trecho extraído de Diário de campo, 26-02-2015).

Nas constantes idas e vindas aos espaços de atividades da quadrilha junina, os jovens perfazem caminhos diversos pela cidade até os ambientes utilizados. Estes momentos promovem determinadas relações entre os sujeitos, pondo uns e outros em maiores contatos entre si.

Mesmo sendo a quadrilha junina um só grupo, os jovens têm estabelecido entre si um conjunto de mecanismos de afirmação do seu lugar. Com frequência, pude ver um arranjo de ações que aponta para relações mais diretas entre uns e outros quadrilheiros, formando certas divisões baseadas em aspectos como local de moradia, percurso de ida

juntos até a quadrilha junina, conversas em redes sociais, paqueras, etc. (Trecho extraído de Diário de campo, 21-02-2015).

Nesta direção que clareia as formas de compreender como ocorrem às relações entre os jovens no interior do grupo, Juarez Dayrell (2004, p.14) indica:

O fato de participar de um grupo cultural não implica necessariamente o mesmo grau de confiança entre os envolvidos. É possível detectar uma classificação entre relações mais fluídas, o “parceiro” ou a “colegagem”, e relações mais sólidas, que costumam trazer uma conotação familiar de “irmão”.

Uma ideia representativa do universo de significação dos jovens pesquisados é a construção das condições econômicas e estruturais da quadrilha junina a partir de suas próprias ações. Está em jogo um fazer por si próprio. Assim, os jovens também imprimem as suas invenções e significações na busca pela representatividade e reafirmação social. Isso serve enquanto traços grupais e, tão logo, do seu eu nas relações com as demais quadrilhas juninas. É um espaço onde podem expressar, ou tentar expressar, no sentido de Paul Willis (1990 *apud* Campos, 2010, p. 124), algo sobre sua “significância cultural”.

No caso da quadrilha junina estudada, o grupo é uma organização de jovens para jovens que compartilham entre si valores morais tais como: convivência recíproca, compromissos às amizades, encorajamento e disciplinamento para que os passos possam “dar certo”, etc. Estes e outros aspectos reforçam entre os jovens envolvidos que as experiências vividas na quadrilha junina sejam de uma elevada importância em seus cotidianos, ao dedicarem tempo e empenho as atividades.

Pergunto a Fabrício, o coreógrafo, sobre sua formação escolar, visto ter sabido no dia anterior que já havia perdido um ano letivo. Fabrício me disse que tinha desistido no terceiro ano do ensino médio, logo próximo do término. André, ouvindo nossa conversa, pega carona e rindo, disse: “Fomos nós dois”. Embora de forma descontraída, os dois jovens diziam ter perdido o ano letivo em vista de um número exagerado de faltas por causa de ensaios e apresentações em quadrilhas juninas. Isso reforça o sentido de que as práticas juninas perpassam suas experiências cotidianas, mesmo que para isso outras tenham que ser desviadas, como no caso das escolares. (Trecho extraído de Diário de campo, 12-02-2015).

As festas juninas têm significativo e representativo valor simbólico na compreensão dos jovens pesquisados uma vez que elas mediam relações e formas de encarar a vida social e suas “condições” estruturais e significativas. Sua compreensão demanda imersão junto a tais sujeitos no universo que as elaboram, pois são as festas,

sobretudo as quadrilhas juninas, influentes mecanismos promotores de experiências na vida social para os jovens envolvidos.

As formas de uso e apropriação dos espaços ocupados são também ferramentas importantes para a análise dos sujeitos de pesquisa.

Na casa que funciona como sede, é perceptível a aparente “bagunça” com que aquele amontoado de materiais é utilizado. Para os jovens que trabalham na composição dos materiais necessários, pequenos pedaços de retalhos, de linhas, de enfeites e decoração utilizados para os figurinos são jogados pelo chão. Isso não representa uma desordem, pois é uma consequência do andamento das atividades. Percebi que a sede, mais que qualquer outro espaço, é um ambiente regido pela própria lógica dos jovens, onde a ideia de uso reflete isso. Entre os vai e vens dessas atividades, chegaram-se alguns dos jovens e na sala de recepção da casa, por sinal o maior de todos os cômodos, formou-se um círculo e sentamos ao chão. Esse momento foi novamente para comentar sobre a “agenda do grupo”, pois algumas apresentações nos festivais haviam sido incorporadas, enquanto outras, saído. A intenção de reunir o maior número de jovens nessa noite era justamente a realização da reunião. Essa atividade, porém, teve uma forma diferente das demais, pois não houve apenas informações, mas sim, choros, risos, entusiasmos a partir de uma dinâmica realizada por Alexandre. Esses sentimentos e sensações denotam a ansiedade de pré-estreia dos quadrilheiros nos festejos juninos. (Trecho extraído de Diário de campo, 19-06-2015).

Momentos de dinâmicas grupais nos encontros cumprem papel de reforço às estruturas simbólicas, pois os discursos são esperados e proferidos pelos líderes, apoiando as normas e objetivos que são trabalhados pelo coletivo. Na medida em que o cotidiano de relações se intensifica, nas cobranças dirigidas pelos líderes e nas rotinas de ensaios, os momentos das dinâmicas em grupo tornam-se mecanismos para que se possam reavivar laços de afetividades, suscitando, em muitas vezes, a importância de cada um dos envolvidos para o grupo e vice-versa. Pouco a pouco, percebi que foram se tornando momentos de inversão do cotidiano, onde os jovens emitem opiniões, gerando, por vezes, pequenas tensões, ou fortalecendo laços relacionais.

A sede se constituía, conforme destaca Liane Magalhães (2008), num exemplo paradigmático na elaboração de sociabilidades e na significância dada pelo uso do espaço.

Ao participar de grupos, os jovens se apropriam de maneira peculiar da cidade, reorientam os lugares, mudando a dinâmica pensada para determinados espaços, transformando-os em territórios vivos. O lugar passa de lugar físico a um espaço com valor cultural e simbólico, um meio de encontro e sociabilidade (*Idem*, 2008).

Para os jovens pesquisados, as apropriações e usos de espaços como a sede incidem na construção de suas ações, margeando os processos de visibilidades e

representatividades protagonizadas nas suas relações estabelecidas com os meios sociais onde se manifestam, aqui, sobretudo, os festivais juninos. Isso vai ao encontro com algumas abordagens sociológicas que tem dado ênfase as juventudes enquanto categorias de análise social ao tomar seus fazeres, práticas e formas de atuação nos espaços, significando suas relações e experiências em sociedade, demandando ao pesquisador relacioná-los aos seus distintos espaços e tempos nos diversos contextos sociais.

3.2- As distinções grupais e o jogo de reafirmações de pertença à quadrilha junina

Compreender os jovens a partir da lógica grupal não implica numa homogeneização dos sujeitos e de suas práticas. Trata-se, antes de tudo, em reconhecer a significação do coletivo para a elaboração das dinâmicas em que são vivenciados os cotidianos. Ressalta-se a própria noção de diversidade que compõe o cenário externamente produzido entre os grupos juninos, e internamente, negociado entre os sujeitos e seus lugares na quadrilha junina.

A partir das categorias grupos juvenis e culturais, observei que os jovens constroem uma série de estratégias de reafirmação à sua pertença nestes espaços. Neste sentido, o grupo se expressa a partir das dizibilidades e significações elaboradas pelos jovens, como sugerido nos trechos a seguir:

“Nosso grupo é família porque a gente não se reúne só aqui. A gente organiza um movimento, uma festinha na casa de um, sai pra lancha, arranja uma brincadeira, vamos pra igreja juntos. Então, sempre a gente está junto, mesmo quando acaba o movimento junino” (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Alguns até dizem que quando terminar o São João muitos vão seguir seu destino no trabalho, nos estudos, mas nunca é assim porque sempre tem uma horinha que está todo mundo junto ali. Sempre tem esses encontros. Em dezembro mesmo a gente junta à quadrilha todinha e faz um amigo secreto, um amigo doce. Aniversário de um a gente chama a turma todinha e vai. Então, a gente sempre esta junto. O ano todinho é de quadrilha pra gente. A gente vive de quadrilha, sempre tem nossos momentos e a saudade de quando a gente não está ensaiando” (Vitor. Entrevista realizada em 18-03-2015).

Os amigos do/no grupo constituem o espelho de suas próprias identidades, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros grupos (Pais, 2003). Torna-se um modelo com o qual esses sujeitos jovens se comparam continuamente, oferecendo-se como um determinado ponto de vista sobre a realidade

social ao mediá-los a comportamentos, conversas e experiências compartilhadas. Espaços como o grupo tendem a funcionar, na perspectiva de Juarez Dayrell (2004, p.12) como referência para a escolha dos amigos e das formas de ocupação do tempo livre.

No caso das quadrilhas juninas, as afirmações das distinções ocorrem, fundamentalmente, entre os próprios grupos, envolvendo, por exemplo, ritmos de dança, indumentárias dos figurinos, temas abordados, articulações e usos na/da cidade, etc. Além destes aspectos, internamente os modos de relações, as amizades e sociabilidades, as formas de controle das lideranças, instituem e corroboram as apropriações destes espaços pelos jovens. A partir da noção de figurações sociais em Norbert Elias (2006), pode-se identificar nestes processos a ocorrência de modulações, tensões, interdependências e diversidade de experiências e práticas sociais a partir dos sujeitos e grupos, logo um expressivo solo epistemológico para compreensão juvenil.

Considerando que os grupos sejam importantes espaços mediadores de encontros juvenis, Silvia Boreli, Rose Rocha e Rita Oliveira (2009, p.59) apontam:

Os espaços de encontro juvenil, públicos ou privados, apresentam-se como locais de clara demarcação na territorialidade de pertencimentos grupais. Neles, os jovens buscam consolidar, especialmente suas articulações de sociabilidade extra institucionais.

Estas demarcações na territorialidade, erguidas sob os simbolismos, são elaboradas sobre conflitos entre os grupos, instituídas por discursos de afirmação em que cada quadrilha busca se projetar no cenário junino. A partir desta proposta, indico a seguir a noção de inovação, defendida por Alexandre, líder da AJC, e como o mesmo destaca a percepção dos demais grupos.

“Eu sei que sou muito criticado em erguer a bandeira do moderno em meu grupo. Mas, veja bem, a juventude de hoje vem mais tecnológica, num é? E por si só você entende esse termo tecnológico como algo moderno.” (Entrevista realizada em 26-02-2015).

A ideia de modernidade dita por Alexandre suscita duas questões preponderantes à discussão. A primeira diz respeito aos conflitos delineados a partir da proposta de inovação que o grupo busca se afirmar perante outras quadrilhas juninas de Juazeiro do Norte. Em segundo, na definição do sentido de ser jovem, há uma associação elaborada entre juventude e modernidade em que o jovem é aquele sujeito vinculado e explicado através das relações que mantém com as “inovações tecnológicas”.

Os pertencimentos juvenis se baseiam numa co-presença, nas vivências pelo cotidiano, reconhecidos e distribuídos sobre os sentidos que ganham importância no universo destes sujeitos e na reafirmação de que está ali, no grupo. Estes mecanismos são elaborados por códigos de pertencimentos juvenis, os quais posicionam e identificam os jovens em seus grupos de experiências. Os trechos que seguem, extraídos de diários de campo, auxiliam contextualizar a discussão:

Dentro do cenário dos encontros, aonde cada jovem vai chegando ao local dos ensaios coreográficos, por vezes sozinho, por outras, em pequenos grupos de dois, três ou quatro, o ritual é chegar, dar bom dia ou boa noite a uns e outros e abraçar aqueles que no grupo são “mais próximos”. No geral, todos falam com todos. Há também uma predominância de reconhecimento através do uso de apelidos entre os jovens, sobretudo entre os veteranos, marcando um tempo de convivências maior entre si em comparação aos novatos. Observei ainda que a justificativa da presença no grupo é dada através de um conjunto de questões, onde o “amor” ao São João é fundamental. No entanto, é também um espaço de diversões, aceitação, companheirismos, identificações e distinções em relação a uma série de outros espaços sociais. As regras partem dos próprios jovens e a participação faz com que tenham significações com as quais buscam se representar, expressando-se a partir de palavras como: responsabilidade, família, amor, organização, etc. Estas servem de indicativos na caracterização juvenil do espaço de relações. Por isso, há por parte dos líderes, principalmente, Alexandre e Fabrício, uma cobrança para que se tenha atenção às atividades, sendo isto feito na presença de todos os jovens, tornando expostos alguns erros cometidos. Este pode ser um mote recorrente para a agitação do tom de voz entre uns e outros, pois não são aceitos erros. (Trecho extraído de Diário de campo, 15-03-2015).

Ao entrar no ensaio coreográfico de hoje, Fabrício aproveitou e lembrou que o sorriso no rosto é critério de empatia e afinidade na conquista daqueles que estão no público. Este aspecto, segundo o mesmo, contagia e deve fazer parte da estética grupal. Assim, externar a felicidade, fazer uso correto do corpo, está atento às ordenações que vem dos líderes, manter-se amigável, realizar tarefas designadas, ser atento às notícias, etc., vão constituindo-se enquanto códigos de pertencimentos entre os quadrilheiros. (Trecho extraído de Diário de campo, 17-05-2015).

Os jovens não querem apenas ser, mais pertencer aos grupos, e eles precisam ser reconhecidos em suas práticas como que orientados, tomando a reafirmação como traço de distinção social em detrimento a outros grupos que os cercam. Pensando com Pierre Bourdieu (2008), o sentido de pertença está fortemente atravessado pela reafirmação do agente - sujeito - com a dinâmica, os gostos e a experiência de grupo a que se diz ser parte. Nas quadrilhas juninas, essa premissa tem importância quando os jovens criam mecanismos de diferenciação do grupo em relação aos demais que fazem parte do cenário maior, os festivais juninos e a cidade, principalmente porque tais distinções

produzem situações de visibilidade e de expressividade. Destaco essa percepção no depoimento a seguir:

“É aqui na Agremiação que a galera faz o que gosta, faz com amor. Nas outras quadrilhas, o povo fica querendo saber de passar a perna e perdem o verdadeiro sentido da coisa, que é dançar São João. A gente não está aqui para brigar com ninguém. A gente só quer dançar bem porque a gente sabe o que é São João. Nós fazemos São João de verdade e por isso eu gosto desse grupo. Mas, também tem muita gente que fica brigando por besteira. Eu até entendendo, mas não gosto disso, sabe! Eu mesmo faço é porque gosto, mas não sou fominha não. Agora tem também aqueles que nem estão aqui, nem em outros grupos, eles só aparecem! É um pessoal que parece que não sabe onde está. Se você está num grupo, siga as regras deste grupo porque se não, você vai acabar sendo conhecido como o traíra.” [Sérgio]. (Trecho extraído de Diário de campo, 05-03-2015).

A noção de fidelidade que estabelece laços de confiabilidade entre os jovens também tem importância nesta lógica compreensiva. Atos de mudanças entre quadrilhas juninas em períodos de elaboração do que os quadrilheiros designam por projeto, vivido com maior ênfase entre os meses de janeiro a fins de maio, tornam-se motes de conflitualidades. Abandonar o grupo em detrimento de outro, tem significativa conotação entre aqueles que o compõe, denotando risco na troca de informações que devem ser preservadas entre os grupos até o início do ciclo festivo. Isso abre margem para uma acentuada chacota, caçoando o desistente, pois, na linguagem nativa, significa que tal brincante nunca foi membro e que merecia mesmo ter saído.

“Pra se dar bem também aqui no grupo, o camarada tem que aceitar nossa filosofia, nossas regras. Não é só chegar aqui e querer participar. Se eu e a galera ver que não dar certo, eu chego e converso que não vai rolar, e pronto!”. [Alexandre]. (Trecho extraído de Diário de campo, 29-01-2015).

Corroborando a construção e reafirmação do pertencimento ao grupo a adesão às atividades cobradas, mostrando-se apto e disposto a realizá-las. Do contrário, poderá haver implicações que acarretem em determinadas marginalizações, mesmo que de modo simbólico.

Na reunião realizada na sede, há noite de véspera da estreia do junino 2015, Alexandre começou uma “rodada” de elogios. É evidente que tinha um propósito; falar para cada um dos envolvidos, quer seja na dança, no teatro ou na equipe de apoio, o quanto são significantes para o grupo. Esta tarefa de nomear um por um dos jovens, dizendo de sua importância, bem como do papel que têm, reforça entre os jovens o sentido de união. (Trecho extraído de Diário de campo, 19-06-2015).

Pode-se pensar que os mecanismos que garantem a participação e aceitação do jovem aos seus grupos são orientados pelo *habitus*, como proposto na Sociologia de Pierre Bourdieu (2008). Conforme o autor, este *habitus* dirige um senso prático nos agentes que os fazem compartilhar esquemas de percepção, de relação e de experiências vividas, ou seja, os gostos culturais.

O *habitus* é um princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. [...] São princípios geradores de práticas distintas e distintivas, são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão de gostos diferentes. (*Idem*, p.21-22).

O *habitus* gera os princípios de caracterização dos estilos de relacionamento, de elaboração das linguagens utilizadas, das formas de reafirmação à pertença grupal e dos grupos enquanto espaços singularizados.

Alexandre colocou os jovens no meio do pátio da escola. Começou salientando da postura de cada agente na dinâmica da quadrilha e os avisou de como se distinguir dos demais grupos, dizendo: “Olhem, aqui ninguém vai ter esse movimento (Encenou) entre os joelhos não. Os homens vão ter é cara dura mesmo. Aqui nós treinamos para ter nosso estilo. As mulheres têm que fazer este movimento com os braços (Encenou) de forma igual também. Sem olhar umas pras outras. É preciso ter concentração, pessoal. Os homens têm que encarar a figura do cavalheiro, daquele cara que conduz a mulher de forma elegante. E vocês, meninas, não dispensem charme, isso encanta vocês, certo? Então, além dos passos certos, sem medo de errar, nós temos que ter um pouco de teoria em nossa prática, de valores”. Percebe-se que pertença ao grupo é reafirmada nos ensaios de forma a distinguir passos e modos de dançar. Isso marca as diferenças e as pretensões do grupo, para que o espaço seja como que diferente de outros que também fazem parte do meio junino. (Trecho extraído de Diário de campo, 07-03-2015).

Durante o encontro de hoje, observei no ensaio técnico da dança uma exigência a atenção aos ritmos em sintonia uns com os outros. Isso porque são cobrados como parte da elegância que se quer apresentar. Assim destacou Alexandre: “Então, pessoal, vocês tenham segurança em vocês mesmos, porque isso já é de vocês, está em vocês essa sintonia com a dança e com a postura que ela exige.” (Trecho extraído de Diário de campo, 08-03-2015).

Nas relações vividas entre os jovens e/no grupo, tem importância ainda ser tratado, conforme uma expressão nativa, “*como cada um é*”. Projeta-se um ambiente onde tem sentido a noção de grupo que é estruturado não apenas pelo compartilhamento de problemas e condições sociais, pela construção de momentos de sociabilidades, mas também, como espaço instituído por valores sociais como aceitação e reconhecimento, extrapolando a noção de quadrilha junina e se tornando referência para estes sujeitos.

Entre os jovens é notável ainda como as linguagens do grupo são amparadas por um tom irônico. Ironizam entre si quando alguns dos meninos vestem roupas femininas, dançando tranquilamente com saias longas e se permitindo ao uso do corpo com rebolados bem elaborados. Isso possibilita pensar o grupo como espaço de pertencimento, estabelecido também entre marcadores sociais como às questões de gênero. No quadro dos brincantes, Sandro é o único que ocupa papel como dançarina em quadra e no cotidiano, como ele mesmo diz; “Quero ficar feminina!”. No entanto, há também outros gays na quadrilha junina, mesmo sem dançar como mulheres para o público. No cotidiano de pesquisa, a referência entre uns e outros tornou claro o uso dos termos “mulher” e “bicha”, que ressoam como uma qualificação usual e habitual entre alguns dos jovens, sobretudo os gays. (Trecho extraído de Diário de campo, 11-02-2015).

Os compartilhamentos de significados e a linguagem com seus específicos usos como forma de pertença a um determinado grupo constroem sentidos na vida daqueles que o compõe. De acordo com Eder Malta (2012, p.17), estes modos de viver apontam para diferenciações entre os grupos, práticas e formas de sociabilidade que expressam um conjunto de rituais e simbolizações das pertenças e identidades, das práticas e formas de partilhar valores, linguagens, espacialidades e temporalidades.

“Aqui eu compartilho sonhos com esse pessoal (Os jovens). Aqui nós podemos ser um bom quadrilheiro, uma boa dançarina. Tem gente que quer ser noiva importante no junino e aqui nós podemos fazer isso. Este grupo é diferente dos demais. Nós damos atenção as nossas temáticas, aos nossos passos de danças. Nós buscamos construir nosso jeito de ser e muitas pessoas que são desse meio não gostam de nós justamente por causa disso. Isso vem da alegria de quando a gente está junto.” [Alexandre]. (Trecho extraído de Diário de campo, 11-02-2015).

Nestas distinções grupais, as pertenças são estabelecidas e reafirmadas quando o grupo torna-se espaço no qual podem falar de si mesmos, sabendo com quem podem contar. Assim, as relações e os conflitos de ideias são, no sentido proposto por Juarez Dayrell (2004, p.15), momentos em que se exercitam a vivência coletiva, numa aprendizagem para a vida social.

A seguir, extraí trechos de entrevistas realizadas em grupo onde indaguei a questão: O que significa a Agremiação Junina Cariri para você?

“Eu já tinha dançado em alguns outros grupos e até já conhecia algumas pessoas daqui. Eu mesmo me sinto bem aqui porque eu me dou bem com o pessoal, conheço coisas novas todos os dias” (Amanda. Entrevista realizada em 05-03-2015).

“Eu não conhecia ninguém daqui antes de entrar. Quer dizer, só Júlio, que foi quem me trouxe. Ai quando eu cheguei, fiquei meio tímida porque eu pensei: Meu Deus! Será se eu vou conseguir fazer isso?

Mas, quando eu comecei a dançar, eu percebi o quanto todos são companheiros, o quanto ajudam. Todos têm muita alegria. Então eu me sinto muito bem aqui porque se não eu já teria ido embora. Mas, o que mais me chama a atenção aqui na Agremiação é o companheirismo de cada um. Não tem um que queira saber mais do que o outro. E essa ajuda me chama a atenção”. (Roberta. Entrevista realizada em 05-03-2015).

Nos trechos que seguem, para além das distinções que explicam o grupo da AJC em relação às outras quadrilhas juninas na cidade, acentuo a produção de um discurso que agencia outras perspectivas a partir da mesma questão. Indico a influência do grupo na reafirmação das sociabilidades e amizades entre os jovens, bem como a noção de um “São João de raiz”.

“A gente veio pra Agremiação por que a gente se sente bem. Não é como nas outras quadrilhas que tem tropinhas, muitas panelinhas. E aqui na Agremiação não tem! E os outros grupos não tratam a gente bem como a gente é tratado aqui na Agremiação”. (Paloma. Entrevista realizada em 11-03-2015).

“A AJC pra mim é o São João de raiz! Pra mim não tem outra quadrilha que represente o São João como a nossa. Ela representa isso pra mim. É o São João de raiz. Agora, quanto às pessoas, há! Vai ter as chatas, as legais, mas são muito companheiras mesmo. Tipo assim: Vamos sair hoje, vamos pro Shopping? E mesmo eu não tendo dinheiro pra ir, mas... (risos). Mas é isso, cara! O grupo é muito bom”. (Sérgio. Entrevista realizada em 05-03-2015).

Este conjunto de distinções produzidas pelos jovens são aspectos imprescindíveis na compreensão dos grupos juvenis e culturais. No caso das quadrilhas juninas, tornam-se singularizações frente às disputas a que estão submetidas, reafirmando e acentuando a importância do coletivo no cenário junino local e estadual. Justifica-se o uso do tempo dedicado às muitas atividades de produção ao encará-lo como fomentador aos encontros com os amigos, ao lazer, as confiabilidades. Logo, o espaço do grupo serve para destacar as práticas juvenis, colaborando na demarcação de uma identidade com que o jovem pode se apresentar socialmente. Nestes termos, cada quadrilha junina, para além das homogeneizações possíveis, representa um universo de relações composto por sujeitos e práticas sociais, demandando aguçada atenção de pesquisa.

3.3- “Vai caçar o que fazer menino!” As questões de conflitos

Compreender os conflitos é imergir nos significados compartilhados e na existência social do grupo. Eles denotam a vivacidade do coletivo, as reações e relações estabelecidas a partir dos interesses e posições agenciados pelos sujeitos.

Defendo que os conflitos sejam as tensões produzidas no cotidiano de relações, importantes aos processos de reafirmação das formas de pertencimentos e das identificações entre os jovens e seus grupos. Para a compreensão da categoria juventude, se tornam mecanismos que situam um olhar sobre modelos de ser jovem através das relações destes sujeitos com instituições como a família, o que pode corroborar as significações socialmente atribuídas. Os conflitos se reverberam nas demarcações de interesses, nas estéticas, nos usos dos espaços urbanos.

A lógica conflitiva pode decorrer de variadas causas, interessando aqui precisar as seguintes vias a partir dos dados produzidos: 1- entre os jovens, no interior do grupo, 2- entre as quadrilhas juninas, de modo externo e que ocorrem também pelas redes sociais, e, principalmente, 3- entre os jovens e suas famílias.

Diante desta tipologia, observei no primeiro caso que as situações de conflitos, ocorridos no interior do grupo pesquisado, decorrem de algumas questões. Entre estas, foi relevante a atenção às relações que envolvem a eminente cobrança instituída nas performances individuais. Isso resulta, sobretudo, da ação dos líderes a partir da direção dos passos na dança, posições dos corpos nas filas, posturas com olhares fixos e sorrisos largos, e animação. Também derivam das faltas ou atrasos aos ensaios coreográficos, negociações de papéis na estrutura da quadrilha junina, etc. Estas situações têm valor e representatividade nos espaços de experiências entre os jovens, demarcando uma série de vínculos, opiniões, ocasiões de oposição e cobranças mútuas.

Logo no início do ensaio de hoje, quando começam a tocar as músicas, Fabrício já gritou: “está tudo desalinhado, voltem de novo!”. Os pedidos constantes de alinhamento e retorno abre margem à ocorrência de pequenos conflitos entre os jovens, sobretudo porque os nomes daqueles que erram, são ditos, podendo, em muitos casos, gerar desavenças. Foi o que aconteceu nesta tarde com Bruno. Ao ser chamado à atenção por outros jovens que dançavam entrosados, Bruno se sentiu ofendido e disse que não podia fazer mais do que vinha fazendo e que por isso não aceitava que ninguém o gritasse. Voltou a dançar, mas continuou reclamando e dizendo que no grupo, algumas pessoas “se acham de mais”. (Trecho extraído de Diário de campo, 25-03-2015).

Hayeska Barroso (2013) pondera que o aspecto da cobrança pelas lideranças nas quadrilhas juninas pode ser compreendido como uma via de justificação da reafirmação do “bom desempenho e animação”, externando a alegria do brincante e, conseqüentemente, do grupo. Segunda a autora referida:

Nos ensaios, os itens particularmente cobrados são: alinhamento, sorriso e o uso de vestidos para garantir a execução harmoniosa do

balanço das saias. O marcador repete sempre que a quadrilha deve estar impecavelmente alinhada, ou seja, a coreografia precisa ser executada com o máximo de perfeição, o que significa dançar com brilhantismo o xote, o xaxado, o baião. O sorriso constante é indispensável às meninas, para mostrar graça e alegria. Algumas delas são tidas como exemplo a imitar, pois, durante os ensaios, sorriem bastante a fim de externar o prazer que lhes suscita a dança. Ademais, é necessário que demonstrem altivez, charme e empolgação (*Idem*, p.74).

Essas cobranças corriqueiras modelam, passo a passo, os corpos na dança. Tão logo, cometer erros e falhas, demonstrar desinteresse, falta de empolgação e entrosamento, etc., podem culminar na ocorrência de conflitos entre os brincantes e as lideranças. Neste mesmo sentido, as tensões ainda são expressões de desobediência aos comandos dos coreógrafos e marcadores. Por vezes, me deparei com situações nas quais estes últimos também se demonstravam ligeiramente abatidos quando determinados jovens, para usar uma expressão nativa, “*não estavam a fim*”.

No interior do grupo, os conflitos ainda resultam das omissões às tarefas propostas e cobradas entre todos os envolvidos. No trecho do diário a seguir, explico a premissa, bem como sinalizo tensões entre grupos de quadrilhas juninas, ocorridos na disputa pelos espaços de arrecadação financeira, como os pedágios, em Juazeiro do Norte.

Um assunto que predominou no final deste dia de hoje na reunião final foi os pedágios e a ausência de alguns dos quadrilheiros nessa atividade. Os pedágios podem se constituir como fonte de conflitos internos quando ocorre a falta de um ou de outro jovem à atividade, o que gera desconforto àqueles que se dedicam na rua para a arrecadação financeira. Os jovens também destacam que o pedágio da sexta-feira a noite havia sido disputado com outro grupo junino. Segundo Paulo e Sérgio, o local em que a Agremiação faz pedágios é um ponto da antiga quadrilha em que eles eram participantes. Após a desintegração da mesma, a Agremiação que surgira depois, assumiu o espaço. A disputa que ocorre pela entrada de outro grupo junino no mesmo local torna concorrente a arrecadação e a procura pelos carros na rua a fim de adquirir a renda necessária. É como se estes espaços tivessem demarcados por certos grupos no perímetro da cidade, podendo ocorrer atritos e desavenças quando passam a competir o mesmo, legitimando, em alguns casos, a demarcação territorial de práticas, como ocorrem com os pedágios. Isso serve para o afloramento de comentários nas posteriores reuniões realizadas (Trecho extraído de Diário de campo, 16-05-2015).

Internamente, também se estabelecem subdivisões no ambiente da quadrilha junina, não separando os jovens entre si, mas, pondo uns e outros em contatos mais próximos e diretos nas inter-relações. Pode-se mesmo sugerir a produção de subgrupos entre os jovens, mediando situações de aproximação e confiança entre uns e outros.

Nesta ótica, os conflitos contribuem para a identificação de interesses específicos entre os jovens, ocasionando, muitas vezes, relações para além das práticas que envolvem as quadrilhas juninas. Por isso, vão a festas, barzinhos, cinema, saídas noturnas, etc. É fundamental dizer que estes subgrupos não dividem a quadrilha junina, antes, eles representam características internas, que envolvem relações entre os jovens, suas práticas, afinidades e interesses.

Num segundo tipo de conflito, destaco aqueles intergrupais. Nestes casos, está envolvida a construção e a reafirmação das representatividades e visibilidades sociais. É o espaço dos xingamentos, das situações de zombarias que decorrem dos temas e figurinos, das formas de atuação das lideranças, dos passos coreográficos, etc.

Tem conotação para a compreensão deste tipo as redes sociais como *facebook* e *whatsapp* a partir das comunidades criadas por cada quadrilha junina. Tidos como ambientes de expressiva reafirmação, é aqui onde os grupos disputam entre si antes mesmo dos festivais de quadrilhas juninas, colaborando as demarcações e legitimações a partir de noções tais como: “meu São João é aqui”, “este é o verdadeiro São João”, entre outras.

Nesta tarde de ensaios, alguns jovens comentavam das rivalidades que há entre as quadrilhas, quando Fabrício disse: “Aquele povo só quer ver é nosso mal! Mesmo que aqui (Na AJC) não tivesse dado certo da gente dançar, eu nunca teria coragem de participar de um grupo daqueles. Se, que Deus nos livre, a Agremiação tivesse acabado, eu não dançaria em quadrilha nenhuma daqui (De Juazeiro do Norte). Poderia ser que dançasse em outras de fora, mas daqui mesmo, nunca!” (Trecho extraído de Diário de campo, 22-02-2015).

Na dinâmica intergrupar, as disputas têm relevo na produção de diferenças, indo desde a abordagem temática, ao casamento matuto e passes coreográficos até os efeitos de som, luz, maquiagens, figurinos, etc.. Essa perspectiva demarca a construção das identidades com que cada um dos grupos se afirma no cenário junino, envolvendo processos que vão para além dos limites estéticos trabalhados em um ano particular.

As identidades das quadrilhas juninas são fundamentais para o reconhecimento não apenas entre si e os demais grupos, mas na relação com outros espaços sociais. Na Agremiação Junina Cariri, observei essa premissa com base no sentido de “*modernização das práticas juninas sem perder a relação com as raízes*”. Produzida pelos líderes, sobretudo, Alexandre, os jovens defendem que outras quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte manifestam aversão à proposta, utilizando-se da noção de desfiguração, ou perca, dos sentidos “originais” e dos “tradicionalismos” dos festejos.

Em terceiro caso, as situações de conflitos decorrem das relações dos jovens com seus grupos familiares. Estes, em específicos, são assumidos como centrais neste estudo, evidenciando interesses geracionais e modelos de concepção da noção de juventude.

É necessário dizer que este tipo não está na base das relações para todos os jovens pesquisados. Assim, paralelamente, também constatei haver incentivos de familiares, corroborando Hayeska Barroso (2013, p.77) ao citar Priscila Silva (2009) que diz:

A exuberante performance dos dançarinos oculta um universo secreto de sacrifícios e abnegações, de trabalho árduo, mas também de prazer. Os quadrilheiros não recebem qualquer compensação financeira, ao passo que realizam gastos com vestuário, transporte, músicos, etc. A disposição para a difícil tarefa brota dos laços de amizade, do incentivo da família e do amor pela quadrilha.

Com base nas autoras acima referidas, pode-se aferir que coexistam situações em que as famílias também manifestem apoio aos jovens, mesmo que isso signifique “liberdade” para a prática e não para o seu financiamento, como ocorre com a necessidade de figurinos, calçados, transportes, etc. Nestes casos, as relações de conflitos entre os jovens e seus grupos familiares decorrem em formas menos expressivas.

Nos trechos seguintes, destaco algumas respostas extraídas de entrevista em que questionei as reações e relações dos jovens com o grupo familiar.

“Pra mim, está tudo ok! Ninguém fala nada não” (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“No meu caso, eu não tive dificuldade. A única dificuldade que eu tive foi à financeira” (Erica. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Financeiro todo mundo tem!”... [Risos] (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

A partir da nativa conotação “financeiramente é o que mais pesa”, pode-se pensar que as tensões decorrem, dentre outros fatores, de certas restrições, como, por exemplo, com o aporte econômico, carregado de valor, uma vez que garante ao membro o cumprimento de suas negociações com o grupo em que participa.

Pensando com Silvia Boreli, Rose Rocha e Rita Oliveira (2009, p.58), os conflitos entre os jovens e os grupos familiares se expressam de tensões geracionais que transcendem os espaços das diferenças e das singularidades, se tornando características na condição juvenil. Evidenciando algumas formas destas tensões vividas pelos jovens entre seus pares e com outros grupos, como as famílias, propus a seguinte pergunta;

Você enfrenta algum tipo de conflito com a família por estar na quadrilha junina?

Obtive as seguintes respostas:

“Não! É porque é assim: Eu mesmo não sou totalmente independente. Tipo, morar numa casa só, ter o meu emprego. Não! Eu ainda necessito dos meus pais pra viver, como o pessoal mesmo diz. Tenho que ter minha alimentação, uma roupa limpa. Porque, se eu estou trabalhando na quadrilha, não tem como eu parar e lavar uma roupa, então toda a roupa que eu visto eu tenho que levar pra casa pra minha mãe lavar. E quando ela me ver muito tempo fora, ela já começa a brigar: Tu não vai pra casa não, é menino? Ai fica dizendo o monte de coisa, fica chata!” (Fabrício. Entrevista realizada em 08-04-2015).

“Minha família diz simplesmente assim: Há! Vai caçar o que fazer, vai estudar, vai trabalhar. Isso é coisa pra vagabundo. Que isso não dá dinheiro, só gasta. Vai se dedicar a outras coisas. Eu estudo pela manhã, trabalho pela tarde e faço aulas de dança. Danço quadrilha até meio escondido dos meus pais, mas danço. Eles não gostam muito, mas aceitam” (Caio. Entrevista realizada em 05-03-2015).

Nesta mesma direção, a partir da pergunta já proposta, alguns discursos emitidos pelos jovens também apontam para algumas maneiras como as famílias se posicionam, elegendo esta ou aquela prática, com ênfase para temas como estudos e inserção nas formas de trabalho remunerado, na intenção de justificar suas opiniões.

“Minha mãe mesmo não aceita muito não. Este é meu primeiro ano e ela já perguntou se eu não tinha nada para fazer. Porque que ao invés de eu vim pra quadrilha eu não vou estudar. Mas, eu já passo a manhã estudando e à tarde no estágio. Faço tudo direitinho e mesmo assim ela reclama. É uma briga que só Deus na causa. Toda vida que tem ensaio é assim. Toda vida! Eu mesma sempre quis dançar, mas nunca tive a coragem” (Roberta. Entrevista realizada em 05-03-2015).

“Já a minha mãe gosta. Agora, meu pai... (Risos). Ele é meio chato mesmo! Ele pega no pé e fica dizendo: Homem! Vai caçar o que tu fazer. Por que tu não estuda mais? Aí em casa, tem esse negócio de ser homem e tal, aí eu não faço nada... Aí eu fico só estudando mesmo. Mas, eles sempre reclamam. Quando eu venho pro ensaio e chego em casa cansado aí ele diz: Porque você ainda vai? Se está cansado fazendo isso, é só não ir mais. Aí eles ficam pensando que se eu tiver cansado daqui isso vai me atrapalhar na escola. Mas, eu mesmo acho que só faz é me ajudar. Porque eu pego inspiração e mais força daqui pra levar pra vida” (Sérgio. Entrevista realizada em 05-03-2015).

Constata-se que os grupos juvenis e culturais são ambientes para além da lógica institucional da família. São espaços aonde o outro, que em muitos casos também é jovem, torna-se referência na mediação das relações sociais. Isso corrobora a compreensão de conflitos entre os jovens e suas famílias, revelando pretensões, objetivos e regras.

Na juventude, os laços com a família tendem a se tornar mais difusos ao lado de uma inserção mais forte em outras instituições que podem, muitas vezes, repercutir no próprio padrão socializador desenvolvido pelo grupo familiar de origem. (Spósito, 1994, p.04).

A inserção no mercado de trabalho também se evidenciou como uma constante nos discursos dos entrevistados para explicar possíveis motes de conflitualidades.

“Meu pai e minha mãe reclamam porque eu não trabalho e eu tenho que ajudar eles. Mas, eu ajudo muito, com o que eu tenho e com o que eu não tenho. Eu só não tenho um trabalho fixo, mas eu arrumo pra ajudar lá dentro de casa e aí eu vou levando. Quando eles pedem o dinheiro de um gás, coisas mais razoáveis, tipo: O gás está acabando. Oxente! Eu não tenho dinheiro não, mas eu vou, tento arrumar e dou, entende? Eu digo que não tenho, mas arrumo e dou” (Fabrício. Entrevista realizada em 08-04-2015).

“No meu caso é diferente. Eu já tenho certa idade e aí não me cobram muita coisa não. Só assim, quando eu não ligo pra dizer onde é que eu estou. Mas, em relação à quadrilha, eu me dedico o máximo do tempo que eu tenho. Agora mesmo eu estou trabalhando, mas quando eu saio do trabalho, meu pensamento já é quadrilha. No trabalho também eu penso. Fico olhando sempre no whatsapp (*whatsapp*) pra ver se chega alguma coisa, algum recado de reunião. A partir da sexta-feira, quando eu saio do trabalho já é pensando na quadrilha. Quando eu saio no sábado de casa já é pensando no que eu possa fazer, no que posso ajudar. É a quadrilha, não tem outra coisa não” (Paulo. Entrevista realizada em 08-04-2015).

“Mãe mesmo já fez foi muito eu passar vergonha até na rua. Pergunta o que eu faço, se eu estou comendo, por que eu estou muito magro, onde eu ando o dia inteiro, se não paro em casa. E tudo isso eu relevo porque eu quero ver isso aqui dando certo não só pra mim, mas pra todos nós [Fabrício].” (Trecho extraído de Diário de campo, 06-05-2015).

As situações de conflitos com o grupo familiar a partir destes temas propostos se tornam indicativos sobre como são significados socialmente modelos de juventude e de sujeitos juvenis. Nestes motes, tornam-se vias relevantes para além das práticas vividas em ambientes como as quadrilhas juninas, demonstrando campos de tensões nos processos de socialização entre escolhas pessoais - dos jovens -, e expectativas sociais - da família e de outras tantas instituições. Ser jovem, neste contexto, está assentado sobre percepções e expectativas sociais e que caracterizam discursos sobre a noção de juventude e de jovens, qualificando os sujeitos juvenis.

Capítulo IV

“ISSO AQUI É UMA DIVERSÃO COM RESPONSABILIDADE”: Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas

“O mundo junino é algo que você tem que ter dentro de você. Pra si identificar e não vir por vir, mas, vir por gostar e sentir alegria. É mostrar o talento que você tem em si mesmo. Que é onde você pode se engrandecer e até virar um bom artista. Festa junina pra mim é como se fosse um trabalho e ao mesmo tempo, minha diversão. É onde eu mostro o que eu sei fazer”.
(Fabrício. Entrevista realizada em 08-04-2015).

Noite de quinta-feira e o ensaio técnico dos passos coreográficos ocorrerá no pátio da URCA. É por volta de 18: h20 e ando poucas quadras até este espaço de atividades semanais. Ao chegar, me sento entre os jovens, onde conversamos na espera aos demais. Na escuta de um e de outro, Sérgio, diz: “Isso aqui tem que ser diversão, se não, não tem graça. Sabemos que ganhar é bom, mas a diversão que vivemos aqui é importante. Agora, agente entende que a quadrilha também é um compromisso. Um compromisso firmado em dezembro”. (Trecho extraído de Diário de campo, 26-03-2015).

Anuncio este capítulo suscitando algumas particularidades do espaço de relações dos jovens pesquisados, a quadrilha Agremiação Junina Cariri, a partir do agenciamento de seus discursos, performances e práticas. Tenciono, mais uma vez, à escrita entre as experiências de aproximação empírica e teórica. Aqui, utilizo duas categorias que tem custado caro ao debate sociológico, fundamentalmente a partir da Sociologia da juventude, uma vez que refletem um conjunto expressivo de experiências sociais, de simbologias, usos dos espaços e modelos de relações nas quais os jovens são sujeitos centrais. Refiro-me as sociabilidades e protagonismos.

No capítulo dois, propus que as festas juninas são promotoras de sociabilidades, rompendo as ordens cotidianas e proporcionando o estreitamento de laços sociais entre sujeito e grupo, grupos e sociedades. Na perspectiva em que interessa este estudo, é importante sublinhar que as sociabilidades estão para além dos momentos festivos do período junino. Desse modo, trata-se de relações vividas pelos jovens que rompem a temporalidade efêmera e calendarizada.

Numa clássica definição de sociabilidades, sigo a abordagem de George Simmel (2006, p.65-66) que oferece a seguinte proposta:

A sociabilidade pode ser entendida como a *forma lúdica de socição*, algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como obra de arte se relaciona com a realidade. [...] a sociabilidade, em suas configurações puras não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável, se apoiando totalmente nas personalidades.

Ainda conforme o mesmo autor, uma característica para a apreensão desta categoria resulta da situação quando

[...] ela demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá entre iguais. [...] É o jogo de “faz de conta”, faz de conta que todos são iguais e, ao mesmo tempo, faz de conta que cada um deles é especificamente honrado. O “faz de conta” não é uma mentira (*Idem*, p.71).

A luz da proposta analítica acima sugerida, a noção de sociabilidade resulta como expressão das relações, dos laços e vínculos sociais estabelecidos entre os jovens no interior dos grupos. Estes processos dão sentido aos pertencimentos e as reafirmações entre si e o faz de conta não se expõe como uma “mentira”, pois as experiências e situações compartilhadas têm valor para aqueles nelas inseridos.

De acordo com Machado Pais (1990, p.14), as sociabilidades, considerando as experiências juvenis, se assentam num jogo contínuo de trocas simbólicas onde, sem cessar, se afirma e reafirma um reconhecimento social que pressupõe, além de uma competência específica, de aquisição e exteriorização dessa competência, um dispêndio constante de tempo e de esforços, que se traduzem na posse de capital econômico, cultural e simbólico. Essas trocas simbólicas são fundamentais para a compreensão da sociabilidade no espaço da quadrilha junina enquanto grupo cultural na medida em que mediam relações com base na posse de determinados capitais e competências. Põem em contato os jovens através de seus interesses, mediando à construção de sentidos para os envolvidos. Assim, as sociabilidades reafirmam no campo relacional as potencialidades dos sujeitos em suas figurações sociais.

No debate sobre juventude, os trabalhos de Ana Sallas (2013) e Liana Araújo (2015) demonstram que a noção de sociabilidade juvenil está fortemente apoiada nos laços grupais, onde os sujeitos estabelecem suas relações, reafirmam suas redes de pertencimentos e significam suas experiências.

A sociabilidade é a forma pela qual os indivíduos vivem em sociedade, ela se torna o espelho das relações sociais que ocorrem em instituições como, por exemplo, a família, a escola, o trabalho, e aqui, a quadrilha junina (Araújo, 2015, p.87).

Pode-se considerar que a sociabilidade representa os modelos de agenciamento das relações, suas formas, linguagens e significados produzidos e reafirmados a partir da ordem social no grupo. Tem importância, neste caso, as situações em que se estabelecem as trocas, os pertencimentos, as interações, pondo em contato os sujeitos a partir de seus desejos, objetivos, afinidades e aproximações. É nesta sociabilidade onde se funda o campo das práticas grupais, expressivas a compreensão juvenil.

Se a sociabilidade demanda uma dinâmica grupal, esta pode ser mecanismo a elaboração de um tipo afetivo, amigável e mobilizador. Ou seja, têm um peso nas determinadas redes de relações entre os jovens, as quais significam não apenas momentos de diversão, de estabelecimento e reafirmação de vínculos, mas, como expressões de mobilização e demarcação de práticas culturais nos contextos sociais em que estejam inseridos.

Tomando a premissa adotada, proponho a noção de protagonismo como via paralela e correlacionada à análise de espaços como grupos culturais, neste caso, especificamente, as quadrilhas juninas. Isso implica em desnudar campos de relação e de atuação juvenil, presentes e estruturantes ao espaço de pesquisa.

Para a problematização da categoria protagonismo juvenil em grupos culturais, recorro a Juarez Dayrell (2001) que destaca:

Estar inserido num grupo é importante, pois contribui para obter visibilidade no meio em que vive e na circulação pela cidade (Dayrell, 2001 *apud* Melo e Leite, 2013, p.07).

Analisando as práticas juvenis a partir do universo junino, Liana Araújo (2015, p.87) sugere a seguinte questão:

O jovem procura espaços como a quadrilha junina para emergir enquanto sujeito na busca por reconhecimento coletivo. Ao buscarmos esse reconhecimento, os jovens que estão nas quadrilhas procuram uma forma de serem notados por seus amigos, colegas e familiares. A quadrilha funciona como um espaço de produção de sentidos para os jovens da cidade ao possibilitar a reinvenção dos espaços de convivência já conhecidos entre eles.

A noção de protagonismo se expõe como significante na construção e agenciamento de espaços de possibilidades dos jovens, servindo como campo de visibilização de suas práticas e fazeres na cidade e que, conforme categorias nativas, “*seja envolvente, trabalhado, com qualidade*”. Este reconhecimento está intimamente associado à dinâmica relacional interna, pois é ela quem mantém os jovens inter-relacionados, mobilizados na produção do seu espaço e grupo, da sua figuração social.

Nas diversas reuniões que acompanhei para a programação das atividades, os jovens, principalmente, os líderes, abordam tal lógica constantemente, como indicado no diário de campo que segue.

Continuando a estratégia de chegar sempre cedo nos ensaios, hoje, quinta feira, fui recebido por um grupo entre oito ou dez jovens. Cumprimentei a todos e sentei próximo. Estavam rindo de uma de festa na qual Fabrício comentava que tinha embriagado uma amiga. Ao negociar a chave com o vigia do prédio para entrar na sala que dá acesso a energia elétrica, o mesmo jovem citado logo ligou a caixa amplificadora que sempre trazem a pé desde o bairro Limoeiro, distante dali cerca de 1,2 km. Em seguida, montou o DVD e pôs o CD produzido e cantado por Alexandre. No centro do pátio, pequenos grupos dançavam, mesmo que não estivesse em horário de ensaios. Há ainda outros jovens que circulam todo o espaço do pátio, encenando uma apresentação. Neste momento, Paulo veio em minha direção e ficamos a conversar por alguns minutos. Destacou que o grupo já havia definido sua logomarca, saindo em seguida para atender ao pedido de Fabrício, o coreógrafo. Em seguida, passei a conversar com Alexandre que faz questão de reafirmar o quanto o ambiente do grupo tem que ser encarado com alegria e descontração, dizendo: “Agora, isso não quer dizer que nós não tenhamos responsabilidade, nós temos sim, mas nós brincamos. Todos aqui são artistas, artistas que fazem arte, que tem o dever de emocionar, de tocar as pessoas com o que nós fazemos e que apresentamos”. O mesmo destaca ainda que “Aqui, tudo é por nossa conta, e é agente mesmo que tem que correr atrás dos recursos”. A fim de observar os ensaios, sai e se posiciona ao centro dos batentes que ficam ao redor do pátio, avaliando os casais na dança (Trecho extraído de Diário de campo, 26-02-2015).

Os protagonismos manifestam o fazer por si mesmo através da dinâmica do próprio grupo, onde são os jovens os responsáveis pela sua produção e agenciamento. Para além das possíveis dificuldades relacionadas à falta de recursos econômicos, espaços físicos próprios para ensaios técnicos das coreografias, equipamentos para confecção de figurinos, etc., aos quais verifiquei em muitos momentos, os jovens negociam, inventam, produzem, vão aos semáforos, se utilizam, apropriam da cidade a fim de arrecadar os necessários investimentos.

Imagens 09, 10 e 11 (Construção de adereços - Sede da Agremiação Junina Cariri)



Produção de cenários. (Foto: Alexandre)



Produção de cenários. (Foto: Ricardo Cruz Macedo)



Produção de figurinos. (Foto: Ricardo Cruz Macedo)

Com base nas fotos acima, os jovens, desde a negociação dos espaços e equipamentos necessários, tornam-se os próprios produtores das suas estéticas a apresentar socialmente o grupo, a permitir sua indumentarização para a visualidade. Assim, agencia entre si a distribuição de atividades as quais tornaram possível a quadrilha junina.

As sociabilidades e protagonismos se evidenciam, nestes termos, como categorias essenciais à compreensão do grupo ao apontar para as dinâmicas estabelecidas, os modelos de discursos e as formas de viver e evidenciar as práticas sociais na apropriação dos espaços e da cidade. Mesmo sendo as quadrilhas juninas marcadas pela sua associação ao rito festivo, traduzidas como expressão cultural nos marcos da

tradição, elas se constituem também como um presente estratégico e, por isso, inventivo e híbrido na intenção de ser mostrada, reparada, legitimada. Neste campo de atuação e de experiências, os jovens demarcam usos e ressignificações das práticas culturais onde a quadrilha junina se constitui como um dos seus espaços ímpares de socialização.

Esses processos se reverberam em tensões, conflitos e disputas entre os grupos de quadrilhas juninas, como abordei no capítulo III. Pode-se mesmo dizer que no campo das relações grupais, onde há as disputas e legitimações sociais a partir das apresentações nos festivais, não está em jogo o divertimento meramente gratuito, mas outras formas de se posicionar na dinâmica relacional para a elaboração das visibilidades. Considerando esta premissa, Elizabeth Lima (2008, p.121) sugere:

O que importa desta festa não é [meramente] o divertimento gratuito, puro e simples do quadrilheiro. Seu prazer já não é tão relevante, seu desejo atual é mostra-se com toda a perfeição que for possível, é destacar o seu vestuário e a sua coreografia, pois os olhos atentos os observam para atribuir-lhe conceitos. (Grifo meu).

Nos trechos que seguem, exploro a análise a partir da seguinte questão direcionada aos brincantes: Quais os objetivos da Agremiação Junina Cariri para o ano de 2015?

“De a gente fazer um bom trabalho. E, além de tudo, você ser reconhecido. Porque não é fácil, você trabalhar oito meses é claro que você quer ser reconhecido. Porque você quer mostrar seu grupo porque tem aquela certa rivalidade. Então, se a gente está aqui, a gente quer levar e depois passar pros outros quadrilheiros” (Bruno. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Acho que nosso foco mesmo não é só nem ganhar, é tirar do papel, botar em quadra nosso trabalho. Se emocionar, chorar, igual a todo mundo faz. Desmaiar é a melhor parte (Risos). Você chega faltando ar. É ótima a sensação! Isso é sinal de que você deu o melhor de si em quadra. Puxa muito da gente, mas é momento único. E arrancar um sorriso é muito bom” (Vitor. Entrevista realizada em 18-03-2015).

No bojo significativo das práticas e experiências juvenis que auxiliam compreender as sociabilidades, há de se ressaltar que elas tenham relevância para os sujeitos de pesquisa, permeando, perfazendo e refazendo as suas vidas sociais. De outra maneira, as categorias sociabilidades e protagonismos fazem sentido na perspectiva aqui adotada à análise quando vistas como um conjunto de experiências duradouras e simbolicamente marcantes aos jovens. Tornam-se momentos compartilhados cotidiana e frequentemente, compondo uma espécie de modo de vida do jovem quadrilheiro, como exposto no trecho seguinte:

“A gente se sente feliz. Pelo menos eu não sei nem explicar. Quando eu estou aqui, Ave Maria! Eu me esqueço de tudo. Eu fico agoniada querendo que chegue logo os dias dos ensaios” (Paloma. Entrevista realizada em 11-03-2015).

Nos espaços de relações, os conteúdos relacionados ao universo junino ganham conotação recorrente, tornando-se mote de conversa entre os jovens. Emergem-se nos discursos, nas trocas de saberes, nas simbolizações dos pertencimentos. São mecanismos emblemáticos nas relações e interações que ocorrem entre os jovens nos momentos em que estão reunidos. Como fundamento, ilustro com o trecho seguinte, extraído de diário de campo.

A aproximação ao período festivo - entre os meses de abril e maio - abre margem para um jogo intenso de conversas onde às inscrições aos festivais, a finalização das atividades de figurinos, cenários, passos coreográficos, apresentações, etc., tornam-se guias aos assuntos. As apresentações que já estão sendo agendadas para a própria Agremiação em vista dos festivais que disponibilizam suas datas, sejam eles em Juazeiro do Norte ou não, e às avaliações dos jovens às demais quadrilhas juninas na medida em que as observam nos festivais que vão ocorrendo na região do Cariri, como no caso do festival da cidade de Barbalha, são temas em ebulição entre os jovens. O dia em que será a abertura do “junino” pelo próprio grupo também é assunto recorrente. Esta ávida apropriação à prática possibilita a emissão de juízos de valor entre uns e outros grupos. Nesse sentido, comentou Sérgio: “é bom ver que mesmo os grupos errando em determinadas coisas, eles - os brincantes - fazem aquilo por amor ao São João”. Estes assuntos vão encobrindo os momentos dos encontros de uma tensão pré-estreia, pois o dia em que isto ocorrerá, todas as atividades de composição de figurino, cenário, danças, efeitos de luzes deverão estar prontas. Da mesma forma, os jovens vão indicando em suas falas as estratégias de melhor se sair bem nas apresentações, tais como: ordem dos sorteios e a disposição depois desta ou daquela quadrilha junina, não abrindo a noite do festival; o dia em que ocorrerá um ou outro festival para que não haja coincidências entre os mesmos; o preparo de uma agenda de apresentações que possa garantir o bom desempenho quanto ao desgaste físico; a contratação de transportes adequados para todo o grupo, etc. Todas estas questões perpassam a forma como se planejam e estabelecem estratégias de apresentações para que o grupo tenha condições básicas de participar dos festivais (Extraído de Diário de campo, 06-06-2015).

Na consideração das formas de protagonismos juvenis em que a participação e a adesão à produção das atividades corroboram na construção dos grupos, das suas identidades e marcas, das maneiras de ser, atuar e significar os espaços, Mônica Melo e Marcos Leite (2013) identificam a existência de um conjunto variado de práticas grupais, onde o lazer fundamenta e possibilita a construção de modos de vida a partir dos elementos encontrados nesse campo.

A mobilização da juventude em torno de práticas culturais coletivas consiste em grupos distintos quanto à denominação e ao conteúdo.

Nesse contexto, o mundo cultural e o lazer ocupam centralidade na vida dos jovens, uma vez que possibilitam a construção de modos de vida e práticas a partir dos elementos encontrados nesse campo (*Idem*, p.02).

A cotidianização destas práticas na vida social dos jovens faz desenvolver relações na dinâmica interna e externa do grupo, mediando os contatos, as trocas e tensões entre uns e outros onde circulam. Informam a demarcação e reafirmação de espaços de usos a partir das afinidades. Nesse sentido, destaca Machado Pais (2003, p.114):

Os tempos cotidianos dos jovens encontram-se fortemente associados às práticas de sociabilidades e de lazer que desenvolvem no quadro de determinadas redes grupais.

A partir da tensão entre as noções de sociabilidades e protagonismos como aqui proposta, pode-se evidenciar uma série de vínculos, simbolismos e conotações nas práticas juvenis que são fundamentais a reafirmação do grupo cultural. Confirmei esses aspectos nos vários espaços e momentos de atividades da quadrilha junina, vivenciada por uma extensão temporal longa durante os meses do ano, pondo os membros do grupo em contato entre si, com a espacialidade onde se inserem - a cidade de Juazeiro do Norte, e com outros grupos culturais.

4.1- “A galera da quadrilha é uma família pra mim!” Usos do tempo na sede, ensaios e cotidiano

A produção das atividades nas quadrilhas juninas atravessa um longo período no ano, onde os grupos trabalham passo a passo a criação das apresentações. Este processo envolve uma série de encontros, ensaios e reuniões. As primeiras ações e planejamento ocorrem por volta do mês de dezembro de cada ano antecedente. Como o término das apresentações nos festivais juninos em Juazeiro do Norte pode chegar a ocorrer até por volta do mês de agosto, verifiquei uma curta temporalidade sem que os jovens estivessem envolvidos diretamente com a quadrilha junina.

Conforme Priscila Silva (2009 *apud* Barroso, 2013, p.77):

As quadrilhas juninas são um espetáculo cuja extensão a nossa percepção de espectador alcança apenas parcialmente. A série de atividades que antecede a apresentação pública, por exemplo, é desconhecida do público que assiste.

Neste mote, pode-se considerar que a atenção para a duração do tempo colabora na compreensão das composições de significados e simbolismos compartilhados entre os jovens a partir do caso de estudo. Favorecido pela inserção a campo desde fins de janeiro de 2015, período de elaboração dos primeiros passos coreográficos, criação dos personagens para o casamento matuto, etc., observei a constante repetição de termos utilizados entre os jovens, denotando significações dos espaços de relações. Entre estes, tornou-se singular nos discursos a expressão *galera*²².

O termo *galera* como categoria analítica emergida dos contextos nativos, maneja sentidos simbolicamente distintos para os jovens pesquisados, dizendo, em determinadas vezes, relações sólidas, em outras, flexíveis. Constatei que o termo constitui um arranjo de grupo para o reconhecimento entre aqueles com os quais são estabelecidas relações de trocas, opiniões e interesses nas afinidades identitárias. Demarca o espaço com quem se compartilham afinidades e reciprocidades, servindo para referenciar à ordem grupal em suas nuances e como marcador discursivo para a dinâmica ocorrida nestes espaços.

Ao dimensionar relações de aproximações e de redes de interações, os membros dos grupos culturais dispensam a definição de *galera* para se referirem a grupos concorrentes, àqueles com quem se estabelecem experiências marcadas pelas tensões, tornando-se ferramenta para as oposições. Nestes casos, as distinções são também verificadas no interior dos grupos, denunciando relações de menores aproximações entre uns e outros dos seus membros uma vez que as dinâmicas de interação ocorrem sobre graus variados.

No caso da Agremiação Junina Cariri, percebi muitas vezes a utilização do termo como homóloga a família, se interseccionando. Nestas circunstâncias, *galera* dá o tom ao grupo daqueles com os quais as relações são estabelecidas sobre as trocas recíprocas, as afetividades, os companheirismos e as amizades diante dos contextos em que se inserem. Para verificar tal proposição, indico os seguintes trechos extraídos de entrevistas.

²² O sociólogo francês François Dubet (1987) problematiza a noção de *galera* (*galère*) para compreender as experiências dos modos de interação, práticas e valores juvenis em espaços “populares” no seu país. Entre outras, o autor toma a noção de exclusão social produzida a partir da segregação da periferia na urbanidade como uma via para a explicação desta categoria a partir da formação dos grupos juvenis. Adoto aqui outras perspectivas para a reflexão, porém, corroboro a noção de que a definição de *galera* proposta pelo autor possa colaborar para pensar os processos de distinção e divisão entre os grupos culturais, sendo, por isso, favoráveis à reafirmação das lógicas de pertencimentos entre sujeito e grupo e as aversões destes últimos a partir das ordens simbólicas das interações. Outras informações, ver Dubet, 1987.

“Pra mim, eu acho que é uma das famílias que eu tenho agora. Eu tenho a minha família que é de sangue, mas, tenho a minha família da Agremiação, que é pra mim todos irmãos e irmãs. Agora, pra uns, vai ser família, pra outros, vai ser a galera. Pessoal, vamos reunir a galera para ir ao cinema! Chama quem? Fulano, e fulano, e fulano. Aí, junta a galera.” (Paulo. Entrevista realizada em 08-04-2015).

“É porque, por mais que seja uma família, quando acaba, sempre fica todo mundo ali, conectado. Sempre! Aí, por isso que é galera. Por conta desse círculo que fica todo mundo apegado. É uma coisa que não se desata. Vai ao cinema, então vai fulano e fulano. Quem vai? A galera da quadrilha, as mesmas pessoas” (Fabrício. Entrevista realizada em 08-04-2015).

“A AJC pra mim é uma segunda família mesmo! A gente faz tudo junto. As coisas que são da quadrilha, as que não são da quadrilha. Mas, tudo gira em torno da quadrilha. Se você parar pra pensar bem... [Pausa].” (Igor. Entrevista realizada em 08-04-2015).

A partir destas definições, percebe-se que os termos galera e família têm significativo peso na constituição das redes de relações estabelecidas. Simbolizam a demarcação e reafirmação do espaço de afinidades entre os jovens. Neste sentido, cada grupo cultural, cada quadrilha junina, representa uma dada galera. No caso da AJC, o termo galera simboliza família quando faz referência aos jovens que são do mesmo grupo.

Nestas demarcações, estas figurações definem redes de relações e de sociabilidades, negociadas através dos jogos de conversas, ideias e práticas compartilhadas entre si porque são derivadas das experiências, afinidades e interesses. Conforme Juarez Dayrell (2004, p.10):

Na sociabilidade encontramos uma relação na qual o fim é a própria relação [...] e é por meio dela que se constitui uma unidade. No campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, os quais têm em si mesmos a sua razão de ser. É o que vemos acontecer nas relações que os jovens pesquisados estabelecem com o grupo de pares, sejam eles os “chegados” do *hip hop*, a galera do *funk* ou os parceiros da capoeira [e aqui, das quadrilhas juninas]. [...] O falar torna-se o próprio fim, o assunto é simplesmente o meio para a viva troca de palavras revelar seu encanto. É a arte de conversar, com suas leis artísticas, fazendo dos salões um espaço de exercício da razão comunicativa. É um jogo, e um “jogo com”. Apesar de ser outro contexto, a conversação assume, para os jovens, papel muito importante, tornando-se uma das motivações principais dos seus encontros. O “trocar ideias” é de fato um exercício da razão comunicativa, ainda mais significativo quando encontram poucos espaços de diálogo além do grupo de pares. (Grifo meu).

Essa sociabilidade reforça internamente o sentido de grupo, sendo indicada a partir de expressões tais como: “A minha segunda família”, “Aqui é nossa família também!”, “Nós somos amigos de verdade”, entre outras. Torna-se instrumento de

distinção na forma como os membros do grupo concebem o espaço no qual pertencem em relação às outras quadrilhas juninas.

Os trechos a seguir, extraídos de entrevista realizada em grupo, demonstram a premissa sugerida.

“Aqui, me sinto em casa. É a família da gente. Conhece a galera, a galera gosta da gente, e tal!” (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“A Agremiação é minha família. Estamos em casa. É maravilhoso. E mesmo tendo uma briguinha aqui, outra acolá, mas, dentro de quadra, tudo é irmão. Tudo se apaga e começa de novo” (Vitor. Entrevista realizada em 18-03-2015).

Para além das categorias galera e família como expressões corriqueiras no discurso dos jovens, indicadoras e colaboradoras a análise, defrontei-me com usos e significados atribuídos aos espaços e tempo utilizados. Na dinâmica anual das ações desenvolvidas pela Agremiação Junina Cariri, três espaços tem relevância à compreensão, sendo eles o pátio da URCA e o da Escola Felipe Neri, desde meados do mês de janeiro, e, a partir do mês de abril, a casa sede. No diário de campo a seguir, exponho a experiência de aproximação aos jovens a partir da sede.

É tarde de feriado e há pouco movimento nas ruas até o bairro Limoeiro. Portando a câmera fotográfica, ando cerca de vinte minutos até chegar à sede, onde fui recebido no portão pelos jovens Alexandre e Fabrício. “Olha ele aí!”, disseram. Ao entrar no primeiro cômodo da casa, uma sala ampla logo na recepção, me deparei com um amontoado de grades de ferro, grandes telas pintadas e folhas de papel velho com desenhos de bandeirinhas ao chão. Serviam apenas para proteger o piso da tinta ainda fresca, pois a casa é alugada. Entrando, vamos os três conversando. Alexandre diz: “É, meu caro, a vida aqui está um corri, corri danado!”. Perguntei quem pinta as telas e o mesmo disse: “É criação minha mesmo! Isso é minha arte, é uma expressão modernista” [Risos]. Os baldes de tintas abertos e as telas ainda frescas emanavam um cheiro forte naquela sala. Ao som de músicas de *reggae*, conversamos alguns minutos quando entrei aos outros cômodos aonde também havia jovens. Aí, percebi que a sede também serve de ponto de descanso, dispondo de uma cama em virtude de ser residência fixa para Igor e seu irmão. Em seguida, já noutra sala, há muitos materiais para a confecção dos figurinos em construção. Nela, há um sofá e pequenos banquinhos utilizados pelos jovens. Ao sofá, encontravam-se as jovens Roberta e Mônica. Já ao chão, Sofia e Tiago. Algumas das jovens bordavam coletes dos figurinos e outras peças de roupas, e ajustavam e revisavam botões. Em uma cadeira improvisada estava Sandro, arrumando palhas de milho com um ferro de engomar e ao seu lado, sentava-se Fabrício, cosendo peças de roupas numa máquina de costura emprestada. Cumprimentei a todos, porém, continuei a entrar, a fim de falar com os demais. Fui à cozinha, onde estava André, que se mostrou receptivo quando me viu. Colava pequenas palhas de milho nos figurinos e me perguntou pelo andamento da pesquisa. No último dos cômodos da sede, o quintal, estava Igor, que cortava finos panos para as anáguas.

Ao chão da sede, muito resto de material, como palhas de milho, retalhos de tecidos, pedaços de esponja e papel picados. Neste último dos cômodos, o *reggae* escutado por Alexandre já não era mais ouvido, mas outras músicas ao som de aparelhos celulares os distraiam. O ambiente remetia a uma oficina, onde há a participação dos presentes na execução das mais distintas atividades que envolvem a produção da quadrilha junina. Fiquei a me relacionar com todos os jovens, variando daqui por diante entre os cômodos, assim como também faziam. A empolgação quanto a esse momento, dito como “reta final”, ressalta aos olhos. A expectativa para as apresentações se mistura, rapidamente, ao cansaço dos inúmeros dias e noites acordados e é comum escutá-los reclamar de dores no corpo. Na volta a sala onde estava o maior grupo dos jovens, percebo está pendurado em cabides e pedaços de arames ao teto alguns figurinos já prontos. Ficavam no canto da sala, onde mais em baixo havia uma caixa de papelão com inúmeros pares de sapatos. A distração em toda a sede era marcada pela conversação sobre apresentações de outros grupos juninos de Juazeiro do Norte que já haviam iniciado seu ciclo em festivais locais. Falar sobre quadrilha junina e festival é assunto central entre todos os jovens. Mostram, entre si, gravações feitas em câmera de celular sobre apresentações de outras quadrilhas juninas, riem sobre passos desalinhados, comentam e defendem a qualidade da apresentação a qual estão construindo. O momento de observações poderia ser favorável a registros fotográficos, pois eu havia trazido à câmera nesta intenção. Mas, em muitos momentos os jovens não concordaram com esta ação, não devido ao segredo do trabalho, mas a forma como estavam na sede, se sentindo, conforme eles, largados, sujeitos em meio aos trabalhos que realizavam e tinha receio que depois poderiam parar em imagens e slides para pesquisador mostrar, algo indesejado naquelas situações. Somente alguns me permitiram, e fotografei estes bem como os materiais prontos ou em construção. Dai por diante, fiquei a notar como os próprios jovens quadrilheiros se tornam refinados olheiros a partir das filmagens às práticas que vão ocorrendo entre um grupo e outro, a preocupação em empolgar o público como ferramenta para o reconhecimento, etc. Estes momentos favorecem uma avaliação dos jovens entre si aos demais grupos de quadrilhas juninas. Nestes sentidos, a sede se mostra como um local singular na compreensão do grupo uma vez que há neste espaço uma inventividade entre todos, servindo como refúgio, marcado pela extrema interação entre os jovens, indicada sob as conversas, os propósitos em construir suas performances, suas afinidades, suas tensões existentes e latentes, os valores defendidos, as conversas ditas. (Diário de campo, 04-06-2015).

Na sede, a sociabilidade juvenil integra os jovens às dimensões práticas e simbólicas das festividades juninas e dos seus interesses enquanto grupo. Ao está neste espaço, às relações dos jovens são produzidas sobre os efeitos dos assuntos considerados “novidade”, “fofoca”, “festinhas”, etc. Ao contrário dos encontros para os ensaios, onde é cobrada a participação na dança, por exemplo, a sede funciona como o emblemático ambiente onde a presença pode ser considerada um fim em si mesma. Está na sede tem uma importância para a apropriação dos códigos compartilhados, para as relações que fogem aos limites preestabelecidos nos tempos determinados, como ocorrem com os espaços de ensaios, negociados com instituições.

Os usos que os jovens fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades, das linguagens e estilos de vida, tanto em nível simbólico e discursivo, quanto em nível prático. Deste modo, a sociabilidade juvenil se traduz em diferentes formas de consumo do tempo e na apropriação dos espaços urbanos, o que possibilita o desenvolvimento de tensões e conflitos, latentes ou abertos, entre éticas estruturais tradicionais e novos horizontes sociais de realização individual. (Sousa, 2012, p.05).

Considerando o autor acima, as relações entre os jovens estão intimamente vinculadas às afirmações das suas identificações. Estão revestidas em um conjunto de práticas e experiências que tem extensa duração no ano, vistas a partir das diversas e distintas atividades.

Nestes momentos há um desprendimento do tempo que ocorre dali para fora. Ou seja, uma cristalização de um espaço marcadamente deles, dos jovens. Observei nos ensaios que muitos dos meninos, em grande parte, os gays, licenciam o uso do corpo com danças em todo o espaço dos pátios. Vestem saias, calçam saltos altos, alcunham àqueles veteranos e seus pares termos como “*bicha*”, “*mulher*”, “*veado*”, etc. Inventariam vocabulários e tonicidades próprias para os assuntos e as formas de expressá-los, abrindo margem ao riso, as ironias, as tensões, as marcas do cotidiano. Como já dito, servem como instantes de fuga do ordenamento de instituições como família, escola, igreja, etc. Tornam-se regidos sobre as normatividades estabelecidas entre os próprios jovens, sendo tidos como o lugar onde “*todo mundo é irmão*”.

Na elaboração destas redes de relações internamente vividas, fui evidenciando uma vinculação entre os veteranos - membros desde a formação do grupo - de modo denso quando comparados com os novatos - aqueles que estão dançando pela primeira vez. Isso ocorre, principalmente, no início do ano, quando as quadrilhas juninas recebem interessados para a composição de casais, os quais, passam a integrar a órbita grupal. Paralelamente a estes momentos iniciais das atividades, são visíveis as classificações por parte dos veteranos, nomeando os novatos de “*uma galera nova*”. Esse processo passa a dissolver-se com a intensificação das relações, do tempo que flui, minimizando-se e desaparecendo-se a partir de meados do mês abril.

Considerando a existência de marcas nas relações entre os jovens nestes grupos culturais, o lúdico constitui-se como chave, podendo servir também como indicativo na compreensão social da juventude como categoria de análise. Isso ocorre pelas atividades e dinâmicas desenvolvidas nas conversas sobre uns e outros, nas confidencialidades compartilhadas. A dança junina se torna a sua arte, a ferramenta de inserção e

participação no espaço social que simboliza e tem implicações nos modos de ser, viver e se relacionar enquanto sujeitos em seus mundos.

4.2- “A gente se vira!” Pedágios e outras estratégias de arrecadação financeira²³

A arrecadação financeira em grupos culturais como as quadrilhas juninas envolvem um conjunto de estratégias e ações a fim de tornar possível o projeto junino. Desde os meses iniciais de cada ano - a partir de março - os jovens pagam quantias mensais parceladas, destinadas à confecção de figurinos. Os valores adquiridos desta ação representam apenas parte do recurso necessário para tal fim.

São promovidas rifas semanais ou quinzenais, onde cada membro é convocado a vender um determinado número conforme os valores das cartelas e do prêmio ofertado. Nas rifas são sorteados brindes adquiridos em doações. A renda destes recursos destina-se ao pagamento de aluguel da sede - iniciado a partir de abril, indo até agosto - e despesas com água e luz.

Os jovens buscam auxílio também com patrocínios, responsáveis por parcelas singelas em relação aos montantes necessários para as despesas. Tais patrocínios são, em geral, oriundos de empresas que investem no intuito de ter suas marcas expostas nas camisas personalizadas. Estas camisas são indumentárias usadas durante os encontros para os ensaios do grupo, nos eventos locais no bairro, pela equipe de apoio durante as apresentações nos festivais juninos e pelos membros como um todo nos dias de pedágios.

Outra fonte de aquisição de renda é os prêmios oferecidos aos melhores grupos nos festivais juninos. Estes prêmios são distribuídos entre poucas quadrilhas juninas, variando os valores entre os festivais. Em Juazeiro do Norte ainda ocorre o pagamento por parte da prefeitura de uma dada quantia aos referidos grupos, distribuída após o ciclo festivo. Analisando as quadrilhas juninas no Estado do Ceará, Hayeska Barroso (2013, p.15) corrobora, neste sentido, a questão, afirmando:

Prêmios em dinheiro são concedidos aos melhores grupos, àqueles que atenderem satisfatoriamente aos principais critérios de avaliação,

²³ Cada grupo desenvolve ações específicas para a captação de recursos. As reflexões aqui tecidas tomam como base o grupo Agremiação Junina Cariri. No entanto, para além das variações que remetam a especificidades, tornou-se sociologicamente interessante compreender a emergência de conflitos interna e externamente aos grupos, a utilização dos espaços na cidade para o desenvolvimento das estratégias, etc., enquanto características comuns.

dentre os quais: melhor casamento matuto, melhor conjunto, melhor figurino, melhor animação, melhor marcador, dentre outros.

As premiações nos festivais dependem das atuações finais, do trabalho concluído, uma vez que resultam das avaliações atentas dos jurados técnicos. Destinados a fins distintos, percebi no grupo estudado que podem ficar como reserva em caixa, sendo utilizados nas atividades iniciais dos anos seguintes, como, por exemplo, a produção musical do CD. Juntamente com as camisas personalizadas e a temática trabalhada, a autoria de músicas reforça e colabora nas distinções dos grupos culturais no universo junino. No caso específico da Agremiação Junina Cariri, o líder Alexandre é o responsável pela composição das músicas e produção do CD, tocando grande parte dos instrumentos.

No cotidiano de elaboração das atividades, os jovens também compartilham *cotinhas*, como são chamados pequenos valores, destinados à aquisição de artefatos não ligados diretamente à produção da quadrilha junina, mas que cumprem papel importante na integração dos sujeitos envolvidos. Estas ações fortalecem os vínculos e as trocas a partir das compras de utilidades passageiras, como refeições, bebidas, etc., consumidos coletivamente nos encontros.

Para além destas estratégias, elegi os pedágios como ações alternativas que explicam como os jovens “se viram”, tomando-os a via principal para a aquisição dos recursos financeiros necessários. Os pedágios evidenciam ainda como a cidade e seus espaços podem ser apropriados pelos jovens através de suas práticas em grupos.

No diário de campo abaixo, busco evidenciar a perspectiva.

07: h00, horário previsto para o encontro nesta manhã de domingo. Em vista disso, saí de casa 06: h30. Um grupo de jovens já havia agendado para sair junto da sede nesta mesma hora. Até o semáforo onde será realizado a ação, localizado no bairro Novo Juazeiro, entre as avenidas Castelo Branco e Coronel Humberto Bezerra, percorro cerca de 2,4 Km de distância, indo a pé. Poucos quarteirões abaixo me deparo com os aromas fortes das coloridas frutas e verduras do mercado do Pirajá, movimentado na cidade de Juazeiro do Norte. O local marcado, mesmo distante para alguns dos jovens que percorrem cerca de quase três quilômetros a pé, é ponto estratégico. A região é acessada por poucas linhas de transporte coletivo, e, conseqüentemente, onde circulam muitos veículos particulares. Cheguei mais cedo que todos, e por volta de 07: h10 ainda não haviam aparecido, o que ocorre pouco tempo depois. No caminho que percorri pela cidade, fiquei a me questionar sobre a escolha do semáforo, um tanto afastado dos principais fluxos. Já depois da chegada, direcionei minha dúvida a Paulo, meu informante. Ele e Bianca me explicam que este sinal já é conhecido por eles desde a antiga quadrilha junina que faziam parte. “Aqui não há aqueles trombadinhas, que dividem o espaço com agente, e também não é tão agitado, como o sinal do

shopping”, afirmou Paulo. Há outras explicações e na noite anterior Amanda me disse que a escolha se justifica porque o bairro é considerado nobre na cidade, remetendo a maiores chances de arrecadação. Logo, nem o bairro, nem, muito menos, o semáforo são escolhas aleatórias, mas sim, orientadas a partir de determinadas lógicas de uso e dos saberes destes sujeitos sobre a urbanidade. O cruzamento é composto por quatro faixas duplas. Isso facilita a apropriação do espaço, onde os jovens se dividem em pequenos grupos e passam a ocupar cada um dos locais. Estrategicamente, uns começam a se sobrepor sobre os outros. É como “quem tiver melhor jeito de pedir, ganha mais”. Nesse jogo de relações, há regras básicas, estabelecidas pelos líderes. Os jovens devem providenciar calças ou shorts longos e usar as fardas com o nome do grupo, pois acaba sendo uma forma de “impor respeito”. Com o tempo, pequenos grupos passam a ocupar os sinais, tomando como base para a escolha do local determinadas afinidades, principalmente, com os espaços. “Cada pessoa tem um ponto certo aqui. Já vem desde o grupo antigo” (Bianca). “É, em cada sinal, cada um se sente bem” (Paulo). Percebo, porém, que isso não significa uma rígida fixação, onde os jovens não possam andar entre os sinais, mas sim, que mantém afiliações entre si conforme aproximações, formas de estratégias e conhecimentos sobre os locais onde se posicionam para interagir com o espaço, os motoristas e outros grupos que aí também circulam. Isso se evidencia em explicações tais como: “A avenida que dar acesso ao aeroporto é mais fácil das pessoas darem notas de reais, ao invés de pratas, e a gente logo bate a meta” (Bianca). “A estratégia pra gente é calcular o tempo até o sinal abrir, para que não peça em carros ou motos quando isso acontecer” (Leandro). Estas estratégias diferenciam os próprios jovens no interior do grupo, como afirmou Paulo para se referir a um dos grupos apelidado de espartanos, como são considerados os jovens que mais adquirem dinheiro na ação. No passar do tempo, os primeiros jovens começam a bater suas metas. Bater a meta significa adquirir o valor estipulado conforme o número de pedágios a ser realizado, variando entre 18 e 22 reais as quantias. Desde notas de reais, até centavos em pratas, tudo é comemorado para que as metas possam ser batidas. Ecoa com frequência a nativa pergunta “Quem já bateu?” entre os jovens. Batida a meta entre aqueles mais rápidos, passam a colaborar-se entre si, completando as quantias uns dos outros e, em certos casos, daqueles que não puderam ir e tiveram suas ausências justificadas. As prestações de contas são realizadas ali mesmo, na esquina, onde se contabiliza um por um. Já por volta das 10: h00, quando tudo parece ter sido realizado, os jovens se aproximam a um dos sinais. É a hora de encerramento da missa local no bairro e, para muitos, momento de bater suas metas do dia ou adquirir maiores valores. Nos pedágios, os jovens podem receber moedas e cédulas variadas, o que comemoram. Porém, recebem também ofensas, piadas e xingamentos que carregam em suas memórias. Expressões do tipo: “vão trabalhar”, “Quadrilha? [Risos]”, são lembradas pelos jovens. Por volta das 10: h30 começam a se dispersar, o dia já ficara bastante quente e muitos voltarão a pé aos seus bairros de moradia. As atividades não se encerram pela manhã e a tarde, voltam a se reencontrar para mais uma, os ensaios coreográficos, podendo durar das 17: h00 até às 20: h30. (Diário de campo, 29-03-2015).

As atividades de arrecadação, especialmente os pedágios, evidenciam dinâmicas particulares nas experiências e relações dos jovens entre si e com os distintos espaços onde estão. A cidade passa a mediar, a tornar possível, contatos diversos e

possibilidades díspares no agenciamento do projeto junino, ou nas práticas culturais que servem como marcas identitárias para os jovens.

Imagens 12, 13 e 14 (Pedágios)



(Fotos: Ricardo Cruz Macedo)



(Fotos: Ricardo Cruz Macedo)

As imagens acima servem de indicativo e corroboram na compreensão da categoria protagonismo enquanto agenciamento de performances e condições necessárias para a produção da quadrilha junina pelos jovens.

Nestas apropriações, o urbano passa a ser expresso nas inserções destes sujeitos em suas paisagens, nas suas práticas culturais, nas estratégias e usos produzidos. A luz da antropologia urbana, Alexandre Pereira (2015, p.102) acrescenta a discussão ao sublinhar Michel Agier (2011) que diz:

O desafio é justamente entender que múltiplas cidades são produzidas pelos agentes sociais. É preciso buscar as cidades feitas pelos atores sociais, ou pelos cidadãos, em suas múltiplas apropriações cotidianas do espaço urbano.

Nos pedágios ocorre uma intensa reafirmação de redes relacionais, onde se expõem, por assim dizer, hora sobre afinidades, vínculos e sociabilidades, hora sobre oposições, conflitos e disputas. A própria experiência de pesquisa etnográfica torna-se uma via expressiva à problematização da cidade como local marcado pela constante

ebulição e diversidade, demandando a apreensão e compreensão para o manejo de diferentes códigos e possibilidades em que se refletem mundos citadinos, e aqui, juvenis.

“É só os carros pararem que agente já sabe quem é que vai. Saímos de muitos, mas, quem me ver não vai logo pro carro da traz onde eu estou porque eu é que vou pra lá. Eu aprendi que para pedir tem que ser objetivo e rápido para que possa dar tempo fazer um bom número de carros e adquirir mais. É simples, mas tem que saber pedir e agradecer para que o cara que está do seu lado ou de traz de você, nos outros carros, não ache que você é abusado. Eu mesmo tive de uma vez ir quase ganhando 100 reais. Mas, na verdade o cara tirou foi onda de minha cara e perguntou se eu acreditava que ele ia dar era aquela nota mesmo. No final, me deu só 25 centavos. Mas eu agradeci, pra não espantar os outros. Tudo o que vier, é ajuda” [Sérgio]. (Trecho extraído de Diário de campo, 28-03-2015).

As ações de arrecadação financeira produzidas por grupos culturais nas quais as quadrilhas juninas são exemplos possibilitam retomar a categoria protagonismo, como aqui proponho, para pensar como a experiência juvenil é criada e recriada através dos próprios jovens em seus distintos espaços. Assim, são essenciais à problematização destes sujeitos quando consideradas como parte indissociável do processo de produção, identificação e visualização com as quais os jovens e seus grupos passam a se afirmar nos cenários em que estão. Marcam, ao mesmo tempo, formas de significação e interação na cidade através de suas diferentes experiências e inserções.

4.3- Hoje é dia de festival: As quadrilhas juninas e as apropriações do urbano

As apresentações das quadrilhas juninas são envoltas numa série de preparos. Ritualizados durante os meses do ano, eles revelam dinâmicas nas relações entre os jovens nos seus grupos e com aqueles com quem competem, com os espaços de uso e com as apropriações da cidade. À medida que se aproxima os festejos juninos - entre o início de junho podendo ir até meados de agosto - a sede como espaço de encontros dos jovens faz deslocar a centralidade dos pátios de ensaios para si. Os brincantes emendam noites e dias a fim de encerrar seus projetos juninos e possibilitar as estreias nos festivais. Como momento ápice e intenso de relações, onde o próprio processo de pesquisa depara-se com faces até então não vistas, os dias de apresentações tornam-se distintos em relação ao cotidiano de produção das quadrilhas juninas.

Na sede, as movimentações ocorrem desde o amanhecer e muitos jovens tornam este ambiente, local para a sua própria dormida. A distribuição das atividades aglutinam

os corpos sobre determinadas lógicas, reverberando significados, mesmo que inconscientes, sobre os gêneros. As mulheres vivenciam pequenos rituais de preparação, envolvendo maquiagens e penteados arrumados um a um, chegando a entrar a noite. Os homens, por sua vez, finalizam materiais como peças de figurinos e partes dos cenários, arrumando-se mais rapidamente durante já nas noites.

Como espaço de encontros e relações durante o dia, a sede fica vazia a noite, quando os jovens saem em direção aos festivais pela cidade e região do Cariri cearense. As apresentações, por sua vez, podem servir como mecanismos de inversão das lógicas que orientam o cotidiano dos jovens onde são, muitas vezes, invisibilizados. Tornam-se ainda momentos onde se reafirmam sentidos como “*aqui somos artistas*”, corroborados pelas filmagens constantes, pelos flashes, pelos convites a fotografar, pelos aplausos e anúncios.

Imagens 15, 16 e 17 (Apresentações em festivais juninos)



(Fotos: Ricardo Cruz Macedo. À esquerda, festival de Crato. À direita, etapa SESC Ativo - J. do Norte).



(Foto: Ricardo Cruz Macedo. Casal de noivos na etapa SESC Ativo - J. do Norte).

As apresentações das quadrilhas juninas nos festivais mediam deslocamentos e usos na/da cidade, possibilitando interações entre jovens e grupos de cidades diferentes, atraindo públicos distintos que lotam as quadras. Acentuando a questão, Hayeska Barroso (2013, p.88) afirma:

Ainda que estejam perpassados pelo debate da competição que lhe acabou sendo inerente, os festivais têm a capacidade de desterritorializar e deslocar os grupos de quadrilhas juninas de seus bairros de origem, de suas cidades. Todo processo de reconhecimento e visibilidade pelo qual passou a festa junina perpassa esses deslocamentos que possibilitam intercâmbios, trocas e sentimentos diversos.

Os festivais colaboram na elaboração e manutenção de redes de relações com sujeitos e espaços outros para além daqueles do grupo, intercambiando valores e saberes aos envolvidos.

“A gente tem a oportunidade de conhecer outros lugares, outras pessoas. São vários grupos, de lugares diferentes” (Erica. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Há! Na quadrilha, você sai, vai pra rua!” (Sandro. Entrevista realizada em 08-04-2015).

Se os encontros para as atividades de produção da quadrilha junina durante o ano possibilitam as saídas dos jovens com seus grupos no bairro e na cidade, os festivais tornam esse espaço de alcance maior, estendendo-se para outras cidades da região do Cariri, do Ceará e até para outros estados. Dessa forma, a cidade tomada como pano de fundo para as práticas culturais é apresentada como um cenário amplo de trocas e de comunicação, evidenciada nas formas de uso não limitadas a uma inscrição local, nem soltas ao sabor da movimentação sem rumo (Magnani, 2005, p.26). Estas figurações, e aqui as quadrilhas juninas, ressoam, assim, como ferramentas que mediam às vivências para além de espaços como a família, servindo como ponto de referência para a circulação na cidade e fora dela através dos festivais.

Nos espaços de realização das competições, expõe-se um intenso jogo de relações a partir das disputas que ocorrem entre as quadrilhas juninas. Nestes, se estabelecem determinados graus de aproximação ou aversão, indicados nos xingamentos e zombarias entre determinados jovens e grupos.

Realizadas as apresentações, os momentos de esperas nas madrugadas pelos resultados tornam agitados os ambientes dos festivais. Visibilizam-se entre os quadrilheiros as performances e estéticas dos grupos concorrentes, suas indumentárias e

temáticas trabalhadas. Uma vez sendo a cidade²⁴ o palco privilegiado dos festivais, pode-se aferir que sejam estes últimos, “vitrines” das transformações germinadas nos processos de invenção, apropriação e significação da festa a partir dos grupos culturais de quadrilhas juninas.

4.4- “A alegria do povo é nossa recompensa!” As performances grupais e os processos de reconhecimento social

As relações entre os grupos juninos e, sobretudo, os públicos nos festivais de quadrilhas tornaram-se, ao longo da pesquisa, instrumentos para a problematização sobre modelos de performances “mais visibilizados” e aceitos. É nesse sentido que aos poucos ia percebendo que estes processos estavam imbuídos de uma densa intersecção, envolvendo a elaboração de projetos juninos nos quais os quadrilheiros consideram não apenas a presença dos olhares atentos dos jurados técnicos, avaliadores de quesitos, mas, as reações daqueles que estão fora das quadras, os públicos.

As premiações nos festivais têm forte valor simbólico no processo de reconhecimento social dos grupos juninos. Desta maneira, os quadrilheiros procuram desenvolver temas, músicas, textos do casamento matuto, indumentárias, etc., de modo a considerar que suas apresentações envolvam àqueles que as presenciem e acompanham durante o ciclo junino. No entanto, não apenas neste momento, a visibilidade em que se envolvem as quadrilhas juninas a partir das aquisições de títulos possibilita os reconhecimentos dos grupos durante os demais meses do ano.

“O público tem um papel superimportante. Não só nesse trabalho que a gente faz, mas no trabalho de qualquer artista. O artista precisa de seu público. Eu não diria o fã, porque eu acho que fã da quadrilha isso não existe. Existe o fã do movimento artístico junino e folclórico. E o fã é o que dar prestígio ao artista, num é? E todos aqui são artistas. Então, o público tem que está lá. O que a gente prepara tem que ser pro povo. É pro povo apreciar, se deleitar, tirar suas próprias concepções. De certo ou errado, foi bom ou não foi. Não é pro grupo seletor de pessoas que estão lá pra te julgar exclusivamente. É pras pessoas terem entretenimento e agente sempre quer entretenimento de boa qualidade. Então, o público é a outra parte da moeda, nesse trabalho aqui. Porque eu posso não ter todos os dez dos jurados, mas se eu tiver do povo é o que vai me dar força pra ir pros próximos anos, próximas apresentações. São os dez do povo e não os dez das planilhas que me levam a fazer e refazer de novo” (Alexandre. Entrevista realizada em 26-02-2015).

²⁴ Trabalhos aqui citados mostram a cidade como o celeiro das transformações atravessadas nas práticas culturais dos festejos juninos. Para maiores detalhes, ver, por exemplo, Hayeska Barroso (2013), Luciana Chianca (2011) e Elizabeth Lima (2008).

As positivas avaliações dos jurados e dos públicos como grupos que compõem, junto com as quadrilhas juninas, os cenários festivos, incidem no desenvolvimento das performances para as apresentações. É a partir do cumprimento aos editais que estabelecem regras, organizam os quesitos de pontuação, determinam o tempo, que as quadrilhas juninas pontuam seus desempenhos. Nesse mesmo sentido, é também sabendo da existência do público, do seu lugar como “face da mesma moeda”, conforme o entrevistado acima, que os grupos se projetam nos festivais. Estes desejos espontâneos dos públicos tornam-se um recurso e um pretexto inconsciente (Adorno, 2002) nas produções das quadrilhas juninas, ressoando como os jovens estão atentos ao compartilhamento de valores específicos do ciclo junino. Pode-se mesmo afirmar que o desempenho grupal passa pelo encanto ao público, logo também, por uma estética própria.

A partir da proposta de Machado Pais (1990, p.05), este reconhecimento social está atravessado pela valorização de um capital simbólico através de uma exibição pública. Está em jogo à emergência de significados que legitimem as performances publicamente a partir de aspectos como, por exemplo, musicalidade, coreografia agitada, teatro divertido do casamento matuto, e figurinos e seus adereços. Este é também o campo das tensões, dos limites, onde tem eco as inventividades e ressignificações dos festejos através de efeitos como o uso de fumaça de gele seco nas aberturas da dança, de papel picado, de luzes, de cenários ágeis aos deslocamentos em quadra, etc.

A noção de reconhecimento social possibilita entender os jovens dentro de perspectivas suscitadas por eles mesmos. Nos trechos que segue, evidencio como são ditas algumas representações fornecidas pelos sujeitos de pesquisa e como reverberam sentidos atribuídos ao reconhecimento social.

“Somos artistas completos, né! Dançamos, cantamos, atuamos, fazemos figurinos”. (Erica. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Só em um elogio que a gente recebe, já paga tudo. Só um sorriso e um ‘Valeu, cara! Estava legal’”. (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“E quando você vê alguém se acabando com você, você se realiza. Por mais que a gente não leve o festival, mas a emoção da plateia contagia”. (Bruno. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Isso dá um reconhecimento!”. (Leandro. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“E isso é o que a gente quer. É reconhecimento. Eu acho assim, que esse momento tem mais valor pra gente do que a questão financeira. Porque tem tanta gente que passa por dificuldades financeiras com a família e vem pra cá... Por que se fosse pago não tinha essa vontade toda de vir pra cá. Agora, só pelo reconhecimento do pessoal, da alegria que a gente tem ali com os amigos, já vale a pena” (Erica. Entrevista realizada em 18-03-2015).

“Com relação ao negócio de título, cara! Aqui também você tem chance. É isso. Você está vindo aqui brincar, mais tendo ciência de que você está disputando alguma coisa porque se você não conseguir, como é que você vai pra frente? E aqui tem isso. De você lutar, de você brigar pra poder conseguir”. (Sérgio. Entrevista realizada em 11-03-2015).

A elaboração de sentidos pelos jovens sobre aquilo que é consumido nas quadrilhas juninas tenciona estilos de vida marcados pelas competições nas quais estão imersos. As legitimações dos grupos decorrem de especificidades, de singularidades, por assim dizer, abordadas. Um personagem trazido na temática, uma forma de exposição do teatro do casamento matuto, um ou outro passo de dança, certa animação musical, etc., servem de base e indicativos para apontar tais especificidades.

Nesse contexto de consumo cultural, de mudança estética e coreográfica das quadrilhas juninas, seus atores sociais não estão alheios a essas modificações. Eles não são mais aqueles indivíduos passivos que recebiam as informações e as consumiam sem contestação, mas sim, cidadãos pensantes e ativos. Nessas novas configurações das quadrilhas juninas, [...] enquadram-se os novos cenários estilísticos em que se encontram as instituições que ganham os concursos de quadrilhas juninas (Araújo, 2014, p.56).

Públicos e jurados exercem, simultaneamente, influências sobre os projetos juninos construídos pelas quadrilhas juninas. Isso margeia as inter-relações entre quadrilhas, públicos, produtores e jurados dos festivais, possibilitando perceber as legitimações sociais, os reconhecimentos, as tensões. Ou seja, fala-se das modelações ocorridas no seio destes campos, onde as práticas dos quadrilheiros, aqui dos jovens, são elaboradas pelas interconexões com outros grupos sociais. Em paralelo, revelam-se as transgressões, onde os sujeitos em suas figurações são também responsáveis pelas reinvenções das festividades juninas.

Metrificaram-se passos coreográficos, determinaram-se tempo das apresentações, refizeram-se os figurinos para além daqueles cheios de emendas e retalhos, agregaram-se novos instrumentos e ritmos às músicas. As transformações verificadas nos festejos juninos no Brasil, sobretudo, nas últimas décadas do século XX, culminaram na determinação de quesitos, incidindo nas formas como as quadrilhas juninas passariam a

ser encaradas. Em Juazeiro do Norte, e nos festivais juninos ocorridos na região do Cariri e Ceará, essas transformações também estiveram presentes, refletindo traços ocorridos dentro destes espaços sugeridos.

Nestes processos, as práticas e experiências dos jovens se anunciam sobre tensões sociais.

As juventudes presentes na quadrilha junina se apresentam como um elemento fundante da nova configuração estética da instituição. Elas atuam em um cenário de consumo cultural e são convidadas a não somente consumirem, mas, a produzirem um novo momento da instituição em conjunto com o marcador e o idealizador do tema na história que a quadrilha irá contar no concurso (*Idem*, 2014, p.57).

Ainda nestas perspectivas, Hayeska Barroso (2013, p.88) sugere:

Para o quadrilheiro, aquele que se apresenta e desempenha uma performance, e para aquele que assiste, posso afirmar que há um duplo movimento construtivo: constroem-se os atores e os espectadores, e nesse sentido, [...] não se é possível pensar um elemento na ausência do outro.

Os públicos, aparentemente peças passivas durante as apresentações dos grupos, se tornam agentes indispensáveis que dialogam com as quadrilhas juninas, promovendo, ou não, as agitações e a alegria como traços marcantes nas festas.

“Vemos o público como um grande amigo do grupo. Ele é tão importante para a gente quanto àqueles caras que nos avaliam. Os jurados, sabe? Talvez até mais, porque se os nossos personagens forem bons, se o público gostar da nossa festa, é só alegria. Por isso, nossa apresentação tem que ganhar o público e é por isso que eu digo a moçada que nós estamos aqui. É para encantar nosso público que se dispôs a ir nos ver por onde a gente anda” (Alexandre. Trecho extraído de Diário de campo, 22-02-2015).

Nestas tensões suscitadas, onde se vivenciam as inter-relações, os hibridismos e as legitimações, os reconhecimentos mediados pelos festivais possibilitam as inversões dos cotidianos urbanos, marcados pelas invisibilidades de certos atores e grupos.

Imagens 18 e 19 (Rainha e seu par - Etapa Ceará Junino, Juazeiro do Norte)



(Fotos: Ricardo Cruz Macedo)

As imagens anteriores colaboram para a compreensão na perspectiva sugerida, indicando como os quadrilheiros passam a ser reconhecidos pelos públicos dentro dos espaços de apresentações. Nestas condições, pode-se pensar que as quadrilhas juninas, como instrumentos de mediação das práticas juvenis à vida social, se reinventam para assumirem novos sentidos, para criar novas linguagens e novas maneiras de se comunicar com o público (Lima, 2008, p.127). Refazem-se, assim, ambos os grupos, onde as suas interconexões incidem nos imaginários das festas juninas, nos valores e simbologias e, ao mesmo tempo, na vida social através das diferentes práticas e experiências dos diversos sujeitos envolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de pesquisa revela inúmeras situações e experiências, revividas em um contínuo fluxo de trocas e aprendizagens. Diante da proposta de análise na qual imergi nesta Dissertação, os diversos contatos foram me mediando a olhares intensos sobre os sujeitos de interação, os jovens, seus locais, redes de relações e significados.

Frente o ponto de partida, busquei oferecer uma compreensão sobre as práticas de sociabilidades e protagonismos vividos pelos jovens nas quadrilhas juninas, percebendo o quão são construídas e apropriadas com forte valor social, denotando identidades e modos de pertencas. Constatei ainda, que se constituem, por assim dizer, em estilos de vida, marcados por um conjunto de experiências em torno das festividades juninas. Nestas mesmas dimensões, a exploração das hipóteses orientadoras da análise demonstraram linhas interpretativas sobre os universos juvenis. De tal sorte, grupos culturais como a Agremiação Junina Cariri se ressoam como locais de afinidades e tensões, estando em jogo difusas expressões a partir dos pertencimentos, amizades e sociabilidades entre os jovens, mas, concomitantemente, disputas, conflitos e processos de reconhecimento social. Na problematização elaborada, percebi também como os grupos culturais podem ser tornar pontos de referência para ocupação do tempo e para a identificação dos jovens, conferindo-se como espaços férteis à compreensão juvenil.

No bojo das categorias destacadas, expus as festas juninas para além de ícones tradicionalizados, onde se associa, por exemplo, símbolos como os quadrilheiros as vestimentas rasgadas e remendadas, aos chapéus de palhas, aos passos como *balancê*, *alavantú*, *anarriê*. Desse modo, ofereci um olhar sobre os festejos juninos a partir de tensões que envolvem aspectos “tradicionais” e “modernos”, interpretando como diferentes atores os vivenciam para além de seus limites temporalmente preestabelecidos.

Nestas perspectivas, foi notória a percepção de que os sujeitos juvenis possam ser atores singulares dentro dos processos de ressignificação destas festividades. Eles contribuem para novas maneiras de reprodução e produção, apontando para suas dizibilidades e tessituras. Ao mesmo tempo, sugeri que as práticas e experiências dos jovens podem ser vistas como ferramentas de significativo valor na compreensão dos distintos contextos sociais não apenas destes sujeitos. Elas, as práticas e experiências, revelaram às intersecções, os simbolismos, as apropriações e as ressignificações com os

espaços onde habitam os sujeitos pesquisados e neles, os diferentes grupos, instituições e fatos sociais.

Desnudei aqui com as sociabilidades e protagonismos as reafirmações de relações sociais entre os sujeitos de pesquisa durante grande parte do ano, especificando ações produzidas pelos próprios jovens que estão para além daquelas contidas nas apresentações públicas dos festivais juninos. Isso possibilitou pensar como ocorrem as relações entre os jovens, como são mantidas as unidades grupais, como significam as experiências sociais. No passo a passo juvenil de produção da quadrilha junina, fui demonstrando a preocupação com que estes sujeitos conduzem suas atividades uma vez que elas fundamentam o desenvolvimento de quesitos que serão avaliados por jurados técnicos e por públicos nos festivais, possibilitando as legitimações simbólicas ou não no cenário junino.

A partir desse mote de análise vivido na empiria, abria-se margem à compreensão as muitas maneiras de como os jovens interagem com as festividades juninas através das quadrilhas em que participam. Do mesmo modo, sobre a construção de espaços marcados por suas próprias normatividades, denotando as identidades e visibilidades que fazem dos seus grupos instrumentos de atuação e manifestação social. Para tanto, entrei nos cotidianos de ensaios coreográficos, apreendi e aprendi junto aos jovens da Agremiação Junina Cariri os simbolismos e significados compartilhados, as performances e expectativas na participação de grupos como as quadrilhas juninas.

A rotina de pesquisa demonstrou-me o quanto os pesquisados também são pesquisadores e interrogadores não apenas da presença do pesquisador, porém, da sua ausência. Os jovens vivem intensamente as atividades da quadrilha junina e apanhar pela via etnográfica suas expressões, anseios e tensões nos distintos momentos, sendo convidado a presenciá-los, possibilitaram-me duas sensações no processo de produção dos dados. Por um lado, a impressão da positiva negociação de minha presença, por outro, a indissociável explicação à ausência. Assim sendo, muito foi revelador este quadro ao denunciar o quanto parecia ser sublime aos jovens demonstrar suas práticas, formas de se relacionar, as dificuldades estruturais e financeiras, os mecanismos para adquirir seus recursos, as apropriações da cidade, o projeto junino, os tantos momentos não vistos publicamente.

Essas conjecturas me favoreceram compreender que o conjunto das expressões vivenciadas pelos jovens da quadrilha Agremiação Junina Cariri está fortemente atravessado e marcado pelo presente, pelo momento social onde estão inseridas tantas

outras quadrilhas juninas. Isso porque, a permanência anual nos festivais juninos exige inventividade na elaboração das performances, contribuindo para as identidades no jogo das disputas em que estão envolvidos estes grupos culturais, sobretudo nos espaços urbanos.

Em fim, para os membros pertencentes aos grupos de quadrilhas juninas tão logo recomeça o ano, inicia-se um novo ciclo de atividades e encontros. Abre-se um novo momento, mediador de tantas relações, conflitos, sociabilidades e protagonismos. Sob palavras de conclusão, saio convicto de que muito mais poderá ser dito sobre as interconexões que aqui estabeleci e ofereci sobre os sujeitos, os espaços e as categorias com que tomei como preocupação neste estudo. Contudo, ficam os ecos de um discurso a partir das experiências desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 5ª ed.

ALVES, Adjair. **Treinando a observação participante**: Juventude, linguagem e cotidiano. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

ARAÚJO, Liana Matos. **Juventudes e quadrilha junina**: Estilos de vida e sociabilidades no cenário do consumo cultural em Sergipe. São Cristóvão, 2015. (Dissertação de Mestrado em Antropologia - UFS).

BARROSO, Hayeska Costa. **Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar**: Um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1986.

BORELI, Silvia Helena Simões. ROCHA, Rose de Melo. OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (Coords). **Jovens na cena metropolitana**: Percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009. 1ª ed.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: Crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 11ª ed.

____. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. **Revista Sociologia, Problemas e Práticas**. N.º 63, p. 113-137, 2010. ICSTE - Instituto Universitário de Lisboa - IUL. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2439/1/n63a07.pdf>. Acesso em: 15/04/2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes do fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. São João: A mais brasileira das festas [On-line] In: **Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades**. Pág. 141-146, Internet, 2011.

Disponível em: <http://anaiscoloquiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>. Acesso em: 01/02/2015.

COSTA, Márcia Regina. SILVA, Elizabeth Murilho da (Orgs.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2006.

DAYRELL, Juarez. Por uma Sociologia da Juventude. **Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG** / setembro de 2010. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BD6965967-E284-4B3C-B005-A28EBBBE3B35%7D_Sociologia%20da%20Juventude.pdf Acesso em: 08/06/2014.

____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Disponível em: www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/texto%SCABA2004.html Acesso em: 05/03/2014.

____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**: Belo Horizonte, V. 24, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf> Acesso em: 05/05/2014.

DUBET, François. **La Galère**: Jeunes en survie. Paris: Fayard, 1987.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios**: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina**: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: 2005.

FRAZER, James George. **O Ramo de Ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Festa de São João nos discursos bíblico e folclórico**. Campina Grande: EDUFPG, 2010.

____. **A fábrica dos sonhos**: A invenção da festa junina no espaço urbano. Campina Grande: EDUFPG, 2008. 2ª ed.

MAFFESOLI, Michel. A comunidade emocional: Argumentos de uma pesquisa. In: _____. **O tempo das Tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGALHÃES, Liliâne Sousa. 2008. **Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09022010-090134/pt-br.php>>. Acesso em: 20-12-2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**. São Paulo, V. 17, nº 2, novembro de 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a08v17n2> Acesso em: 10/04/2014.

_____. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, RBCS, V. 17, nº 49, julho de 2002. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10704902> Acesso em: 30/04/2014.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, V.30, nº.2, p. 289-300, 2004. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/2SF/Metodologia_Qualitativa_de_Pesquisa.pdf Acesso em: 01/10/2014.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Juventude, memória e cultura**: Articulações para o encontro entre distintas gerações. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=224&Itemid=171 Acesso em: 01-12-2012.

MELO, Mônica Aparecida Soares Silva de. LEITE, Marcos Esdras. Grupos culturais juvenis e participação na cidade: mobilidade, possibilidades e desafios. **II CONINTER** – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte, outubro de 2013. Disponível em: <http://www2.coninter.com.br> Acesso em: 03/06/2014.

MÜLLER, Elaine. Repensando a problemática da transição à adultez: Contribuições para uma Antropologia das Idades. **Revista de Ciências Sociais**, n. 31, - p. 107-125, setembro de 2009.

NUNES, Antônio Sedas. As gerações na sociedade moderna: conceitos e perspectivas. In: _____. **Sociologia e ideologia do desenvolvimento**. Lisboa: Moraes, 1969.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. 2ª ed.

____. A construção sociológica da juventude: Alguns contributos. In: _____. **Análise Social**. V. XXV, p. 139-165. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1990.

____. Lazer e sociabilidades juvenis: Um ensaio de análise etnográfica. In: _____. **Análise Social**. V. XXV, p. 591-644. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1990.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Práticas culturais juvenis na metrópole: A etnografia como acesso às múltiplas experiências do urbano. In: ANDRADE, Maristela. AMORIM, Lara. FRANCH, Mônica. (Orgs.) **Antropologia em novos campos de atuação**: Debates e tensões. João Pessoa: Mídia gráfica e Editora, 2015.

RANGEL, Lúcia Helena Vitali. **Festas juninas, festas de São João**: Origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RIBEIRO, Luci Silva. **Processo e Figuração**: Um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ROMERO, G. Maia. Interpretando o que se diz sobre jovens: Um ensaio crítico. **Verinotio**- Revista On-line de Educação e Ciências Humanas. Nº 8, ano IV, maio de 2008 (Publicação semestral). Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.62499424500856.pdf>. Acesso em: 25/11/2012.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. Culturas Juvenis: um estudo comparativo entre Brasil e México. **XVI Congresso Brasileiro de Sociologia**. Salvador, 2013. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT22/GT22_FaytSallas.pdf Acesso em: 08-08-2015.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SOUSA, Eder Claudio Malta. Culturas urbanas juvenis: “Jogo” identitário, lugares e sociabilidades. **XV CISO-Encontro Norte e Nordeste De Ciências Sociais / Pre - Alas Brasil**. Teresina - Piauí, 2012. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT19-19.pdf> Acesso em: 10/04/2014.

SPOSITO, Marília P.. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**: Revista de Sociologia da USP. V.5, n.1-2. São Paulo, 1993. Disponível em: http://www.neresconcursos.net/wa_files/Sposito_-_A_Sociabilidade_juvenil_e_a_Rua.pdf Acesso em: 14/10/2014.

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 3ª ed.

WATIER, Patrick. Os tipos ideais. In: _____. **Uma introdução à sociologia abrangente**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 4ª ed.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: Aportes teórico-metodológico e análise de uma experiência com o método**. Educação e Pesquisa, São Paulo, V.32, n.2, p.241-260, maio/agosto, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>. Acesso em: 21/10/2015.

ANEXOS

QUESTIONÁRIOS

Parte I- Os sujeitos de pesquisa

- 1- Nome?
- 2- Posso utilizar seu nome no texto, caso necessário? () Sim () Não
- 3- Idade?
- 4- Gênero?
- 5- Bairro de residência?
- 6- Cidade?
- 7- Escolaridade?
- 8- Possui Trabalho remunerado? (Obs. Se sim, em que?)
- 9- Mora com quem?
- 10- Em três palavras, diga o que representa a AJC para você?

ENTREVISTAS (Individuais)

Parte II - Como foi fundada a Agremiação Junina Cariri.

- 1-Como a quadrilha junina começou?
- 2-Qual o significado do nome AJC?
- 3-Há um projeto que rege a AJC?
- 4-Quais as normas do grupo?
- 5-Já tiveram títulos? Quais?

Parte III- Promotores dos festivais de quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte.

- 1-Como e quando foi criado o festival organizado por esta instituição?
- 2- Qual a importância do mesmo para a cidade?
- 3- Atualmente, quantas quadrilhas juninas participam?
- 4- Quais os critérios julgadores dos grupos nos festivais?
- 5- Como ocorre o processo de seleção?
- 6-Em qual data acontece?
- 7- Quais prêmios ofertados?
- 8- Há vinculação a outros festivais de porte estadual?

9- Qual sua opinião sobre as quadrilhas juninas atualmente?

(Grupos de discussão)

Parte IV - Os jovens e o cotidiano na Agremiação Junina Cariri

1-O que representam as festas juninas para vocês?

2- O que representam as quadrilhas juninas para vocês?

3-Como se deu a sua relação com as quadrilhas juninas?

4-Quanto tempo por semana vocês se dedicam às atividades do grupo?

5- Qual a opinião da família de vocês sobre a participação na quadrilha junina?

6-Vocês têm pretensões com relação à participação no grupo?

7-Como vocês participam da quadrilha junina?

8-O que é a AJC para vocês?

9- Qual o significado que a palavra galera tem para o grupo em sua opinião?